

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

PAULO ROBERTO DE JESUS MENEZES

SOCIEDADE, IMAGEM E BIOGRAFIA NA LITOGRAFIA DE SEBASTIÃO SISSON

RIO DE JANEIRO

2008

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

PAULO ROBERTO DE JESUS MENEZES

SOCIEDADE, IMAGEM E BIOGRAFIA NA LITOGRAFIA DE SEBASTIÃO SISSON

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social, PPGHIS, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos à obtenção do título de Mestre em História.

Orientadora: Professora Dra. Norma Côrtes

RIO DE JANEIRO

2008

FICHA CATALOGRÁFICA

Menezes, Paulo Roberto de Jesus.

Sociedade Imagem e Biografia na Litografia de Sebastião Sisson/ Paulo Roberto de Jesus Menezes. -- 2008.
116f.:

Dissertação (Mestrado em História Social) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em História Social, Rio de Janeiro, 2008

Orientadora: Professora Dra. Norma Côrtes

1. Litografia. 2. Brasil - Biografia – Século XIX. 3. Sisson, Sebastião. I. Côrtes, Norma (Orient.). II. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Programa de Pós-graduação em História Social. III. Título

Paulo Roberto de Jesus Menezes

SOCIEDADE, IMAGEM E BIOGRAFIA NA LITOGRAFIA DE SEBASTIÃO SISSON

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social, PPGHIS, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos à obtenção do título de Mestre em História.

Aprovada em

Professora Dra. Norma Côrtes – Orientadora

Professora Dra. Lorelai Brilhante Kury – UERJ/ FIOCRUZ

Professor Dr. Manoel Luiz Salgado Guimarães – PPGHIS/UFRJ

Para Sandra, Beatriz e Julia

Agradecimentos

Desde que ingressei nesta aventura pela História tenho encontrado pessoas sempre dispostas a compartilhar comigo seus conhecimentos. Assim, o momento da conclusão e apresentação da dissertação é também o de reconhecer a importância destas contribuições.

Primeiramente agradeço à professora Norma Côrtes não só pela orientação mas, especialmente, pela liberdade, a confiança e o constante incentivo dado ao trabalho de pesquisa. Sempre saí de nossas conversas convencido de que estava no melhor caminho.

À professora Lorelai Kury fica meu agradecimento pela gentileza em participar da minha banca e sua valiosa indicação de leituras por ocasião do exame de qualificação. O trabalho de Maria Inez Turazzi, *Poses e Trejeitos: a fotografia e as exposições na era do espetáculo – 1839/1889*, foi fundamental para o redirecionamento de minha pesquisa

Agradeço ao professor Manoel Salgado Guimarães por contribuir de forma singular para minha formação intelectual desde a graduação até então. Tenho absoluta certeza que é um privilégio poder contar com seus comentários e sugestões de leitura. Muito do que sei sobre o ofício de historiador aprendi em suas aulas e seminários.

Ao Programa de Pós-Graduação em História Social do IFCS meu agradecimento pela oportunidade de desenvolver esta pesquisa.

Deixo registrado também o agradecimento ao jovem Daniel Viegas Paes Rouxinol pelas fotografias dos documentos e pelo trabalho de digitalização e edição das imagens. Tudo parece mais fácil quando temos a competente ajuda de um profissional como ele.

RESUMO

Menezes, Paulo Roberto de Jesus. *Sociedade, Imagem e Biografia na Litografia de Sebastião Sisson*. Rio de Janeiro, 2008. Dissertação (Mestrado em História Social) Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

As biografias contribuíram para conformar a idéia de *persona* no Brasil do século XIX. Um de seus principais difusores, a revista trimestral do IHGB, consolidou uma forma de escrita biográfica inspirada no ideal da *historia magistra vitae*. Outras obras biográficas surgiram no oitocentos sob a influência deste mesmo modelo. Entretanto, uma delas, *A Galeria dos brasileiros Ilustres de Sebastião Sisson*, destacou-se por ter apresentado novidades em sua composição: a associação até então pouco explorada nas obras biográficas de imagens e texto. Utilizando imagens produzidas pela fotografia e a litografia, o editor inovava trazendo para as obras biográficas o caráter ilustrado tão em moda no oitocentos. Problematizar a produção desta obra no que se refere ao momento de sua produção, formas de divulgação e circulação é o motivo deste trabalho.

Palavras-chave: imagem - litografia – biografia

ABSTRACT

Menezes, Paulo Roberto de Jesus. *Sociedade, Imagem e Biografia na Litografia de Sebastião Sisson*. Rio de Janeiro, 2008. Dissertação (Mestrado em História Social) Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

ABSTRACT

The idea of *persona* in Brazil during the XIX century received a considerable contribution of biographies. One of the most important vehicles for its diffusion was the IHGB trimestrial journal, which consolidated a form of biographic writing based on the model of *historia magistra vitae*. Other biographic works came up during the nineteen century under the influence of this same model. However, one of them, the *Galeria dos Brasileiros Ilustres*, by Sebastião Sisson, received special attention because it presented a novelty in its composition: the association of images and text, so far underexplored in the biographic works. By using images produced by photography and lithography, the editor innovated, bringing to the biographic works the illustrated character, very common in the nineteen century. Discussing the issues for the production of this work during its creation, divulgation and circulation is the target of this dissertation.

ÍNDICE

	PÁGINA
APRESENTAÇÃO	2
CAPÍTULO 1 - A litografia e o mercado de imagens no Rio de Janeiro oitocentista	9
CAPÍTULO 2 - Imagens e imaginário na biografia do oitocentos - o IHBG	38
CAPÍTULO 3 - A Galeria e seus ilustres	61
CAPÍTULO 4 - A Galeria dos Brasileiros Ilustres	83
CONCLUSÃO	105
REFAZENDO UM TRAJETO	107
BIBLIOGRAFIA	109

Lista das ilustrações

	Página
Fig. 1 Sebastião Augusto Sisson	1
Fig. 2 Página do <i>Almanak Laemmert</i> de 1855 com anuncio de Sisson	11
Fig.3 Página do <i>Almanak Laemmert</i> de 1877 com anuncio de Sisson, já Litografia Imperial	12
Fig.4 Retrato litografado de Aureliano de Souza Coutinho assinado por A.Sisson, publicado junto à sua biografia na Revista Brasil Ilustrado em 1855	13
Fig. 5 Charge de A. Sisson publicada na Revista Brasil Ilustrado em 1855	14
Fig. 6 O namoro, quadros ao vivo. Quadrinho assinado por S... o C ^{io} , publicado na Revista Brasil Ilustrado em 1855	15
Fig. 7 Página do <i>Almanak Laemmert</i> de 1844 com anúncios de litografias	21
Fig. 8 Universo Ilustrado. Anuncio do Jornal do Comercio de 16 de janeiro de 1859	26
Fig.9 Anuncio do “único” estabelecimento no Brasil de retratos de fotografia. Página do <i>Almanak Laemmert</i> de 1853	27
Fig. 10 As primeiras oficinas de fotografia anunciadas no <i>Almanak Laemmert</i> de 1847	35
Fig. 11 Página do <i>Almanak Laemmert</i> de 1853 com o anuncio de 7 oficinas de Daguerreótipos	36
Fig.12 Anuncio de “novo sistema de retratos”. Diário do Rio de Janeiro, 13 de Julho De 1857	37
Fig.13 Anúncio publicado no Jornal do Comércio em 1º de fevereiro de 1859	49
Fig. 14 Gráfico para ano de nascimento dos biografados pelo IHGB	55
Fig. 15 Gráfico para local de nascimento dos biografados pelo IHGB	55
Fig. 16 Gráfico para ocupação principal dos biografados pelo IHGB	56
Fig. 17 Gráfico local de formação dos biografados pelo IHGB	56
Fig. 18 Litografia de Honório Hermeto Carneiro Leão – o Marques de Paraná	64

	Página
Fig. 19 Litografia das princesas Isabel e Leopoldina	66
Fig. 20 Litografia do Imperador Pedro I	67
Fig. 21 Litografia do Imperador D. Pedro II	68
Fig. 22 Retratos de personagens celebres. Jornal do Comercio, 08 de janeiro de 1859	69
Fig. 23 Litografia da Imperatriz Thereza Christina	72
Fig. 24 Litografia de Domingos Borges Barros – Visconde de Pedra Branca	73
Fig. 25 Gráfico para ano de nascimento dos biografados na Galeria de Sisson	81
Fig. 26 Gráfico para local de nascimento dos biografados na Galeria de Sisson	81
Fig. 27 Gráfico para ocupação principal dos biografados na Galeria de Sisson	82
Fig. 28 Gráfico para local de formação dos biografados na Galeria de Sisson	82
Fig. 29 Anuncio do Diário do Rio de Janeiro de 14 de junho de 1857 indicando José de Alencar como autor das biografias da galeria e ainda com o título Os Contemporâneos do Brasil.	84
Fig. 30 Manuscritos das biografias do Marques do Paraná e de Eusébio de Queirós	87
Fig. 31 Jornal do Comercio, 04 de maio de 1859, já <i>Galeria dos Brasileiros Ilustres</i>. Destaque para o caráter de obra nacional.	91
Fig. 32 Diário do Rio de Janeiro, 14 de setembro de 1857, já <i>Galeria dos Brasileiros Ilustres</i>	91
Fig. 33 Galeria Lusitana, Correio Mercantil, 04 de janeiro de 1859	92
Fig.34 Jornal do Comercio, 20 de janeiro de 1859. Anuncio destinado ao público francês	93
Fig. 35 Prospecto de publicação da Galeria. Biblioteca Nacional, setor de Obras Raras.	94/95
Fig.36 Retratos a óleo. Diário do Rio de Janeiro, 14 de julho de 1857	99
Fig.37 Correspondências para venda da Galeria em 1942	100
Fig.38 Correspondências para venda da Galeria em 1942	101

Lista de quadros

	Página
• Quadro 1:	
Lista dos biografados no IHGB	51
• Quadro 2:	
Lista dos biografados na Galeria dos Brasileiros Ilustres	77

A propósito de algumas litografias de Sisson, tive há alguns dias uma visão do Senado de 1860. Visões valem o mesmo que a retina em que se operam. Um político, tornando a ver aquele corpo, acharia nele a mesma alma dos seus correligionários extintos, e um historiador colheria elementos para a história. Um simples curioso não descobre mais que o pinturesco do tempo e a expressão das linhas com aquele tom geral que dão as coisas mortas e enterradas. [...] Um dia vi ali aparecer um homem alto, suíças e bigodes brancos e compridos. Era um dos remanescentes da Constituinte, nada menos que Montezuma, que voltava da Europa. Foi-me impossível reconhecer naquela cara barbada a cara rapada que eu conhecia da litografia de Sisson [...].



Fig. 1 Sebastião Sisson

Apresentação

A historiografia tem sido mais ou menos consensual em afirmar que o século XIX pode ser compreendido como o século de consolidação da sociedade burguesa, de implantação do capitalismo industrial e também da afirmação dos nacionalismos europeus, ou melhor, ocidentais. Tanto os Estados-nação, em vias de organização e estabilização, como Inglaterra e França, quanto aqueles em processo de unificação, como Alemanha e Itália, estimularam o interesse pelo estudo de suas histórias nacionais.¹ Naquele momento, surgiram várias sociedades de pesquisa particulares ou governamentais que tornavam a atividade do historiador fonte de tensões e disputas, mas que também, de certa forma, favoreceram o crescente interesse por este campo de conhecimento

Na Europa, a consolidação do pensar histórico estava intimamente ligada à discussão da nação. Ir ao passado como uma forma de legitimar e dar sentido ao presente daquele novo homem perpassava a atividade do historiador. Buscava-se em épocas passadas os elementos fundadores dos povos e das comunidades nacionais. A noção de nacionalidade era fortalecida pelo desenvolvimento de um sentimento de pertencimento e uma certa empatia com o tempo remoto aliados a um crescente individualismo.

É este o cenário no qual a História se consagrou como uma disciplina, com o conseqüente estabelecimento de regras, métodos e o seu próprio espaço na universidade, afastando-se cada vez mais de outras formas de saber e ganhando, por conseguinte, um estatuto autônomo. François Furet ao analisar a implantação da História na França, concluiu que ela nunca foi inocente; sendo-o menos ainda na sociedades francesa do século XIX. Indo

¹ Sobre a conformação dos Estados modernos ver STRAYER, Joseph R. *As Origens Medievais do Estado Moderno*. Lisboa: Gradiya, (S/D); HOBBSAWM, Eric. J. *Nações e Nacionalismos desde 1780*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990; CHÂTELET, François. *História das Idéias Políticas*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2000; CASSIRER, Ernst. *O Mito do Estado*. São Paulo, Códex, 2003; NOVAES, Adauto (org). *A Crise do Estado-nação*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2003.

mais além, afirmava que “ela não é só a genealogia da nação, mas também o estudo do progresso científico e material da humanidade.”²

Surgia uma nova forma de escrever ou fazer História. Inaugurava-se, por assim dizer, a possibilidade de o ser humano sofrer ou ser sujeito de mudanças em função de sua exposição aos fatos e acontecimentos. O homem passou a ser caracterizado a partir de seu modo de vida. Seus hábitos passaram por grandes e rápidas mudanças. Tanto o mundo material quanto o simbólico libertavam-se dos limites impostos por antigos valores. Essas transformações marcaram de forma singular a produção cultural da época, notadamente as Academias de Artes, os Liceus e também instituições como os Institutos Históricos. O Oitocentos foi lido também como “tempos deploráveis”³, no qual o surgimento de uma nova indústria “muito contribuiu para destruir o que podia restar do divino espírito francês”⁴. Um mundo em grande transformação que tinha sua tônica no progresso técnico é o que assustava e ao mesmo tempo encantava os observadores mais atentos.

Este é o ponto de partida para o desenvolvimento deste trabalho. Ele se pauta na discussão acerca do momento de constituição, consolidação e difusão de uma nova imagem da sociedade imperial brasileira que, emancipada politicamente, tem, a cada dia, relações sociais mais complexas e mais dinâmicas.

Um dos vários artífices dessa nova auto-imagem foi o IHGB, que cresce em importância e influência na vida intelectual do Império logo após os primeiros anos de sua fundação. O surgimento de uma cultura histórica no Brasil do oitocentos está intimamente ligada à sua atuação como importante difusor de idéias. Atuar no esboço de uma civilização estável politicamente na América Portuguesa tendo como modelo a Europa era a premissa

² FURET, François. *A Oficina da História*. 1988. P.123

³ Esta foi a denominação dada ao século XIX pelo poeta Charles Baudelaire. BAUDELAIRE, Charles. *A Modernidade de Baudelaire / Apresentação de Teixeira Coelho*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

⁴ *Ibid.*, p. 70. Neste trecho a preocupação do autor é o vertiginoso crescimento da fotografia ocorrido na França após a sua invenção.

básica dos mentores daquele instituto. Naquele momento o IHGB revestia-se de importância fundamental e este é um dos fatores explicativos da expansão do historicismo para além dos limites da intelectualidade. É certo que a de criação do IHGB ia ao encontro deste objetivo. Mais ainda, dentro do Instituto a publicação de biografias favoreceu a elaboração da idéia de um novo “homem brasileiro”⁵.

Biografias que mostrassem virtudes morais, ações heróicas e na quais estivesse contido um determinado modelo foi parte fundamental da história desenvolvida pelo IHGB. Esta idéia pedagógica pode ser encontrada quando se percorre o discurso de sua fundação pronunciado pelo Primeiro Secretário Januário da Cunha Barbosa:

A nossa história abunda de modelos de virtudes; mas um grande número de feitos gloriosos morrem ou dormem na obscuridade, sem proveito das gerações subseqüentes. O Brasil, senhores (...) pode contudo apresentar pela história, ao estudo e emulação de seus filhos, uma longa série de varões distintos por seu saber e brilhantes qualidades. Só tem faltado quem os apresentasse em bem ordenada galeria, colocando-os segundo os tempos e os lugares, para que sejam melhor percebidos pelos que anelam seguir os seus passos nos caminhos da honra e da glória nacional⁶

No entanto, um outro modelo de escrita biográfica despontou no Império com o surgimento da fotografia e a difusão de novos meios para reprodução de imagens – em especial a litografia - marcando fortemente a produção biográfica: a *Galeria dos Brasileiros Ilustres – Os Contemporâneos*, editada pelo litógrafo francês Sebastião Augusto Sisson.

A primeira edição desta obra data de 1859 e trazia duas importantes peculiaridades. Por um lado, as biografias – chamadas de notas biográficas – eram precedidas pelo retrato litografado do homenageado, uma inovação no Brasil do século XIX. Por outro, compunha-

⁵ Segundo Arno Wehling, o conceito de cultura histórica tem sido empregado para designar, no século XIX, a difusão do historicismo para além do mundo intelectual, gerando novas atitudes mentais em setores mais amplos da sociedade. In: WEHLING, Arno. *Estado, História, Memória: Varnhagem e a Construção da Identidade Nacional*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999, p.30

⁶ BARBOSA, Januário da Cunha. Discurso do Primeiro Secretário Perpétuo do Instituto. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, daqui em diante RIHGB, tomo I, 1839, p.9.

se apenas por personagens contemporâneas denotando, de maneira peculiar, o esforço de auto-reconhecimento de uma elite que se queria retratada não só pela valorização de seus traços físicos como também por suas qualidades morais.

Ao incluir o retrato nesta obra, o editor lançava mão de um estilo de escrita biográfica já utilizado Giorgio Vasari⁷ no século XVI. Mas, se para este são os pintores, escultores e arquitetos as personagens dignas de homenagem, para o litógrafo francês, o espírito de uma nação e a glória da pátria apareciam ligados principalmente aos feitos dos estadistas, assim ele pretendia,

desenhar as principais figuras, que tem deixado vestígios de sua passagem neste país e em sua cena política desde a independência até os nossos dias; em uma palavra; apresentar os quadros e a história do Brasil neste período.⁸

Além das novidades introduzidas no aspecto físico de sua obra, é interessante notar a orientação adotada por Sisson, na escolha das personagens de sua galeria. O uso de palavras como progresso, futuro, posteridade podem ser indícios do caminho percorrido na seleção das vidas retratadas e do momento em que a obra é editada. Elas teriam a função não de conservar um passado mas de renová-lo, adequando-o assim, ao novo presente, ou seja, uma sociedade que se transformava, já politicamente independente e também mais individualizada.

Ao eleger personagens contemporâneas para sua galeria Sisson invertia o foco de homenagem transformando-as em uma espécie de “modelo vivo”, assim ele entendia que:

Começando porém da época da Independência do Brasil, nós partimos do berço do Império, começamos a nossa marcha ao grito do Ipiranga, e contemplamos ainda vivos muitos dos ilustres cidadãos, que devem

⁷ Trata-se do pintor e arquiteto italiano Giorgio Romolo Vasari que escreve o livro *As Vidas dos mais excelentes pintores, escultores e arquitetos*, cuja a edição que traz o retrato do biografado é de 1568. KAPLAN, Nancy Ridel. *As Vidas de Vasari: o início da historiografia da arte italiana*. I Seminário de História: Caminhos da Historiografia Brasileira Contemporânea. UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO. Disponível em: <<http://www.ichs.ufop.br/seminariodehistoria>>.

⁸ SISSON, S. A. *Galeria dos Brasileiros Ilustres – Os contemporâneos*. Brasília: Senado Federal, 1999, pág. 15.

enriquecer a nossa galeria, ou sentimos ainda frescas e recentes as recordações daqueles que já desceram ao túmulo.⁹

Devo destacar que a obra de Sisson não era imune a força dos cânones difundidos pelo IHGB. Entretanto, ela constituiu uma nova forma estética de conceber a escrita biográfica. Com as diferenças apontadas acima, a Galeria insere na biografia – que naquele momento assume contornos de escrita histórica – elementos característicos daquilo que François Hartog denominou de um moderno regime de historicidade¹⁰.

No caso da obra de Sisson, trata-se principalmente da incorporação da escrita histórica ao mundo não-acadêmico, ou seja, o conhecimento histórico ampliava-se dos círculos letrados para outros setores da sociedade, em especial, os artísticos e a imprensa.

Sendo assim, a elaboração de imagens através da litografia e da fotografia contribuiu decididamente para a consolidação da idéia do novo no oitocentos. A primeira, em especial, diversificou esta produção tanto na arte como na imprensa, em um momento hoje conhecido como “a era da reprodutibilidade técnica,”¹¹ no qual a informação ao assumir uma linguagem visual, tornou-se mais densa em conteúdo e forma, atingindo cada dia maiores parcelas da sociedade imperial.

O objetivo primordial deste trabalho é refletir sobre a biografia enquanto gênero de escrita literário (capaz de destacar ou mesmo glorificar pessoas transformando-as em

⁹ SISSON, op.cit., pág. 14

¹⁰ A noção de regime de historicidade leva em conta as formas de articulação do passado, presente e futuro. Para François Hartog, o antigo regime de historicidade corresponde, do ponto de vista da história, ao topos da história como mestra da vida sendo escrita com referência no passado, nas lições, nos exemplos, ou seja, tem um claro caráter pedagógico. Já para o moderno regime de historicidade é o futuro, ou horizonte de expectativa, que orienta a escrita histórica. HARTOG, François. Regime de Historicidade. Time, History and the Writing of History: the Order of Time. Citado por OLIVEIRA, Maria da Gloria. Escrever vidas, narrar a história. A biografia como gênero histórico no Brasil do século XIX. Projeto de Doutorado apresentado ao PPGHIS/UFRJ em 2006.

¹¹ Walter Benjamin diz que com a litografia a técnica de reprodução atinge uma nova etapa pois ela permitiu às artes gráficas colocar no mercado produções “não somente em massa, (...) mas também sob a forma de criações sempre novas. BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era da reprodutibilidade. In: *Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994. pág. 166-167.

exemplos para outros) e sua inserção na sociedade através do prestigioso mercado das aparências¹², composto pela imagem do biografado e seus atributos sociais como riqueza e posição hierárquica.

A partir de uma análise da *Galeria dos Brasileiros Ilustres*, será possível responder a questões como: a quem era dirigida a obra? O que estava em jogo em sua edição? Qual o seu significado sócio-cultural? Enfim, qual o capital simbólico nela encerrado e divulgado? Em suma, trata-se de desnaturalizar o *status* de fonte de informação histórica por excelência atribuído a esta obra por muitos historiadores até então.

Para tanto, o trabalho foi organizado da seguinte forma.

No primeiro capítulo apresento alguns dados biográficos de Sebastião Sisson a partir de uma biografia publicada por Luis Gastão d' Escagnole Dória na Revista da Semana em 1935 e uma breve análise do cenário de produção e circulação da litografia e da fotografia no Brasil do oitocentos com dados de alguns jornais que circulavam na corte.

No segundo capítulo abordo tanto a escrita biográfica do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, que teve em sua revista a principal fonte de difusão da *história magistra vitae* e na qual muitos biógrafos se inspiraram, quanto as possíveis imbricações entre imagem e escrita biográfica. Foi feito um paralelo entre a forma de elaboração da imagem individual e aquela dedicada às coletividades, em especial a nação.

O terceiro capítulo mostra algumas das personagens biografadas, apresentando ao final um quadro onde traço o perfil dos brasileiros ilustres retratados por Sisson.

Por último, faço uma análise da circulação da *Galeria* com ênfase no mercado de imagens no Rio de Janeiro. Mostro, a partir de diversas fontes, que por trás de sua elaboração

¹² Este mercado de aparências envolvia especialmente a compra, a venda e a troca de álbuns de retrato e era uma das formas com a qual a elite imperial se mostrava publicamente. Daí a quantidade crescente de oficinas litográficas e estúdios fotográficos que se estabeleceram na corte após a chegada do Daguerreótipo no Rio de Janeiro.

existia toda uma rede de sociabilidade que incluía os próprios retratados, pintores, retratistas, litógrafos, fotógrafos e escritores além, é claro, dos meios de divulgação.

Capítulo 1

A litografia e o mercado de imagens no Rio de Janeiro oitocentista

1.1 - Notas sobre Sebastião Sisson

Sebastião Sisson é uma personagem citada em diversas obras¹³ que têm como tema o Brasil oitocentista mas, curiosamente, é pouco conhecida. De fato, ao sair em busca de informações sobre ele o que sobressai é a falta de informações sobre sua vida. Entretanto, através do historiador, sócio do IHGB e ex-diretor do Arquivo Nacional, Luiz Gastão Escragnolle Doria, foi possível obter poucos mas significativos dados biográficos sobre Sisson.¹⁴

Sebastião Sisson nasceu em 02 de maio de 1824, em Issenheim, circunscrição de Celmar, entre a França e Alemanha, na Alsacia-Lorena e,

Tornou-se desenhista litógrafo em Paris sobre as vistas e conselhos de Lemecier, mestre na profissão. Começou a exercê-la no Rio de Janeiro, após o inevitável tatear de qualquer ensaio de trabalho sobretudo em meio estranho. Foi mister experimentar o favor público e uma vez granjeado, procurar conservá-lo sempre se aperfeiçoando até apresentar-se em esfera

¹³ Refiro-me aos seguintes trabalhos: **CARVALHO, José Murilo de.** *A Construção da Ordem e Teatro de Sombras*. Nesta publicação a obra de Sisson é utilizada como fonte para coleta de dados sobre a política imperial e seus principais atores. Já em sua mais recente obra sobre o Imperador, *D. Pedro II - Ser ou não ser*, José Murilo de Carvalho utiliza as litografias de Sisson como fonte iconográfica; **SCHWARCZ, Lilia Moritz.** *As Barbas do Imperador*. Aqui a autora utiliza litografias de Sisson para a elaboração de seu argumento sobre a produção de imagens em torno do Imperador Pedro II e a família imperial; **IPANEMA, Rogéria Moreira.** Dissertação de Mestrado *A Idade da Pedra Ilustrada – Litografia, Um Monólito na Gráfica e no Humor do Jornalismo do Século XIX no Rio de Janeiro*. Nesta dissertação, Rogéria Ipanema indica Sisson como um importante nome da iconografia brasileira e portanto, parte fundamental de seu levantamento sobre a arte gráfica no Brasil do oitocentos; **ENDERS, Armelle.** *O Plutarco Brasileiro – A Produção dos Vultos Nacionais no Segundo Reinado*. Neste artigo sobre a produção biográfica do IHGB durante o governo de Pedro II, a autora o cita muito mais pelas biografias publicadas do que pelos retratos; **MATOS, Ilmar Rohloff de.** *O Tempo Saquarema - A Formação do Estado Imperial*. Ilmar Rohloff de Matos indica que retira da obra de Sisson, entre outras, dados biográficos de políticos do período imperial; Temos ainda a tese de doutorado de **SEGALA, Ligia.** *Ensaio das Luzes sobre um Brasil Pitoresco: o projeto fotográfico de Victor Frond*, na qual a Galeria de Sisson aparece como sendo inicialmente uma associação entre ele e o fotógrafo Victor Frond. **LUSTOSA, Isabel.** *D. Pedro I: Um herói sem nenhum caráter*. Este é o mais recente trabalho no qual são mostradas litografias de Sisson, entre elas as de políticos ligados à Pedro I, bem como a do próprio imperador em seu leito de morte.

¹⁴ Arquivo Nacional do Rio de Janeiro - Fundo Luis Gastão d' Escragnolle Doria - Artigo publicado na Revista da Semana – 1935, antiga notação AP18; notação 88.175

oficial, que se não forma méritos e reputações os consagra ao menos para o vulgo.¹⁵

Considerando as informações desta breve biografia é possível supor que desde sua chegada ao Brasil em 1852, construindo redes de contato e sociabilidade com “os de cima”, ele conhece um processo ascensão social que começa na utilização do “favor público” e prossegue em outros momentos com trabalhos voltados tanto para a esfera privada quanto para a oficial.

Sebastião Sisson foi premiado pela Academia Imperial de Belas Artes com medalha de prata por dois retratos em litografia incluídos na obras artísticas sujeitas a público e a crítica na exposição de 1864. Naturalizou-se brasileiro e em maio de 1882, o governo brasileiro o nomeou cavaleiro da Rosa,¹⁶ “em atenção aos serviços gratuitos prestados à Biblioteca Nacional na restauração de numerosas gravuras prejudicadas pelo tempo e pela traça”.¹⁷

Já em 1855 Sisson começou a anunciar no *Almanak Laemmert*,¹⁸ com estabelecimento especializado em retratos na Rua Assembléia, 34. Neste mesmo ano e em 1856 colaborou intensamente com a revista Brasil Ilustrado com diversas litografias, entre as quais alguns retratos que mais tarde seriam publicados na Galeria dos Brasileiros Ilustres¹⁹. Até 1877, quando deixa de anunciar, passou com sua oficina por diversos endereços na cidade do Rio de Janeiro.

¹⁵ idem

¹⁶ A Imperial Ordem da Rosa foi uma ordem honorífica criada em 1829 pelo Imperador Pedro I para perpetuar a memória de seu matrimônio com Dona Amélia de Leuchtenberg, Seu desenho foi idealizado por Jean Baptiste Debret, que teria se inspirado nos motivos de rosas que ornavam o vestido de D. Amélia ao desembarcar no Rio de Janeiro, ou ao casar, ou em um retrato enviado da Europa. A ordem premiava militares e civis, nacionais e estrangeiros, que se distinguissem por sua fidelidade à pessoa do Imperador e por serviços prestados ao Estado, e comportava um número de graus superior às outras ordens brasileiras e portuguesas existentes, sendo eles os seguintes: Grã-cruz; Dignatário; Comendador; Oficial e Cavaleiro.

¹⁷ Arquivo Nacional do Rio de Janeiro - Fundo Luis Gastão d' Escragnonle Doria. Artigo publicado na Revista da Semana – 1935, antiga notação AP18; notação 88.175

¹⁸ O Almanaque Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro, mais conhecido como *Almanak Laemmert* foi uma publicação de caráter comercial na qual anunciava-se toda sorte de comércio e serviços.

¹⁹ Revista Brasil Ilustrado, 1855 e 1856. Biblioteca Nacional – Setor de Obras Raras.

ARTES, OFFÍCIOS, ETC. 609
LITHOGRAPHIA DA EMPREZA TYPOGRAPHICA
DOUS DE DEZEMBRO

PRAÇA DA CONSTITUIÇÃO, 64, 66 e 68.

Do melhor e mais moderno gosto dos trabalhos aperfeiçoados na Europa e na America, tanto a fumo, como em côres, satisfazendo os freguezes em tudo o que de mais delicado precisarem, para o que tem artistas contractados em França, e de muito merecimento.

LITHOGRAPHIA DO COMMERCIO.

CARTÕES-DE VISITA POR 3\$000 RS.

Ditos de lojas, casamentos, etc.

142, RUA DOS OURIVES, 142,

entre as ruas de S. Pedro e das Violas.

Recbem-se encomendas até as sextas-feiras á tarde, e entregão-se todas as segundas-feiras de cada semana.

Joaquim José Ferreira Coelho, r. do Ouvidor, 91, esquina da dos Ourives. Imprime e grava tudo quanto é relativo a esta arte.

Jorge Leuzinger, r. do Ouvidor, 36.

Ludwig & Briggs, r. dos Ourives, 142.

Manoel José Cardoso, r. de S. José, 99.

Pedro Victor Larée, r. Direita, 44.

Sisson, r. d'Assembléa, 34. (Especialidade: retratos.)

70 RUA DE S. JOSÉ 70

Lithographia, Autographia, Gravura e Estamparia
DE

Grava-se e imprime-se com toda a perfeição mapps geographicos e musica. Aprompta-se com perfeição e commodo preço qualquer trabalho como sejam facturas, cartões para lojas, visitas, bailes e casamentos, apolices, acções de companhias, diplomas maçonicos, plantas e registos para festas, preços correntes da praça, bilhetes de loteria, vinhos, licôres e todos os disticos pertencentes a drogas.

Fabrica de Batefolha.

José Francisco Augusto da Silva, becco dos Afflictos, 6.

Machinistas e Bombeiros.

A. Guinier, r. Nova de S. Francisco da Prainha, 45.

Carlos Leclerc, r. do Hospicio, 158.

David Henrique de Pina, r. do Conde, 4 A.

João Baptista Coulaud, praia da Gambôa, 48.

55

39

Fig. 2 Página do *Almanak Laemmert de 1855* com anúncio de Sisson (Especialidade: retratos)

Em 1856, estava estabelecido na Rua do Senado, esquina da Rua do Lavradio e através do alvará número 63 de 1866,

Sua Magestade o Imperador atendendo ao que lhe representou S A Sisson, estabelecido com litografia a Rua da Assembléa número sessenta. Há por bem conceder-lhe licença para alçar as armas imperiais na frente do edifício de seu estabelecimento com a Legenda – Litógrafo e Desenhador[sic] da Casa Imperial [...]. Palácio do Rio de Janeiro em 12 de junho de 1866²⁰

²⁰ Arquivo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (daqui em diante IHGB) – *Coleção Luiz Aleixo Boulanger*: Livro dos registros dos alvarás para colocar as armas imperiais na frente das oficinas que trabalham para a Casa Imperial. Principal Rei das Armas - Rio de Janeiro, 1846 – 131pp – notação: lata 182, pasta 65

Esta era uma importante distinção de caráter oficial²¹ que saia dos livros de registros da burocracia para os anúncios de jornais e outras publicações como o Almanaque Laermert com o expressivo título de “Imperial.”

- ARTES, OFFICIOS, ETC.** 575
Officinas de Lithographia. [698]
- A. de Pinho, ladeira do Seminario, 40.
 Agostinho Vieira do Couto, largo de S. Francisco de Paula, 1.
 Almeida Marques & C., socios Manoel de Almeida Marques e Francisco Soares de Castro, r. Nova do Ouvidor, 33.
 Angelo & Robin, r. da Assembléa, 44. (A vapor.)
 Antonio Justiniano Esteves Junior, r. do Hospicio, 83.
 Antonio de Souza Lobo, r. do Proposito, 50, Saude.
 C. Leopoldo Heck, r. dos Ourives, 111.
 Carlos Severiano Cavallier Darbilly, r. Sete de Setembro, 144, loja. (*Vide art. 550.*)
 Christovão Manoel do Amaral Vasconcellos, r. Nova do Ouvidor, 6.
 Dias da Silva Junior, r. de Theophilo Ottoni, 135 e 145.
 Domingos Luiz dos Santos, r. de S. José, 44.
 Eduardo Rensburg (Lithographia da Casa Imperial), r. de S. Antonio, 29.
 Fleiuss (Henrique), ☉ 2 (*Imperial Instituto Artistico*), r. da Ajuda, chacara da Floresta; reside r. do Cosme Velho, 46 e 48.
 G. Leuzinger & Filhos, r. do Ouvidor, 31 e 36, e r. Sete de Setembro, 35. (*Vide art. 550.*)
 Guilherme Kramer, travessa de S. Francisco de Paula, 9.
 Hippolyto José Pinto & C., r. do Hospicio, 218. (*Vide Notabilidades*, pag. 65.)
 João Teixeira de Carvalho, ☿ 3 de P., travessa de S. Francisco de Paula, 3 A.
 Lourenço Winter, r. do Hospicio, 77. (E autographia.)
 Ludwig, Briggs & C., Lithographia do Commercio, r. dos Ourives, 128.
 Machado & C., socio Manoel Joaquim Machado, r. de Gonçalves Dias, 28.
 Manoel Antonio Gonçalves de Mello, r. Sete de Setembro, 12.
 Moreira, Maximino & C., r. da Quitanda, 111 e 120 A. (*Vide Notabilidades*, pag. 64.)
 Pereira Braga & C., r. Nova do Ouvidor, 25 e 27.
 Pinheiro & C., r. Sete de Setembro, 157.
 S. A. Sisson, r. dos Ourives, 27. (Lithographia *Imperial*.)

Fornecimentos para lithographias e objectos de escriptorio e desenho.

Carlos Severiano Cavallier Darbilly, r. Sete de Setembro, 144. (*Vide art. 550.*)

Machinistas e Bombeiros hydraulicos. [699]

- Antonio Galdino Bento de Macedo, r. de Gonçalves Dias, 62.
 Antonio Gomes dos Santos, r. dos Invalidos, 43.
 Alegria & C., r. de Theophilo Ottoni, 126 a 130, r. da Prainha, 143 a 147, e r. da Uruguayana, 202. (*Vide Notabilidades*, pag. 48.)
 Antonio Gomes de Mattos, ☿ 5, ☉ R. P.: ✕ 4, r. Carvalho de Sá, 2, e r. da Saude, 98.
 Antonio Gonçalves dos Santos, r. dos Invalidos, 43.
 Arens Irmãos, r. do Hospicio, 149 e 151, e r. da Saude, 89. (*Vide Notabilidades*, pags. 46 e 47.)

Fig.3 Página do *Almanak Laemmert* de 1877 com anúncio de Sisson, já “Litografia Imperial”

²¹ Pelo que observei eram solicitadas licenças para as mais diferentes atividades como litografia, fotografia, estamparia, entre outras.

Da oficina de Sisson saiu, entre os anos de 1870 e 1871, a revista de caricaturas *Comédia Social*, com desenhos de Pedro Américo. Em 20/09/1887 foi emitida uma fatura de despesa contra a Biblioteca Nacional pelos serviços de impressão de 1250 estampas de Frei Camilo de Monteserrate²². Vários de seus trabalhos foram apresentados na seção artística da Exposição de História do Brasil de 1881²³, com destaque para a série de doze estampas intituladas “Álbum do Rio de Janeiro Moderno” e os mais diversos retratos, entre eles os de membros da Família Imperial e de políticos na série “corpo legislativo”.



Fig. 4 Retrato litografado de Aureliano de Souza Coutinho, assinado por A. Sisson, publicado junto à sua biografia na *Revista Brasil Ilustrado* em 1855

²² Biblioteca Nacional – Setor de Manuscritos - Localização: 66,1,006 No. 010

²³ Biblioteca Nacional - Catálogo da Exposição de História do Brasil de 1881.

Sebastião Sisson também é tido como um dos “precursores da história em quadrinhos²⁴ e da charge²⁵” no Brasil com o trabalho “O Namoro, quadros ao vivo”, publicado em 1855 no periódico Brasil Ilustrado. Não cabe no âmbito deste trabalho avaliar se ele foi ou não o criador destas formas de expressões artísticas, mas pesquisando pela internet descobri que obras de sua autoria foram expostas no 6º. Festival Internacional de Humor e Quadrinhos de Pernambuco no ano de 2004²⁶.



Fig. 5 Charge de A. Sisson na Revista Brasil Ilustrado de 1855

²⁴ ESQUENAZI, Rose. Paixão antiga. Disponível em: <<http://www.artigomdm.blogger.com.br>>

²⁵ TEIXEIRA, Luis Guilherme Sodré. O Traço como texto: A história da charge no Rio de Janeiro de 1860 a 1930. Disponível em: <<http://www.casaruibarbosa.gov.br/dados/doc/artigos>>

²⁶ GIANINI, Alessandro. Recife homenageia o mestre da HQ Don Rosa. Jornal Estadão, 27 maio 2004. Disponível em: <<http://www.investart.com/site/scripts/noticias/hq.asp>>

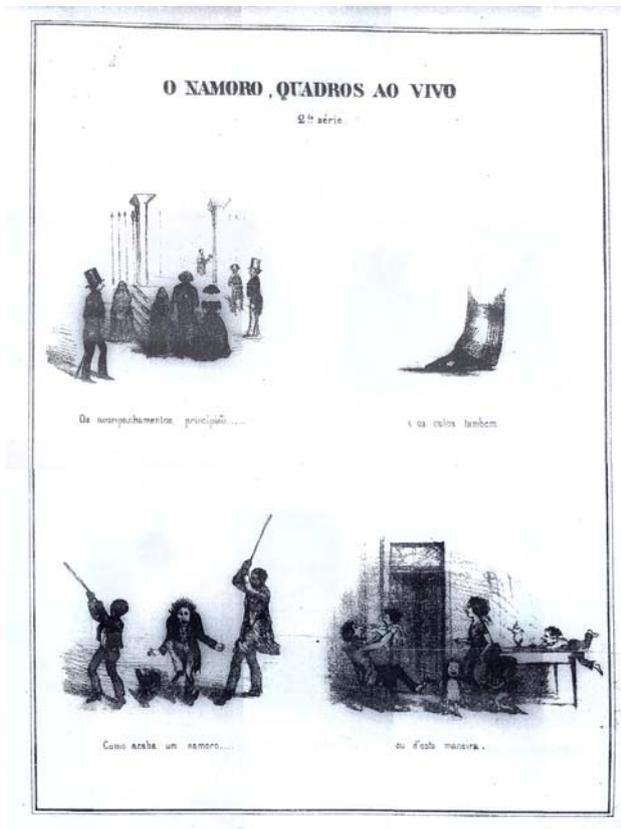
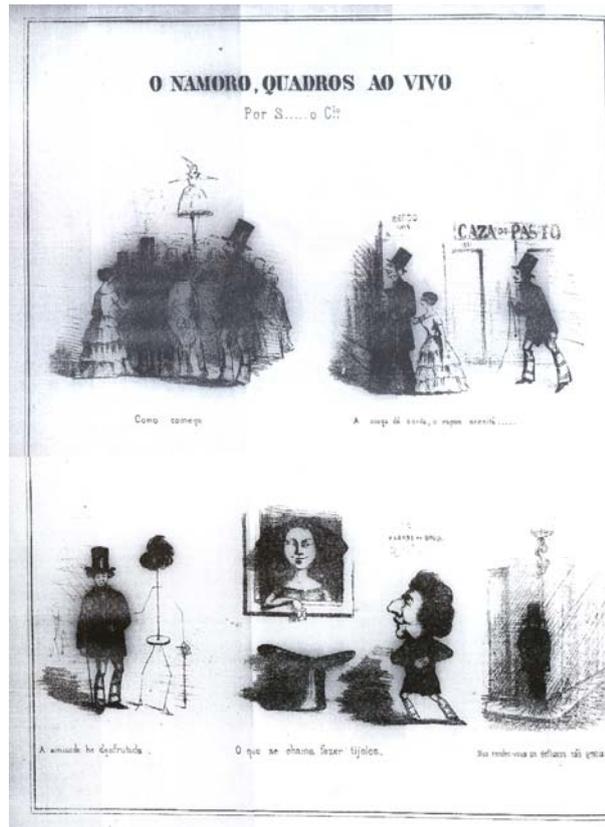


Fig. 6 *O namoro, quadros ao vivo*, quadrinho assinado por S.....o C^{io}, publicado na revista *Brasil Ilustrado* de 1855

Sisson foi casado com a Alsaciana D. Christina Saller e tiveram três filhos: D. Maria Adélia Sisson Bevilacqua, Augusto Maria Sisson – General do exército e Henrique, oficial da Armada. Morreu no Rio de Janeiro em 08 de fevereiro de 1898. Abaixo, anúncios fúnebres publicados no Jornal do Comercio respectivamente sobre a morte e missa de sétimo dia de Sebastião Sisson:

SEBASTIÃO AUGUSTO SISSON

A família Sisson pede a seus amigos o caridoso obséquo de acompanharem os restos mortais de seu prezado chefe, ontem falecido, saindo o féretro da rua Dr. Joaquim Silva, No. 21, Lapa. Para o Cemitério de São João Batista, hoje, às 4 horas da tarde; e por este ato desde já se confessam eternamente gratos.²⁷

SEBASTIÃO AUGUSTO SISSON

A família Sisson agradece penhoradíssima a todas as pessoas que se dignaram acompanhar os restos mortais de seu prezado chefe e roga a seus amigos o obséquo de assistirem a missa de sétimo dia que, por alma do mesmo finado, será realizada, terça-feira, 15 do corrente, na Igreja de Nossa Senhora da Lapa do desterro, às 9 horas, agradecendo desde já por este ato de caridade.²⁸

1.2 – O mercado de imagens no Rio de Janeiro no século XIX.

O valor documental da imagem para o historiador está em retratar um época em seus sonhos, fantasias e expectativas sociais. Ou seja, à pesquisa histórica, serviriam para exhibir as representações que homens e mulheres tinham de si próprios e do mundo bem como os valores e conceitos experimentados e que queriam passar atingindo, assim, de forma direta ou subliminar, a dimensão simbólica da representação.²⁹

²⁷ Jornal do Commercio – Quarta-feira, 9 de fevereiro de 1898 – pág. 8

²⁸ Jornal do Commercio – Quarta-feira, 13 de fevereiro de 1898 – pág. 10

²⁹ PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p. 87-89 (coleção História e Reflexões)

Para uma visita a este mundo simbólico do Brasil oitocentista precisamos compreender duas importantes técnicas de produção e reprodução de imagens. O momento de seu desenvolvimento, sua expansão e aceitação como produtoras de sentido para aquela sociedade. Falo da litografia e da fotografia.

1.2.1 A imagem vinda da pedra

A arte da litografia consiste em executar uma imagem ou texto sobre uma pedra calcária e imprimi-los.³⁰ Esta técnica teria sido inventada no ano de 1796 por Aloys Senefelder, jovem artista nascido em Praga no ano de 1771, quando ele procurava uma maneira de fazer a impressão de seus textos e partituras. Por volta de 1830 a litografia tomou grande impulso, expandindo-se por toda Europa, sendo a cada dia aprimorada, tornando-se assim, muito popular como meio de impressão. Desde sua invenção, diversos artistas procuraram especializar-se na técnica o que a tornou muito difundida e, por conseguinte, um sucesso comercialmente.

A litografia foi a primeira tecnologia de impressão a permitir que um artista trabalhasse usando técnicas convencionais e criasse impressões que pudessem competir com a pintura tradicional em termos de detalhes e variações de cores. Com ela, a técnica de reprodução atingia uma etapa essencialmente nova. E, por ser um procedimento mais preciso que a xilografia e a reprodução em cobre, “permitiu às artes gráficas pela primeira vez colocar no mercado suas produções em massa e também sob forma de novas criações. Adquirindo, desta forma, os meios de ilustrar a vida Cotidiana.”³¹ Usada amplamente no século XIX como técnica de reprodução, a litografia “é considerada um dos meios mais

³⁰ A técnica foi denominada inicialmente de impressão química por basear-se no princípio químico de que água e gordura se repelem. Esta é uma definição bastante simplificada já que o processo envolve inúmeras etapas antes da impressão propriamente dita.

³¹ BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994. P. 166-167 (Obras escolhidas; v.1)

eficientes de comunicação impressa daquela época, contribuindo decisivamente na divulgação e popularização de imagens.”³² Foi muito utilizada comercialmente na impressão de estampas, rótulos, anúncios jornais, revistas e cartazes e, por vários artistas, na impressão de obras de arte, sendo por isso quase sempre associada à vida ordinária.³³

Era utilizada para criar artes coloridas para livros e também coisas mais comuns como etiquetas, panfletos e posters. Desta forma, “a litografia estava apta a cumprir as tarefas do dia a dia e ser utilizada “nas vitrines das lojas mais vulgares.”³⁴ Sua popularidade entre os artistas surgiu porque ela foi o primeiro meio de impressão a permitir que o artista pintasse ou desenhasse naturalmente em uma pedra plana para criar uma imagem.

A litografia, junto à fotografia, foi também um meio de expressão visual fundamental no rompimento de Edouard Manet com a tradição.³⁵ Manet, considerado o “Pai da Modernidade” na pintura, teve uma atitude radicalmente moderna ao entender que os limites do pensamento visual tinham se ampliado com o advento dessa nova técnica e, portanto, a pintura não podia continuar sendo como até então. Ao compartilhar o espaço da representação visual com fotografias e cartazes nos muros de Paris, a evolução interna da pintura exigiu mudanças.³⁶ Para além de influenciar na pintura, a litografia surgiu como uma forma de expressão ligada à busca de ampliação do mercado consumidor. Tarefa a qual as antigas técnicas já não podiam dar cabo.

A idéia básica da litografia é bastante simples: o artista desenha/pinta na pedra com uma substância oleosa. A pedra capta essa substância e a retém. Em seguida a pedra é umedecida com água – as partes da pedra não protegidas pela tinta oleosa absorvem a água. A

³² FREITAS, Maria do Carmo de. História e Arte na Rocha. *Boletim informativo*, Minas Gerais, n. 428, p. 1-3, abril 2004. Disponível em : < <http://www.ufmg.br/boletim/boll1428/sexta.shtml>.

³³ O poeta Charles Baudelaire em *O pintor da vida moderna* tem uma visão negativa desta técnica e a associa a arte menor. Cf. BAUDELAIRE, Charles. *A Modernidade de Baudelaire/ apresentação de Teixeira Coelho; tradução, Suely Cassal*, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

³⁴ *ibid.*, p. 164

³⁵ TOMÁS, Facundo. *Escrito, pintado*. Madri: A Machado Libros, 2005. p. 279-280 (Coleção La Balsa de la Medusa, 149

³⁶ *ibid.*, p. 281

tinta à óleo é então espalhada na pedra – as partes oleosas da pedra captam a tinta, enquanto as partes úmidas não. Por fim, um pedaço de papel é pressionado contra a pedra ocorrendo a transferência da tinta para ele.

Dois fatos envolvendo Johann Jacob Steinmann³⁷ servem para ilustrar a amplitude do mercado de imagens no século XIX: o primeiro é que mesmo sendo contratado pelo governo imperial, ele utilizou as instalações, prensas e aprendizes postos a sua disposição em trabalhos particulares. Isto pode ser uma mostra do aumento da demanda por um determinado tipo de serviço ligado a técnica litográfica. O outro é que Steinmann, de volta à Suíça, teria se apropriado de imagens contidas na obra *Viagem Pitoresca ao Brasil* de Johnn Moritz Rugendas na elaboração do álbum *Souvenirs do Rio de Janeiro*. Isto seria uma mostra da rapidez no processo de apropriação e reutilização de imagens, o que as tornavam cada dia mais populares.³⁸

A litografia se difundiu em princípio na corte para daí se espalhar para quase todo território. Houve um grande desenvolvimento da impressão litográfica e as oficinas cariocas começavam a se desenvolver, constituindo-se em importante atividade, que integrava empresários e profissionais dedicados à produção e ao comércio de imagens da cidade do Rio de Janeiro e do Império brasileiro.³⁹ O caráter inovador e representante do progresso atribuído à litografia estava ligado ao fato de propiciar a reprodução em grande escala de imagens que de certa forma, viria suprir a crescente demanda por imagens de parte da sociedade imperial,

³⁷ Em um documento intitulado *Notícia Acerca da Arte Litográfica e do Estado de perfeição em que se acha a Litografia no Império do Brasil*, Pedro Torquato Xavier de Brito informa que uma oficina litográfica fora instalada no Arquivo Militar em substituição a seção de gravuras em aço e em cobre, “para a reprodução dos mapas, das cartas e das plantas, que por sua importância, convinha que fossem vulgarizadas” e que os trabalhos tinham sido iniciados em 25 de janeiro de 1826, na casa em que residia João Jacob Steinmann. - Arquivo do IHGB, lata 29, doc 20.

³⁸ ZENHA, Celeste. O Brasil de Rugendas nas Edições Populares Ilustradas. *Topoi, Revista de História/ Programa de Pós-Graduação em História Social da UFRJ*, Rio de Janeiro, n.5, p. 134-160, 2002.

³⁹ *ibid*

especialmente os que viviam nas cidades.⁴⁰ Daí ser atribuído à técnica litográfica um importante papel nas mudanças culturais e sociais que ocorriam no Brasil na época de sua chegada à corte, principalmente, na segunda metade do oitocentos pois além de veicular idéias avançadas, foi utilizada na crítica humorada à situação política e social e disseminou as criações e os registros da nossa paisagem.

Ao aumento no consumo de imagens seguiu-se alterações qualitativas tanto no que toca a sua produção quanto ao seus usos.⁴¹ Da mesma forma, aquelas pessoas que atuavam nesta atividade tiveram seus papéis sociais alterados pois constitui-se em torno dela uma intrincada rede de relações que integrava empresários e profissionais como desenhistas, pintores, naturalistas, editores tanto do Rio de Janeiro quanto de outros lugares do Império brasileiro.⁴²

Em levantamento feito por Rogéria Ipanema no Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro⁴³ sobre oficinas litográficas entre os anos de 1844 e 1900 podemos verificar um vertiginoso crescimento deste tipo de estabelecimento: com apenas três em 1844, alcança a marca de 32 oficinas nos anos de 1874/75, decaindo para 14 em 1900. Este crescimento de oficinas ligadas à produção e venda de imagens⁴⁴ se revestiu de importância fundamental ao proporcionar a confecção de uma grande quantidade de reproduções o que em certa medida “aguçava a curiosidade estrangeira em relação ao Brasil e

⁴⁰ SANTOS, Renata. *A Imagem negociada: A Casa Leuzinger e a edição de Imagens no Século XIX*. Rio de Janeiro, Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da UFRJ.

⁴¹ Para Celeste Zenha, a utilização da obra de Johnn Moritz Rugendas em outras reproduções é uma mostra significativa do quanto a “reprodutibilidade técnica” da imagem aplicada em grande escala numa economia de mercado alterou de forma substantiva as relações entre o autor, o artefato iconográfico, o público e o seu comerciante”, ou seja, a questão da autenticidade passava a ser um questão menor no âmbito da circulação e comercialização de imagens.

⁴² Nota-se, neste caso, aquilo que Leopoldo Waizbort considerou de “relações que se estabelecem entre os singulares, as tais formas menores de relação e de modos de interação entre os homens que existem em milhares”. WAIZBORT, Leopoldo. “Elias e Simmel” in: NEIBURG, Frederico et alli: WAIZBORT, Leopoldo (org). Dossiê Norbert Elias. São Paulo: EDUSP, 1999

⁴³ IPANEMA, op.cit.

⁴⁴ Nas oficinas litográficas eram produzidas desde registros de paisagens, diplomas, mostruários aos cartões de visita e as fotos litografadas como as de Sebastião Sisson. Há também a utilização da técnica na confecção de rótulos para os mais variados produtos como manteiga, cachaça, entre outros.

viria contribuir para compor um repertório nacional de imagens que se ampliou, ganhando em qualidade técnica e estética, ajudando, desta forma, a “forjar outras identidades.”⁴⁵

251

Lithographias.

Heaton e Rensburg, rua da Misericórdia, 110. Neste estabelecimento fazem-se todas as obras desta arte, como retratos, vistas, mappas geographicos, lettras de cambio, com a maior perfeição.
Ludwig e Briggs, rua do Carmo, 55.
Victor Larée, rua d’Ouvidor, 66.

Marcineiros.

Everard, rua da Cadêa, 79.
Jacome Mariana, rua dos Latoeiros, 42.
João Ratto, rua do Cano, 68.
Landot, rua da Cadêa, 116.
Léger, marceneiro da Casa Imperial, Largo d’Ajuda, 17.
Pedro Rosière, rua da Quitanda, 20.
Ruffier, rua da Cadêa, 85.

Ourives.

André Artonne, rua dos Ourives, 123.
Antonio José d’Almeida, rua dos Ourives, 159.
Antonio José de Lemos, fabricante de canutilhos de ouro, Catumby, 1.
Antonio Joaquim d’Azevedo, rua dos Ourives, 139.
Antonio Joaquim Fernandes Peixoto, rua dos Ourives, 177.
A. M. Lameira, rua dos Ourives, 104.
Antonio Rodrigues Martins, rua dos Ourives, 105.
Augusto Coutans Benassi, rua d’Ouvidor, 78.
Beral, rua dos Ourives, 59.
Berard Irmãos, rua dos Ourives, 142.
Carlos Marin e C., rua d’Ouvidor, 139.
Chaussé, rua d’Ouvidor, 46.
E. Guénée, rua do Cano, 66.
Francisco Antonio Cesar, rua dos Ourives, 32.
F. J. Avena, rua dos Ourives, 111.
Francisco Luiz de Moraes, rua dos Ourives, 151.
Gaspar e Irmãos, rua dos Ourives, 171.
Geier, rua dos Ourives, 26.
João Francisco Moreira Leal, rua dos Ourives, 78.
Joaquim José Palhares, rua dos Ourives, 83.

Fig.7 Página do *Almanak Laemmert* de 1844 com anúncios de *Lithographias*

Já na década de 1850 a litografia e a fotografia seriam técnicas aliadas pois a imagem produzida pelo daguerreótipo podia ser copiada pelo processo litográfico, propiciando assim a reprodução em escala ampliada aumentando sobremaneira a visibilidade do produto fotográfico no Rio de Janeiro.

⁴⁵ ZENHA, op.cit., p.154

A vinda para o Rio de Janeiro de diversos profissionais ligados a impressão e a fotografia foi um importante aspecto para a consolidação do mercado de imagens e o desenvolvimento de uma “experiência visual” nos primeiros anos do Império. Nomes como de George Leuzinger, Heaton e Rensburg, Victor Larée, disputavam a clientela e estavam intimamente ligados ao fomento e consolidação desta atividade comercial. Este crescimento, por sua vez, teve na litografia seu principal suporte, por ser ela uma técnica – além de inovadora e vista como representante do progresso - que possibilitava a reprodução de imagens em grande escala, transformando-as em um produto vendável possível de aferir lucros aos autores e distribuidores. Outro aspecto relevante é o fato de algumas publicações passarem a associar texto e imagem, o que implicava em parcerias entre profissionais de ramos distintos. Este é o caso, por exemplo, de Sebastião Sisson. Por outro lado, esta difusão estava ligada ao estabelecimento de um mercado organizado de profissionais da gravura que contava com estampeiros, litógrafos e editores. Isto, por sua vez, gerava disputas, tensões e conflitos inerentes à afirmação de qualquer tipo de atividade mercantil, principalmente em uma sociedade em transformação como aquela.

Talvez, tenha sido na tentativa de evitar o uso de sua invenção por outros que um certo Abílio Aurélio recebeu o privilégio - o equivalente em nossos dias à patente - concedido pelo decreto abaixo:

Decretos do poder Executivo – Privilégios Industriais, Decreto No. 8283 de 22/101881.

Concede o privilégio a Abílio Aurélio da Silva Marques para ao Aparelho de sua invenção:

Atendendo ao que me requereu Abílio Aurélio da Silva Marques, e de conformidade com o parecer do Conselheiro Procurador da Coroa, Soberania e Fazenda Nacional hei por bem conceder-lhe privilégio por cinco anos, para o aparelho e processo de numerar papeis em prelo tipográfico ou litográfico de sua invenção, segundo a descrição e desenho que depositou no arquivo Público, com a cláusula de que sem exame prévio do referido invento não

será efetivo o privilégio, ficando a patente nos casos previstos no artigo da lei de 28 de agosto de 1830.⁴⁶

Este crescimento da litografia gerou também um importante desdobramento: a profissionalização da atividade.⁴⁷ Sebastião Sisson em um trecho que intitulou de “Advertência do Editor” além de apontar para a questão da formação profissional, levantou também o problema do monopólio da produção litográfica como um fator a impulsionar a formação profissional:

[...] Ao mesmo tempo prometemos ao público um grande e sucessivo melhoramento na impressão dos retratos. Os obstáculos que temos encontrado da parte daqueles que deviam ajudar-nos; os preços exorbitantes exigidos por aqueles que cuidam de ter o monopólio da litografia, nos levarão a formar um impressor que, se ainda não atingiu a perfeição de trabalho dos da Europa, tem contudo tanta inteligência como estes, e, com a prática que pouco a pouco irá adquirindo, nada mais nos deixara que invejar aos bons operários europeus do mesmo gênero.⁴⁸

No ano de 1859, ou seja, o ano da primeira edição da Galeria dos Brasileiros Ilustres, apenas quatro oficinas litográficas aparecem na lista elaborada por Rogéria Ipanema.⁴⁹ Número certamente ainda pequeno para a dimensão que tomava o negócio da imagem naquele momento.

Sendo assim, para que fosse possível cumprir a promessa ao público de “um grande e sucessivo melhoramento na impressão dos retratos” era preciso formar profissionais

⁴⁶ Arquivo Nacional. Fundo – Coleção: Decretos do Poder Executivo. Tema: privilégios Industriais 1847-1889, cód. 22 Seção de Guarda SDE, Instrumento: SDE 060

⁴⁷ Na oficina instalada no Arquivo Militar deu-se a formação dos primeiros profissionais da litografia tendo Johann Jacob Steinmann como professor litógrafo. Muitos profissionais eram iniciados no ofício pelo próprio dono da oficina que, invariavelmente, era mestre na profissão. Este é o caso de Sisson que, como mostrado em sua breve biografia, “Tornou-se desenhista litógrafo em Paris sobre as vistas e conselhos de Lemecier, mestre na profissão.” Arquivo do IHGB, lata 29, doc 20.

⁴⁸ SISSON, S.A.[editor]. *Galeria dos Brasileiros Ilustres*. Brasília: Senado Federal, 1999.

⁴⁹ Rogéria Ipanema lista para o ano de 1859, ou seja, o ano da primeira edição da Galeria dos Brasileiros Ilustres, apenas quatro oficinas litográficas. Número certamente ainda pequeno para a dimensão que toma o negócio da imagem. São as seguintes as oficinas listadas: Jacinto José Fontes, Beco do Propósito, 15; Manuel Pinheiro da Costa, rua do Sabão, 105; Pinheiro & Cia., rua do Cano, 165 e S. A. Sisson, rua do Cano, 45. op.cit., p. 581

capacitados como ressaltado por Sisson. Esta preocupação pode ser vista também em alguns anúncios publicados na imprensa:

LITÓGRAFO

Deseja-se engajar um litógrafo que seja bom e hábil desenhista e calígrafo de gravura, para trabalhar em uma litografia estabelecida N'uma cidade de província. É preciso que a pessoa não só seja habilitada, como que tenha boa conduta; para informações dirijam-se a Rua da Quitanda No. 77, livraria.

Já na direção de maior organização profissional uma determinada associação de litógrafos anunciava no *Jornal do Commércio* a posse de sua diretoria:

ASSOCIAÇÃO LITOGRAFICA

Por ordem da diretoria interina convido a todos os Srs. Sócios para reunirem-se em assembléia geral, domingo 11 do corrente em a casa da rua S. José, N. 61, às 10 horas da manhã, para assistirem a posse da diretoria que tem [...] funcionar até janeiro de 1858 – Rio, 9 de janeiro de 1857 – o 1º. Secretário, M J. Costa Pinheiro.⁵⁰

No momento da invenção e difusão do uso da fotografia e da litografia, o Império independente dava seus primeiros passos. Tais engenhos, em especial o primeiro, foram marcantes naquele momento a ponto de termos no Imperador Pedro II um grande entusiasta das novas técnicas.⁵¹ O monarca teve na fotografia um forte instrumento de divulgação de sua imagem que, devido a rapidez das reproduções, exerceriam forte atração na sociedade sendo sinônimo de progresso e qualidade.⁵² Outro aspecto importante neste mercado é o

⁵⁰ *Jornal do Commercio*, 10 de janeiro de 1857.

⁵¹ Esta ligação de Pedro II com a fotografia tem tido diversas interpretações. Uma delas da conta de ter o monarca feito da técnica um importante meio de divulgação não só de seu governo mas principalmente do país. Neste caso temos o trabalho de Lilia Moritz Schwarcz, *As Barbas do Imperador. D. Pedro II, Um Monarca nos Trópicos*. Outras tantas nos mostram um Pedro II entusiasmado com aquela novidade, apoiando-a desde o primeiro momento mas utilizando-a simplesmente como uma forma de entretenimento. Esta visão está presente na mais recente biografia de Pedro II escrita por José Murilo de Carvalho. Nela, o autor defende que a exaltação da figura pública do Imperador era muito mais obra de seus correligionários do que propriamente sua. Este seria o caso do quadro de Pedro Américo intitulado *D. Pedro na abertura da Assembléia Geral*, encomendado ao artista pelo visconde de Abaeté. De qualquer maneira, o atributo *Photographo da Casa Imperial* poderia melhorar os negócios e aumentar a receita de alguns estúdios.

⁵² Este fato não causa estranheza pois, segundo Martin Warnke, o retrato era o principal instrumento da política da corte no antigo regime. Segundo ele, com a crescente importância da personalidade do soberano tornava-se mais relevante a análise psicológica nas relações políticas fazendo com que se exigisse do retrato a apresentação de traços individuais. Provavelmente, o Imperador buscou aí a inspiração para esta atitude. WARNKE, Martin. *O Artista da Corte: os Antecedentes dos Artistas Modernos*. São Paulo: EdUSP, 2001.

aparecimento da figura do editor que de certa forma passa a organizar a produção de imagens, influenciando as obras que saiam das diversas oficinas. Desta forma, tanto as condições materiais e simbólicas quanto as questões relativas a publicação, circulação e editoração também eram objetos de disputa nesse “mercado prestigioso das aparências”.

Se assumirmos que as fotos são testemunhas da “dissolução implacável do tempo”⁵³ ou “não sejam apenas o registro de um passado mas um novo modo de lidar com o presente”⁵⁴, é possível entender o porquê de a fotografia ter chegado rapidamente ao Brasil e sua grande aceitação e difusão já nos primeiros momentos. Em 8 de janeiro de 1859, o *Jornal do Commercio* anunciava a venda avulsa de retratos de personalidades célebres como D. Pedro V e D. Estephania; de D. Pedro II e D. Theresa Cristina; D. Pedro I; Pedro Álvares Cabral; Marques de Pombal; José Bonifácio de Andrada; Marques do Paraná, entre outros. Ou seja, apresentavam-se ali algumas personagens ainda vivos da sociedade do imperial e outras, tanto de uma história recente quanto remota.

Mais adiante, em dois outros anúncios do mesmo periódico, podemos perceber este vínculo entre passado e presente feito através da imagem. Em 16 de janeiro de 1859 anunciava-se:

⁵³ SONTAG, Susan. *Sobre Fotografia*. São Paulo, Companhia das Letras, 2004. p.26

⁵⁴ *ibid.*, p. 183



Fig.8 *Universo Illustrado*. Anuncio do Jornal do Commércio de 16 de janeiro de 1859

Já em 1º de fevereiro do mesmo ano outro anuncio indicava que:

Publicou-se

O 2º. Número do Universo Illustrado de 1859, apresentando o retrato litografado da jovem Princesa Isabel do Brasil, no 1º número publicou-se o retrato de Pedro Álvares Cabral, descobridor do Brasil, e no 3º número será publicado o retrato de Bocaje (...), etc, etc. Continua-se a receber assinaturas para esta obra em casa do editor A.J. Ferreira Silva, Rua da quitanda 190.

Mesmo que nos anúncios não se fale em fotografias e sim de retratos é possível perceber que a demanda por imagens ganhava contornos sólidos. Até então eram reproduções de personagens da história do Brasil, isto se irradiou a medida que a fotografia passou a ser uma técnica mais acessível às camadas médias da sociedade e também ao crescente fenômeno urbano vivido em princípio na corte e depois por todo império. Aos poucos o silêncio em

torno do rosto humano⁵⁵ era rompido. E, sendo assim, ganharam importância cada vez maior as publicações ilustradas, os estúdios espalharam-se pela corte. O primeiro anúncio de uma oficina fotográfica no *Almanak Laemmert* apareceu em 1853. Os jornais anunciavam com grande frequência a venda de equipamentos e serviços ligados à produção de imagens. As vistas panorâmicas e retratos caíam cada dia mais no gosto da sociedade. A princípio nos estúdios, depois ao ar livre, pessoas eram fotografadas e as imagens tornavam-se o registro de uma época em transformação podendo então, funcionarem como uma forma de produzir reconhecimento e também legitimidade social.⁵⁶ Por sua vez, o maior desenvolvimento do meio fotográfico estava diretamente ligado “ao progresso econômico vivenciado na segunda metade do século XIX, com as ligações ferroviárias, o processo de urbanização e o surgimento de uma classe média urbana nas maiores cidades.”⁵⁷

310

INDUSTRIA, FABRICAS

C. A. GUILMETTE

RUA DIREITA, 27, SOBRADO

UNICO ESTABELECIMENTO

NO BRASIL

DE RETRATOS

DE

PHOTOGRAPHIA

SOBRE PAPEL.

Este estabelecimento se acha organizado em imitação da celebre officina de Fox Talbot em Londres. Os retratos são iguaes ás mais perfectas gravuras coloridas, inalteraveis na luz e humidade. r.

Dozadores e Prateadores.

Antonio Camillo Dias, r. da Misericordia, 113.
 Antonio Vieira de Castro Guimarães, r. de S. Pedro, 296.
 Augusto Lambourg, r. d'Ouvidor, 64.
 Caumont, r. d'Ajuda, 263.
 Gosselin (Carlos Miguel), r. da Alfandega, 137.
 João Maximiano Mafta, praça da Constituição, 87.
 Joaquim Henriques Ferreira, r. do Sabão, 94.
 Joaquim José da Silva, em madeira, tafetá, cambraia, vidros e imagens, residente aggregado ao Mosteiro de S. Bento.
 José Joaquim de Oliveira, r. dos Latoeiros, 62.

J. RUQUÉ,  **RUA D'OUVIDOR, 123,**
DOZADOR DA CASA IMPERIAL.

Tem um grande sortimento de ricas molduras para retratos, gravuras e espelhos de todos os tamanhos, e modelos os mais variados e modernos, assim como tem espelhos de todas as dimensões.

Fig.9 Anuncio do “único estabelecimento no Brasil de retratos de fotografia”. *Almanak Laemmert de 1853*

⁵⁵ BENJAMIN, op.cit., p. 95

⁵⁶ PESAVENTO, op.cit., p. 41

⁵⁷ KOSSOY, Boris. *Fotografia e História*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001. p. 144-145

1.2.2 - A imagem vinda da luz

A fotografia garante que o instante perdure; seu pressuposto é assegurar a eternidade e dar durabilidade ao que é fugaz. Logo, ao tomarmos a fotografia como objeto da pesquisa histórica estamos implicitamente assumindo que “toda fotografia tem atrás de si uma história e uma trajetória.”⁵⁸ Mais ainda, se ela pode ser peça comprobatória numa biografia⁵⁹ então, a partir de seu estudo, é possível entender as inúmeras apropriações das imagens representadas, principalmente, por um desejo de diferenciação e valorização do individual em detrimento do coletivo.

As imagens podem “reproduzir e sugerir sentimentos crenças e valores.”⁶⁰ Desta forma, elas podem fornecer elementos do estilo de vida, dos gostos, dos valores sociais, enfim, da cultura material. No Brasil do século XIX, principalmente na sua segunda metade, o crescimento do consumo de imagens ligava-se diretamente ao “prestigioso mercado de aparência”. Esta vontade de ser fotografado estava ligada tanto a elaboração de uma memória daqueles que disputavam prestígio social, quanto a um certo desejo de ganhar o futuro, atravessando assim a degradação do tempo. Logo, através da análise criteriosa de fontes iconográficas é possível reconstituir a história cultural de alguns grupos sociais, bem como dos processos de mudança pelos quais passaram.

Para a fotografia a história começou há quase 170 anos. Em 3 de julho de 1839 o físico e deputado republicano francês François Arago, anunciava na Câmara o invento fotográfico de Joseph- Nicéphore Niépce e de Louis –Jacques–Mande Daguerre.⁶¹ Na fala o deputado defendeu a utilidade da nova invenção para as artes e para as ciências, bem como a rapidez do

⁵⁸ KOSSOY, op.cit., p.45

⁵⁹ SONTAG, op.cit., p.183

⁶⁰ LISSOVSKY, Mauricio. Sob o Signo do “clic”: fotografia e história em Walter benjamin. In: FELDMAN-BIANCO, Bela; LEITE, Mirian L Moreira (orgs). Desafios da Imagem: Fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais. Campinas: Papyrus, 1998. p. 21-35

⁶¹ Existe também o trabalho de Boris Kossoy, *Hercule Florence: A Descoberta Isolada da Fotografia no Brasil*, no qual ele defende que o francês Hercule Florence, integrante da Expedição Langsdorff, teria descoberto o processo de reprodução de imagens por meio da luz no Brasil em 1833.

processo e a revolução do olhar que a técnica oferecia ao aproximar “imagens fiéis de objetos e paisagens distantes, guardando do tempo monumentos históricos.”⁶² Em agosto do mesmo ano é o próprio Daguerre quem revela seus resultados para membros das Academias de Ciências e de Belas-Artes. A repercussão foi imediata e houve uma profusão de manuais e a venda dos primeiros aparelhos.

Cinco meses depois era realizado no Brasil pelo francês Louis Compte o primeiro experimento com o daguerreótipo. O evento foi anunciado pelo *Jornal do Comércio* com muita eloquência e dava especial atenção ao fato de ser possível a partir daquela máquina “fixar pessoas e as coisas como a natureza as havia criado”:

Finalmente passou o daguerreótipo para cá os mares, e a fotografia, que até agora só era conhecida no Rio de Janeiro por teoria, é-o atualmente também pelos fatos que excedem quanto se tem lido pelos jornais tanto quanto vai do vivo ao pintado.

Hoje de manhã teve lugar na hospedaria Pharoux um ensaio fotográfico tanto mais interessante, quanto é a primeira vez que a nova maravilha se apresenta aos olhos dos brasileiros. Foi o abade Compte quem fez a experiência: é um dos viajantes que se acha a bordo da corveta francesa *L` Orientale*, o qual trouxe consigo o engenhoso instrumento de Daguerre, por causa da facilidade com que por meio dele se obtém a representação dos objetos de que se deseja conservar a imagem.

É preciso ter visto a cousa com seus próprios olhos para se poder fazer idéia da rapidez e do resultado da operação. Em menos de nove minutos o chafariz do Largo do Paço, a praça do Peixe, o Mosteiro de S. Bento, e todos os outros objetos circundantes se acharam reproduzidos com tal fidelidade, precisão e minuciosidade, que bem se via que a cousa tinha sido feita pela própria mão da natureza, e quase sem a intervenção do artista. Inútil é encarecer a importância da descoberta de que já por vezes temos ocupado os leitores. A exposição simples do fato diz mais que todos os esclarecimentos.⁶³

⁶² SEGALA, op.cit., p.11

⁶³ *Jornal do Commercio*, 17 de janeiro de 1840

Daí em diante, a fotografia se expandiu aos costumes das famílias até fazer parte do dia-a-dia da sociedade contemporânea.⁶⁴

Mas, uma leitura atenta do trecho encerra questões importantes a serem consideradas em trabalhos com imagens fotográficas. A primeira delas é relativa a uma suposta facilidade em se obter a “representação de objetos que se deseja conservar a imagem”. Não estaria o autor, inconscientemente remetendo a elaboração de uma memória? A outra, posta de modo mais claro, referia-se à precisão, à fidelidade e à minuciosidade da técnica fotográfica. Ora, no oitocentos devia-se achar que as imagens produzidas pelo *daguerreótipo*, reproduziam a realidade com a precisão. Sendo assim, naquele momento, a fotografia ganhava o estatuto de reprodutora fiel da realidade, imune a qualquer interferência da subjetividade, obedecendo aos pressupostos da ciência moderna, ícone do progresso. Tendo o retrato dominado a preferência da clientela do XIX,⁶⁵ temos como consequência importante aquilo denominado de “o ponto alto da *mise-en-scene* fotográfica do oitocentos: a pose.” Nela, combinando-se “a competência do fotógrafo em controlar a tecnologia fotográfica, a idéia de performance, ligada ao fato de o cliente assumir uma máscara social”⁶⁶, concorriam para que fossem assimilados alguns comportamentos aceitáveis e difundidos para outros setores.

No entanto, a principal questão levantada a partir da crônica é a suposta independência do processo fotográfico: “bem se via que a coisa tinha sido feita pela própria mão da

⁶⁴ Susan Sontag, em seu livro *Sobre Fotografia*, ao citar Feuerbach, levanta algumas questões para a discussão sobre o mercado de imagens que creio, sejam bastante pertinentes àquilo que discuto. Diz ela: “No prefácio à segunda edição (1843) de *A Essência do cristianismo*, Feuerbach observa a respeito da “nossa era” que ela prefere a imagem à coisa, a cópia ao original, a representação à realidade, a aparência ao ser” – ao mesmo tempo que tem perfeita consciência disso. E seu lamento premonitório transformou-se, no século XX, um diagnóstico amplamente aceito: uma sociedade se torna “moderna” quando uma de suas atividades principais consiste em produzir e consumir imagens, quando imagens que têm poderes excepcionais para determinar nossas necessidades em relação à realidade e são, elas mesmas, cobichados substitutos da experiência em primeira mão se tornam indispensáveis para a saúde da economia, para a estabilidade do corpo social e para a busca da felicidade privada. As palavras de Feuerbach – que as escreveu poucos anos após a invenção da câmera – parecem, mais especificamente, um pressentimento do impacto da fotografia. Pois as imagens que desfrutam de uma autoridade quase ilimitada em uma sociedade moderna são sobretudo imagens fotográficas.” SONTAG, op.cit., p. 169-170

⁶⁵ MAUAD, Ana Maria. *Imagem e Auto-imagem do Segundo Reinado*. In: NOVAIS, Fernando A; ALENCASTRO, Luiz Felipe de (orgs). *História da vida privada no Brasil*; v.2. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p. 181-231

⁶⁶ *ibid*, p. 191

natureza, e quase sem a intervenção do artista”. Neste caso, dois outros aspectos inserem-se no debate: a possibilidade de independência em relação aos pintores – naquele momento uma mão-de-obra artesanal, cara e acessível a poucos – e também a questão autoral. No, entanto, mais importante que assinalar a adesão ou rejeição ao invento é o espanto diante da transformação da idéia de obra de arte. Isto porque, a “industrialização” da imagem tornava-a popular, ordinária, acessível a muitos e sem a necessidade de grandes estudos preparatórios.”⁶⁷ Foram os retratos em miniatura, e não a pintura de paisagem, as verdadeiras vítimas da fotografia.⁶⁸

“Refugio dos pintores fracassados, sem talento ou demasiado preguiçosos, para concluírem seus estudos”. É assim que Charle Baudelaire⁶⁹, em “O Salão de 1859”, se referiu a fotografia. Para ele, se fosse permitido à fotografia substituir a arte em algumas de suas funções, estaria próximo o dia que ela a suplantaria ou a corromperia, graças a aliança natural encontrada na estupidez da multidão. Certamente, a preocupação maior do poeta é com a Exposição da Sociedade Francesa de Fotografia que ocorreu paralelamente a de pintura naquele salão.⁷⁰

Este aspecto transformador, e porque não, revolucionário da fotografia, fez com que Baudelaire transferisse para o público consumidor ou, como queria o poeta, aquela “multidão de idólatras”, a verdadeira causa do crescimento vertiginoso da técnica. Para ele, a crença de que seria possível reproduzir a natureza estava intrinsicamente ligada a este fato:

Assim, o engenho que nos desse um resultado idêntico a natureza seria a arte absoluta.” Um Deus vingador atendeu os pedidos dessa multidão. Daguerre foi seu Messias. E então ela diz para si mesma: “já que a fotografia, nos da todas as garantias desejáveis de exatidão (eles acreditam nisso, os insensatos) a arte ‘e fotografia” A partir desse momento, a sociedade imunda

⁶⁷ CÔRTEZ, Norma. (informação verbal)

⁶⁸ BENJAMIN, op.cit., p. 97

⁶⁹ BAUDELAIRE, Charles. A Modernidade de Baudelaire/ apresentação de Teixeira Coelho; tradução, Suely Cassal, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

⁷⁰ TURAZZI, Maria Inez. Poses e Trejeitos: a fotografia e as exposições na era do espetáculo- 1839/1889. Rio de Janeiro: Rocco, 1995

precipitou-se, como um único narciso, para completar sua trivial imagem sobre o metal.⁷¹

O importante aqui é a atualidade desta reflexão. Mas nem tudo é pessimismo em torno da invenção de Daguerre. Antonio Wiertz,⁷² ao contrário de Baudelaire a vê com entusiasmo:

Há alguns anos nasceu, para a glória de nosso século, uma máquina que diariamente assombra nossos pensamentos e assusta nossos olhos. Em cem anos, essa máquina será o pincel, a palheta, as cores, a destreza, a experiência, a paciência, a agilidade, a precisão, o colorido, o verniz, o modelo, a perfeição, o extrato da pintura ... Não se creia que o daguerreótipo será a morte da arte [...]. Quando o daguerreótipo, essa criança gigantesca, tiver alcançado sua maturidade, quando toda sua arte e toda sua força se tiverem desenvolvido, o gênio o segurará pela nuca, subitamente, clamando: Aqui! Tu me pertences agora! Trabalharemos juntos⁷²

Não é menor o entusiasmo do Jornal do Comércio. Em um artigo publicado em dois dias consecutivos no ano de 1840, fica claro tanto um desejo de fidelidade por parte da reprodução fotográfica quanto a sua utilização para desmontar “certos preconceitos europeus em relação ao Brasil. Diz o artigo:

O daguerrótipo

Havendo dignado S M o Imperador e Altezas Imperiais aceitar o oferecimento feito pelo Capitão Lucas, comandante do Navio-escola *L'Orientale*, para ver por em uso o aparelho de Daguerre para tirar vistas, o dito comandante e o abade Comte, encarregado do manejo do instrumento, se apresentaram no paço da Boa-vista; E teve o último a honra de explicar na presença dos augustos espectadores todo processo. Posto em prática, formou-se em nove minutos, a vista da fachada do paço tomada de uma das janelas do torreão, e logo em igual tempo a perspectiva geral que se goza da varanda com todas as mais pequenas miudezas e variações. S. M. e Altezas Imperiais se mostraram mui satisfeitos com as experiências, cujo progresso mereceu-lhes toda a atenção, e cujos produtos S.M o Imperador se dignou aceitar.

É com efeito o invento de Daguerre uma maravilha bem digna da solene recompensa nacional que lhe foi concedida em França, com todas as circunstancias mais lisonjeiras para um amante da gloria. Pelo aparelho, cuja posse já entrou no domínio público, e que em muito excede as mais vivas esperanças do Italiano *Porta*, primeiro inventor da câmara obscura, fica a luz, completa conquista do homem, inteiramente sujeita a trabalhar à vontade e para uso dele: ministra-lhe uma poderosíssima alavanca para o aperfeiçoamento, não só de diversos ramos das artes, mas também das

⁷¹ BAUDELAIRE, op.cit. P. 71

⁷² Apud BENJAMIN, op.cit.

⁷² ibid., pág. 106.

ciências, e proporciona-lhe um conhecimento exato e autêntico de todas as partes do globo em que ele habita.

Pode-se prognosticar a coleção de vistas que trouxe a *Oriente* de sua viagem ao redor do mundo, que, entre todos os resultados desta expedição patriótica, ela desafiará na Europa um grão particular d'interesse; e considerar se deve como nova recompensa do inventor da máquina a brilhante aplicação que dela faz o abade Comte nas diversas estações da viagem, e em primeiro lugar aos magníficos sítios do Império do Brasil.

Se bem que já por vezes tenhamos ocupado os leitores com a importantíssima descoberta de Daguerre não julgamos fora de propósito transcrever aqui o extrato do relatório feito sobre este objeto por Arago à Academia das Ciências de Paris: [...].⁷²

A julgar pelo artigo, a adesão do Imperador a nova técnica é imediata. Os magníficos sítios do Império do Brasil não seriam mais relatados pelas mãos de artistas propensos a deturpar a natureza em função de suas emoções. Com a descoberta de Daguerre seria possível “um conhecimento exato e autêntico de todas as partes do globo”, certamente entre elas o Brasil. Daí em diante foi constante a participação brasileira nas Exposições Universais com fotos de vistas panorâmicas como um de seus diversos produtos, pois estes eventos serviam internamente como uma forma de integração e externamente como suporte da atração de “capitais, braços e inteligência da Europa”⁷³.

O negócio de reprodução e venda de imagens em larga escala ganhou, durante o século XIX, uma ampla dimensão e ao aumento deste tipo de consumo seguiu-se significativas alterações tanto na qualidade da produção e quanto nos “usos e papéis sociais daqueles que atuavam neste ramo de produção e comércio.”⁷⁴ Uma rápida vista na parte que seria hoje o caderno classificados do Jornal do Comércio pode fornecer uma visão panorâmica desta questão. Ali apareciam anunciados a venda de retratos de personalidades célebres, de equipamentos de fotografias e prensas litográficas, bem como o ensino das técnicas fotográficas:

⁷² Jornal do Comércio, 20 e 21 de Janeiro de 1840.

⁷³ TURAZZI, op.cit., p.107

⁷⁴ ZENHA, op.cit. p .135

Daguerreotyp e Amberreotyp

Ensina-se estes dois sistemas, vende-se uma máquina de quarto superior e afiançada, incluindo todos os mais objetos pertencentes aos dois sistemas, própria para montar um estabelecimento, pela quantia de 500\$; a quem lhe convier deixe carta neste escritório com as iniciais R.P.⁷⁵

Ou ainda:

Litografia

Vende-se uma boa prensa litográfica com todas as suas pertenças, pedras já com trabalhos aproveitáveis; uma maquina para cromolitografia (a reparar) (...). Praça da Constituição n.64⁷⁶

A “civilização da imagem” começou a tomar contorno mais nítidos no momento em que a litografia “ao reproduzir em série as obras produzidas pelos artistas do princípio do oitocentos inaugurou o fenômeno do consumo de imagem enquanto produto estético de interesse artístico e documental,”⁷⁷ e se configurou concretamente no momento em que a imagem fotográfica pode ser impressa e veiculada em massa através de cartões-postais e das publicações ilustradas, vindo o conhecimento visual tornar-se moda nas primeiras décadas após o advento da fotografia.

É a partir do momento no qual a paisagem humana experimenta “um ritmo vertiginoso de transformação que ocorreu uma duplicação do mundo pelas câmeras fotográficas.”⁷⁸ Ela era, então, o instrumento disponível para registrar o que estava desaparecendo: tanto formas de vidas biológicas quanto sociais.

Logo, as imagens tornavam-se indispensáveis ao progresso das ciências e das técnicas por representar uma linguagem universal, facilitando o sentido do texto a pessoas pouco familiarizadas com as letras. Assim, devido à sua rapidez, as técnicas fotográfica e litográfica passariam a ocupar o centro desta narrativa visual já em meados do século XIX.⁷⁹

⁷⁵ Jornal do Comércio, 9 de janeiro de 1859

⁷⁶ Jornal do Comércio, 18 de janeiro de 1859

⁷⁷ KOSSOY, op.cit. p. 134-136

⁷⁸ SONTAG, op. cit., p.26

⁷⁹ Para Facundo Tomás, esta centralidade estava ligada também ao fato de que o “conjunto da sociedade se submetia as necessidades do comércio” e por conseguinte também suas formas artísticas. Para atingir um maior número de consumidores era preciso técnicas mais ágeis que as antigas formas de produção de imagens. TOMÁS, op.cit., p. 331

380

Officina da rua do Cano, 146. Além dos retratos em fumo e coloridos que se tirão, vendem-se alguns daguerreotypos e dá-se lições d este machinismo. Na mesma casa ha para alugar ou vender-se cabeças de gesso, e muitos exemplares lithographados para o estudo do desenho e pintura: dá se tambem a quem pretender lições d esta arte, em collegios ou casas particulares. Tambem ha para se vender instrumentos para desenhar o natural quasi sem estudos preliminares.

Na officina na rua da Prainha, 9. ensina-se a qualquer a tirar retratos em fumo e coloridos, pelo modico preço de 50 \$ 000, ou 25 \$ 000 para quem quizer aprender a tirar só em fumo, ou só o colorido.

Douradores.

C. M. Fontaine, dourador sobre metal, r. dos Ourives, 63.

Fontaine, dourador sobre metal, rua do Cano, 123.

Francisco Hug, rua dos Latoeiros, 55; encarrega-se de fazer e dourar toda a qualidade de molduras para retratos, espelhos, gravuras, &c., &c. Igualmente renova molduras velhas, e doura maçanetas e toda a qualidade de ornamentos para igreja, salas, &c.

Joaquim Henriques Ferreira, rua do Sabão, 94.

J. Ruqué, rua d'Ouvidor, 132, dourador da Casa Imperial; tem sempre um grande sortimento de ricas molduras douradas para retratos, gravuras e espelhos de todos os tamanhos, e modelos os mais variados e modernos, assim como tem espelhos de todas as dimensões. Na mesma casa se achão todos os objectos pertencentes á pintura a oleo, miniatura, desenho, &c.

Manoel Fabregas, rua d'Ajuda, 45.

Richevillain, rua d'Ajuda, 33.

Por meio do Galvanismo.

Antonio Berand, rua d'Ouvidor, 157, dourador e prateador.

Palhares e Gomes, r. nova d'Ouvidor, 9, dito e bronzeador.

Rua d'Ouvidor, 139.

Rua dos Barbones, 51.

Fig.10 As primeiras oficinas de fotografia anunciadas no *Almanak Laemmert de 1847*

No caso específico do Brasil, é importante destacar que a sociedade, em especial o Rio de Janeiro, iniciava um ainda lento mas irreversível processo de urbanização e, talvez por isso, as vistas panorâmicas tenham sido fartamente retratadas das mais diversas formas e pelos mais diversos artistas que passaram por aqui. Deste modo, tinha-se acesso, através de reproduções vendidas nas casas comerciais espalhadas pela cidade, a um passado recente e a uma promessa de prosperidade futura.

De três oficinas anunciadas no Almanaque Laemmert em 1847, a corte passa a contar, em 1853, com oito delas que ofereciam serviços fotográficos, além de ensinar a técnica e vender a própria máquina. Assim, tanto o passado natural quanto o social podiam transformar-se através da fotografia, mesmo que para um mercado restrito, em objeto de consumo.

ARTES, OFFÍCIOS, ETC.	509
<p>José Ignacio da Silva, travessa do Ouvidor, 16 e 33. Luiz Grimler, r. Nova do Conde, 95. Marcolino José da Costa (faz todas as qualidades de arceios e forros de carros), r. do Theatro, 25. Miguel Ferreira dos Santos, r. Nova de S. Pedro, 90. Santos & Ferreira, r. do Sabão, 110, esquina da r. dos Ourives. Valentim Gertner, r. dos Ciganos, 17.</p>	
Corrieiros-enfardadores.	
<p>Antonio Francisco dos Santos Lessa & C., r. da Candelaria, 47. José Baptista Martins de Souza Castellões, r. de S. Pedro, 59. Faz também o melhor encerado e o mais proprio para cobrir as fazendas e resguarda-las do tempo. Militão Honorio de Carvalho & C., r. das Violas, 40.</p>	
Cortadeiras de Camisas.	
<p>M.^{ma} de la Brière, r. do Ouvidor, 56. M.^{mas} Creten & Irmã, Cortadeiras da Casa Imperial, r. dos Latociros, 81. M.^{lta} Rosine Long, r. dos Latociros, 83.</p>	
Curtidores.	
<p>José Kilian, Caminho de S. Christovão, 42. Francisco José de Mello Souza, r. do Imperador, em S. Christovão, 19, 21 e 23, e na ilha das Moças.</p>	
Cutileiros.	
<p>Adrien, r. dos Ourives, 157. Antonio Brandão, r. dos Pescadores, 89 A. Ambrosio José da Fonseca, r. dos Ourives, 122. Babret, r. d'Alfandega, 144. Francisco Peixoto de Castro, r. dos Ourives, 64. J. Wirz, r. dos Latociros, 70. Luiz Denillo, r. do Ouvidor, 135. Nicolão José Baptista, r. d'Ajuda, 29. Vannet, r. do Ouvidor, 99.</p>	
Daguerreotypos.	
<p>Officina Imperial de Buvelot, 6, & Prat, r. dos Latociros, 36. Officina de Guilherme Telfer, r. dos Ourives, 34. Officina da r. do Cano, 146. Officina, r. d'Ouvidor, 64. Officina, r. do Cano, 233, sobre papel a Rs. 3.000. Officina de Jules Casimir, por um novo systema, das 8 da manhã até ás 4 da tarde, r. d'Ouvidor, 64 A, defronte do <i>Jornal do Commercio</i>. Officina, r. dos Latociros, 68.</p>	

Fig. 11 Página do *Almanak Laemmert* de 1853, já com 7 oficinas de Daguerreótipos



Fig.12 Anuncio de “novo sistema” de retratos. Diário do Rio de Janeiro, 13 de julho de 1857

Com isso, as fotografias de pessoas passaram a ser consumidas principalmente pelas famílias mais abastardas da corte e do Império, e este consumo tornou-se um modo de mostrar enriquecimento, ou seja, símbolo de status, sinônimo de moderno e ainda marca de civilidade.

Capítulo 2

Imagens e imaginário na biografia do oitocentos - o IHGB

2.1 O IHGB e a tradição biográfica

Quando pensamos em biografias nos remetemos imediatamente à Plutarco. Ele é, sem dúvida, o grande inspirador de obras as mais diversas do gênero biográfico. “*Vidas Paralelas ou Comparadas*” é referência obrigatória para toda uma escola deste gênero de escrita.

Na nota introdutória do livro dedicado a Alexandre, Plutarco enfatiza:

Realmente, não estou escrevendo a História, mas narrando vidas; também, não são, por certo, as ações mais preclaras que evidenciam a virtude ou o vício; [...] Assim como os pintores, em seus retratos, procuram fixar os traços do rosto e o olhar refletindo nitidamente a índole da pessoa sem se preocupar com as outras partes do corpo, aqui nos permitimos concentrar nosso estudo, principalmente, nas manifestações características da alma e esboçar de acordo com esses sinais, a vida dessas personagens, deixando a outros os grandes acontecimentos e combates⁸⁰

Em Plutarco, a obra biográfica possuía três características fundamentais: prazer de escrever; a humanização das personagens e destaque cuidadoso para detalhes significativos da vida dos biografados. *Vidas* é presidida também por uma constante preocupação moralizante.⁸¹ Moral esta boa para a vida privada, feita para a família, mas simples demais para a vida pública. Plutarco quase sempre escolhia biografar personalidades que lhe oferecessem exemplos edificantes, dentro, é claro, da sua concepção de grandeza.

Podemos inferir que mesmo não sendo uma escrita histórica como afirmara seu autor *Vidas Paralelas* trata-se de uma referência não só para biógrafos como para historiadores de todos os matizes. Os membros do IHGB certamente encontraram na obra de Plutarco a inspiração necessária para a elaboração das biografias. Em 1839 Januário Barbosa sublinhou

⁸⁰ Plutarco. *Vidas*. São Paulo: Cultrix, 1964. p. 13

⁸¹ Plutarco. *Alexandre e Cesar/Plutarco- Clássicos Ilustrados: Prefacio de Mario da Gama Kury*. São Paulo: Ediouro, 2001.

Na vida dos grandes homens aprende-se a conhecer as aplicações da honra, a apreciar a glória e afrontar os perigos, que muitas vezes são causas da maior glória. O livro de Plutarco (diz o Barão de Morogues) é uma excelente escola do homem, porque oferece em todos os gêneros os mais nobres exemplos da imaginação. Aí se encontra descoberta toda a antiguidade; cada homem celebre aí aparece com seu gênio, com seus talentos, com suas virtudes e com a influência que exercera sobre seu século; aí se aprende como o gênio da movimento a povos inteiros por suas leis; por suas conquistas, por sua eloquência; [...] aí vidas brilhantes e mortes ilustres ensinam amar a glória, a apreciar as suas causas, a prever os seus resultados, e a acautelarmo-nos daqueles perigos que a seguem como sombras, porque os homens que pesam sobre o universo também lutam por seu próprio peso; logo após a glória acham-se freqüentemente ocultos o desterro, o ferro e o veneno⁸²

Mais adiante, talvez já trazendo resposta à sua própria pergunta, Januário da Cunha Barbosa se indagou:

No período de pouco mais de três séculos não terão aparecido, neste fértil continente, varões preclaros por diversas qualidades, que mereçam os cuidados do circumspecto historiador, e que se possam oferecer as nascentes gerações como tipos de grandes virtudes?⁸³

Os “brasileiros ilustres pelas ciências, letras, armas e virtudes” seriam, segundo os historiadores do IHGB, salvos de um injusto esquecimento, através da biografia. Ao ser escrita, a biografia faria a ligação entre a história e a memória colaborando assim para o desenvolvimento de certa identidade.

Existe um consenso na historiografia⁸⁴ sobre o papel fundamental que o IHGB exerceu na consolidação da escrita histórica século XIX. Era o Instituto que “oficialmente” deveria “organizar” o passado do Império que emergia. Logo após a sua fundação, o IHGB passa a ressignificar o passado do Brasil e a difundi-lo. Já no parágrafo inicial do discurso de fundação, publicado em sua primeira revista, uma orientação neste sentido pode ser notada:

⁸² BARBOSA, Januário da Cunha. Discurso de Fundação do IHGB. In: Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Rio de Janeiro, vol.1, 1839: p.14

⁸³ Ibid, p.15

⁸⁴ Refiro-me particularmente aos seguintes trabalhos: **GUIMARÃES**, Manoel Luiz Salgado. *Nação e Civilização nos Trópicos: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o projeto de uma história nacional*; **SCHWARCZ**, Lilia Moritz. *O Espetáculo das Raças: cientistas, instituições e a questão racial no Brasil, 1870-1930*; _____. *As Barbas do Imperador: D.Pedro II, um monarca nos trópicos*; **SOUZA**, Iara Lis Franco S Carvalho. *Pátria Coroada – O Brasil como Corpo Político Autônomo 1780-1831*; **WEHLING**, Arno. *Estado, História e Memória* e **REIS**, José Carlos. *As Identidades do Brasil: de Varnhagem a FHC*.

Não se compadecia já com o gênio brasileiro, sempre zeloso da glória da pátria, deixar por mais tempo em esquecimento os fatos notáveis da sua história, acontecidos em diversos pontos do Império sem dúvida ainda não bem designados. Eis o motivo Senhores, porque dois membros do conselho da Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional, e também sócios do Instituto Histórico de Paris, [...] se animaram a propor a fundação de um Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, que sob os auspícios de tão útil quanto respeitável sociedade curasse de reunir e organizar os elementos para a história e geografia do Brasil, espalhados por suas províncias, e por isso mesmo difíceis de se colher por qualquer patriota que tentasse escrever exatamente tão desejada história.⁸⁵

É possível considerar que para além de uma instituição de História, o Instituto se pensava uma casa da nova cultura, baseada, é claro, nos cânones dos fundadores, ou seja, aquela de tradição iluminista assentada nos valores da razão como impulsionadora das civilizações. Assim, a idéia de uma instituição cultural a nortear os historiadores do IHGB e para a qual voltavam seus esforços era a que tinha como espelho o mundo europeu: o da civilidade e da racionalidade

Para os fundadores do Instituto aquela “literária associação” iria concentrar os diversos fatos da história da nação fazendo parte assim de uma instituição voltada para valores superiores e morais da sociedade.

Desta forma, já nas primeiras páginas de sua revista, encontramos uma busca pela legitimação da idéia de uma associação cultural representada pelas palavras selecionadas para anunciar sua missão:

Eis-nos congregados para encetarmos os trabalhos do proposto Instituto Histórico e Geográfico do Brasil, e desta arte mostrarmos as nações cultas que também prezamos a glória da pátria, propondo-nos a concentrar, em uma literária associação os diversos fatos de nossa história e os esclarecimentos geográficos de nosso país, para que possam ser oferecidos ao conhecimento do mundo, purificados dos erros e inexatidões que mancham em muitos impressos tanto nacionais como estrangeiros.⁸⁶

⁸⁵ BARBOSA, op.cit., p.14

⁸⁶ BARBOSA, op.cit., p.9

Quando afirmavam ser a intenção constituir um “monumento literário” ou ainda que “este majestoso edifício tem por fundamentos o amor da pátria e o amor das letras”, os seus fundadores delineavam perfeitamente a Instituição. Para além de pretender escrever a História do Brasil, o Instituto se propunha a ser um local de erudição nos moldes das academias europeias. Assim, ao definir uma cultura própria para a nação recentemente independente, diferenciava-se prontamente das demais do novo mundo.

Para compreender o esforço do IHGB em definir-se como uma instituição da cultura voltada para elevar o nome do Brasil e seus filhos é preciso considerar a existência de uma “base cultural comum”⁸⁷ como uma das características da emergência de nações. Na visão do Instituto, as letras saíam do simples adorno para serem também alicerce da sociedade. Ou seja, uma instituição como o IHGB não podia se furtar a colaborar com o esclarecimento dos cidadãos e dos homens com funções públicas.

Também dentro desta lógica é que foi fundado em 1837 o Imperial Colégio Pedro II e mais adiante em 1838 - mesmo ano de fundação do IHGB - o Arquivo Público. O Colégio atuaria na primeira formação dos filhos da aristocracia rural e de comerciantes e o Arquivo Público na preservação da memória nacional.⁸⁸

2.2 - As biografias do IHGB

Tentei mostrar até aqui as ligações do IHGB com a elaboração de uma identidade. É chegada a hora de mostrar quem afinal eram estas *personas* cujo o caráter era tão excepcional ao ponto de se converterem em membro do panteão da glória nacional.

⁸⁷ NEVES, Lucia Maria Bastos; MACHADO, Humberto Fernandes. *O império do Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999. p. 255. Esta base ultrapassa as linhas da cultura propriamente dita e aparece também delineada na construção do texto científico. Neste aspecto ver o trabalho de Lorelai Kury, “Ciência e Nação: romantismo e história natural na obra de E. J. da Silva Maia. In: História, Ciências, Saúde- manguinhos. Vol.5 no.2. Rio de Janeiro, Julho/outubro . 1998

⁸⁸ A fundação dessas instituições traz em sua ótica o que Manoel Salgado Guimarães considerou “uma certa postura iluminista” ao propiciar primeiramente o esclarecimento daqueles que estavam no topo da pirâmide social para que daí toda a sociedade viesse a ser esclarecida.

Mas, além de denominar-se como uma instituição da cultura empenhada na formação de uma consciência que pudesse influir na elaboração dos alicerces da sociedade, o Instituto pensava a história como mestra da vida e por isso, não tinha dúvida que

as melhores lições que os homens podem receber lhes são dadas pela história. Por isso que a virtude é sempre digna da veneração pública, a glória abrilhanta os honrados cidadãos, ainda mesmo quando pareçam haver sucumbido aos golpes da inveja e da intriga dos maus; a justiça que a posteridade lhes faz, salvando seus nomes e seus feitos de um injusto esquecimento, é forte estímulo para a uma patriótica emulação.⁸⁹

Virtude, veneração, glória e honra são palavras freqüentemente usadas que, de certo modo, deixam a pista do homem que seria descrito pelo IHGB. Para os intelectuais encarregados desta escrita a história tinha também a função da purificação, do resgate e assim, estão certo que:

a fama dos grandes homens, rompendo as trevas da antigüidade, tem chegado a nós com os documentos de seus méritos acrisolados pela história: ela assim premia a virtude muitas vezes perseguida, restituindo à veneração dos homens a memória daqueles que dela se fizeram dignas.⁹⁰

A cada palavra proferida no discurso de fundação, Januário da Cunha Barbosa seguia mostrando cada vez mais que tipo de homem interessava ao Instituto evidenciar. Somente “rompendo as trevas da antigüidade”, aquelas vidas poderiam ser tomadas como modelo para as novas gerações. Mas como romper com o passado e preservá-lo ao mesmo tempo? Este problema foi prontamente resolvido pelo IHGB quando procurou no passado colonial homens que reunissem as condições básicas para figurar em sua galeria de virtuosos. Por isso valia a pergunta:

⁸⁹ BARBOSA, op.cit., p.15

⁹⁰ BARBOSA, op.cit.,p.14

e não oferecerá uma história verídica de nosso país essas lições, que tão profícuas podem ser aos cidadãos brasileiros no desempenho de seus mais importantes deveres? No período de pouco mais de três séculos não terão aparecido, neste fértil continente, varões preclaros por diversas qualidades, que mereçam os cuidados do circunspecto historiador, e que possam oferecer as nascentes gerações como tipos de grandes virtudes?⁹¹

Concluindo o discurso de fundação do IHGB, Januário da Cunha Barbosa respondeu às perguntas levantadas, afirmando que o “grande homem” existiu faltando apenas quem o resgatasse do sono obscuro no qual estava mergulhado. Tal resgate deveria ser feito pela história com uma clara alusão ao caráter heróico do homem a ser biografado. Dizia ele:

A nossa história abunda de modelos de virtudes; mas um grande número de feitos gloriosos morrem ou dormem na obscuridade, sem proveito das gerações subseqüentes. O Brasil, senhores, posto que em circunstâncias não semelhantes às da França, pode contudo apresentar pela história, ao estudo e emulação de seus filhos, uma longa série de varões distintos por seu saber e brilhantes qualidades. *Só tem faltado quem os apresentasse em bem ordenada galeria, colocando-os segundo os tempos e os lugares, para que sejam melhor percebidos pelos que anelam seguir os seus passos nos caminhos da honra e da glória nacional.*(grifo nosso)⁹²

Assim, fica claro que o trabalho intelectual do IHGB guarda em si a questão do papel da história como mestra para a vida, da história exemplar, neste caso o exemplo dos grandes homens. As vidas exemplares eram as marcas para a construção de uma sociedade onde pudessem se entrelaçar passado, presente e futuro numa sucessão lógica de fatos. Desta forma, ao se inserirem neste tipo de escrita histórica as biografias dos brasileiros ilustres acompanhavam esta lógica e refletiam no presente a boa imagem do biografado. Mas afinal, que rostos⁹³ tinham aquelas pessoas honradas que haviam conquistado o direito de serem tomadas como exemplos para as futuras gerações?

⁹¹ BARBOSA, op.cit., p.15

⁹² BARBOSA, op.cit., p. 15-16

⁹³ Norbert Elias defende ser o rosto mais que qualquer outra parte do corpo a vitrine da pessoa. ELIAS, Norbert. *A Sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

A publicação de biografias na revista trimestral do IHGB⁹⁴ foi constante entre 1839 e 1861. Não nos admira que os biografados tenham sido, em geral, homens. Naquela sociedade, o papel reservado à mulher era o espaço doméstico do lar: a mãe, a esposa. Ou seja, as atividades públicas, das letras, das armas, dos negócios e da política eram em essência do universo masculino.

No entanto, algumas poucas mulheres ganharam a honra de figurar nesta lista, não tanto pelas atividades associadas à mulher como a maternidade ou aquelas associadas à vida privada e à família. Nas biografias do IHGB, elas foram lembradas por características que se remetem quase sempre ao universo masculino, em especial as da guerra. Este o caso de Maria Ursula de Abreu Lancastre e Rosa Maria Siqueira. A primeira se disfarçou de homem para lutar por Portugal e a outra guerreou contra piratas em sua ida para Lisboa servindo de exemplo para toda uma tripulação. Já Clara Felippa Camarão, mulher de Felipe Camarão, empunhou armas contra a invasão dos holandeses chefiados por Maurício de Nassau.

Índios e negros foram excluídos desta elaboração. Esta exclusão reforça a idéia de que naquela sociedade há uma fronteira muito nítida entre o civil - neste caso representado por uma elite branca, proprietária - e o bárbaro - representado pelos negros e índios. Estes ao serem aliçados deste simbolismo contribuíram de forma indireta para definir o que seria o homem exemplar no oitocentos.

O herói indígena é aquele cujo selo da exceção o levou a figurar na galeria dos ilustres. Só assim o “esforçado índio” Araribóia passa figurar na galeria de ilustres do IHGB em 1842 por seus atos heróicos contra o invasor francês. Na biografia do mestiço Domingos Caldas Barbosa aparece um certo sentimento de compadecimento pelo poeta.⁹⁵

⁹⁴ ver quadro 1

⁹⁵ Nota-se aqui que embora tenha premiado em 1840 o trabalho “Como se deve escrever a história do Brasil” de Karl Philipp Von Martius, no qual o autor defendia que a escrita da História do Brasil deveria passar pela mistura das três raças, o próprio instituto parecia não tomá-lo como um importante parâmetro em suas escolhas biográficas.

Por outro lado, não podemos esquecer que se os índios não têm destaque nas páginas da revista do Instituto, é neste período, mas precisamente 1857, que José de Alencar inicia a publicação em folhetins do romance indianista *O Guarani*, obra que marca a entrada do escritor no movimento do indianismo na literatura brasileira do século XIX e que confere ao autor grande popularidade. O que demonstra contraditoriamente, neste aspecto, um certo descompasso entre a visão do Instituto e a do leitores desses folhetins.

Mesmo cientes da importância para o Império da unificação do vasto território, o Brasil, para os historiadores do IHGB, parece se restringir a algumas poucas regiões. Assim, Rio de Janeiro com dezoito biografados e Bahia com dezessete foram as províncias que mais forneceram nomes para as homenagens do Instituto. A escolha certamente não foi uma simples coincidência, pois o primeiro era na época a capital do Império e onde se localizava o Instituto, o outro destacava-se, provavelmente, por ter sido até bem pouco tempo atrás a cidade mais importante da agora ex-colônia. Seguem Minas Gerais e São Paulo respectivamente com nove e sete biografados. Temos ainda Portugal a oferecer oito nomes para a lista de brasileiros ilustres. Este fato é uma consequência da indefinição, sobre quem era ou não brasileiro que perdurava desde a época colonial.⁹⁶ Olinda com dois nomes; Santa Catarina, Pará e Prússia com um, completam a lista de brasileiros virtuosos dignos de figurar na galeria de heróis da nação. De uma maneira ou de outra, o que fica evidenciado é o desenho dos esforços de consolidação política da elite do Rio de Janeiro.

Para o IHGB, definido por seus fundadores como uma associação literária, as letras iam além do adorno da sociedade, exercendo influência direta na construção de seus alicerces a partir do esclarecimento de seus membros, devendo ainda auxiliar na administração pública. Por isso, de todas as biografias analisadas no período que vai de 1838 a 1860 dezoito eram de poetas ou homens ligados às letras – muitas vezes temos bacharéis e religiosos nesta

⁹⁶ ENDERS, Armelle. *O Plutarco Brasileiro: A Produção de Vultos Nacionais no Segundo Império*. In: Estudos Históricos. Rio de Janeiro, FGV, V.14, No. 25:2000. p.41-62.

lista. Isto demonstra a preocupação do Instituto tanto em dar conseqüência à proposta inicial de elaborar uma nova cultura para o Brasil que surgira com a Independência, quanto à presença das letras na administração pública.

A religião – neste caso a católica - é outra atividade que apareceu com grande inserção na lista de brasileiros ilustres. Foram dezoito, entre padres e freis, os homenageados pela revista no período. Isso se explica pois: “o catolicismo é o elo essencial que liga o passado, o presente e o futuro do Brasil.”⁹⁷ Muitas vezes os religiosos eram homenageados tanto pelas atividades inerentes a sua formação quanto por suas atividades literárias. Este foi o caso do padre Antonio Vieira, o único merecedor de nada menos que vinte e quatro páginas no ano de 1844 para o relato de uma vida devotada não só à religião mas também às letras. Isto nos mostra que os religiosos tinham uma atenção especial por parte do Instituto pois suas vidas podiam servir do duplo exemplo das artes e da fé.

Desde a instalação da Coroa até a consolidação do Estado imperial na América Portuguesa as crises e revoltas permearam a política. Assim, a unificação da nação a partir da pacificação das diversas elites regionais – o consenso das elites - também foi um elemento de preocupação dos letrados do IHGB. Deste modo, as “virtudes guerreiras” em conjunto com a boa qualidade moral, e expressas em dezesseis biografias dedicadas aos heróis das armas, externavam tal preocupação. Sendo assim, o Instituto lançava mão de biografias exemplares de brasileiros que lutaram pela honra e glória da nação. Aqui também nada impede que o herói das armas tenha uma formação distinta da militar, este foi o caso por exemplo, de Clemente Pereira de Azeredo Coutinho e Mello, formado em Coimbra, na Faculdade de Leis e Cânones que destacou-se por seu “exercício das armas.”⁹⁸

⁹⁷ ENDERS, op.cit., p. 50.

⁹⁸ Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, 1: 1842, p. 89

Ainda que não houvesse uma associação direta entre a atividade na qual o biografado tivesse se destacado e a sua educação formal, as biografias, em sua maioria, mostravam o tipo e local de formação do ilustrado.⁹⁹ Tal qual sublinhado por José Murilo de Carvalho¹⁰⁰, acerca das elites políticas do Império, trinta e três dos que têm o nome na galeria do IHGB no período de 1839 a 1860 formaram-se na Universidade de Coimbra. Poetas, religiosos, homens das armas e de Estado passaram por aquele importante centro de formação de Portugal e para onde se canalizou tanto a formação dos quadros da antiga colônia quanto da monarquia recém instaurada. Com apenas seis inserções, o Colégio dos Jesuítas aparece como o segundo local onde formaram-se os brasileiros ilustres. Isto mostra com bastante clareza a influência exercida por Coimbra na elaboração e difusão das luzes e da civilização na América Portuguesa.

As vidas brilhantes salvas para a posteridade pelo IHGB foram resgatadas em grande parte dos séculos XVII e XVIII. Do total de sessenta biografias onde foi possível constatar o ano de nascimento, quarenta e cinco biografados nasceram nestes dois séculos. Entretanto foi o século dezoito, com trinta e dois nomes, ou seja, mais da metade deles, que forneceu a maioria dos heróis para o panteão do Instituto, marcando com isto a influência do Iluminismo europeu na formação dos seus quadros. Este fato ilustra também o cuidado em não romper com o passado colonial, mesmo que ele se traduzisse até então em intolerante monopólio. Ao contrário, os brasileiros ilustres alcançaram a honra de figurar em tal galeria por suas atividades na manutenção do regime colonial e certamente seus filhos ainda influenciavam a política do Império.¹⁰¹

⁹⁹ Ver anexo I, onde estão mostrados os dados de formação dos biografados pelo IHGB.

¹⁰⁰ CARVALHO, José Murilo de. *A Construção da Ordem: a elite política imperial*. Rio de Janeiro: Campus, 1980

¹⁰¹ Cf. SILVA, Maria Beatriz Nizza da. *Ser Nobre na Colônia*. São Paulo: Editora UBESP, 2005.

Este é o quadro revelado quando as biografias publicadas pela revista do IHGB são observadas mais detalhadamente. Antes de uma simples apresentação de vidas como exemplos de virtudes, elas mostram uma preocupação - poderíamos dizer sistematização - do Instituto com suas escolhas. Como vimos, a seleção dos personagens - ainda que não escrito em nenhum lugar - tinha uma lógica que parece ser seguida por aqueles encarregados de pôr no papel as virtudes dos “brasileiros ilustres”. *O gênero, a raça, a profissão (aqui chamada de ocupação), a formação acadêmica e o local de origem mostram convergências oriundas de um conjunto elaborado de idéias sobre o tipo de homem capaz de dar uma identidade àquela sociedade.* Desta análise fica evidenciado a preocupação de inserirem as biografias em um quadro institucional muito próximo ao mundo oficial da corte. Esta narrativa impregnada de sentido exemplar tem *no topos da historia magistra vitae* sua orientação. A história era concebida como uma continuidade universal, podendo, desta forma ser ensinada às gerações posteriores de modo a torná-las melhores, ou seja, tinha a função pedagógica. Desta forma, o homem conhecendo o passado e o presente poderia iluminar o futuro e seguir linear e progressivamente em sua direção.

Todavia, este conhecimento não foi divulgado apenas no mundo da Academia circulando para além de seus muros. Isto não é um dado irrelevante pois “a elaboração de uma elite na sociedade envolve reconhecimento e aceitação, sendo assim, a divulgação da exemplaridade”¹⁰² foi parte fundamental nesse aspecto. É nesta direção que aparecem em jornais da corte matérias de divulgação histórica. Na edição de 8 de março de 1856, o Diário do Rio de Janeiro transcreve em duas páginas parte da obra de Francisco Varnhagen :

Assunto: Revista bibliográfica
 Historia Geral do Brasil pelo Sr. Francisco Adolpho Varnhagen

[...] Evocar um mundo vivo das trevas confusas do passado, acordar do esquecimento as gerações adormecidas na obscuridade dos séculos,

¹⁰² CÔRTEZ, Norma. (informação verbal)

ressuscitar da campa os vultos grandiosos dos homens, que pela sua audácia, seu valor, seu talento, sua iniciativa, seu trabalho ou seu gênio abrilhantaram os fatos gloriosos da nação a que pertenceram, e concorreram, assim, para exercitar os desígnios da providencia, no futuro da humanidade, e o empenho mais difícil, e por consequência mais meritório, a que se pode entregar uma inteligência que deseja dar um testemunho e apreço ao seu soberano, e uma prova de reconhecimento de sua pátria.¹⁰³

Outras tantas, mostram uma preocupação especial com a publicação de retratos de “pessoas célebres” ou de personagens da História do Brasil, antecipando aquilo que seria utilizado por Sisson em sua galeria.

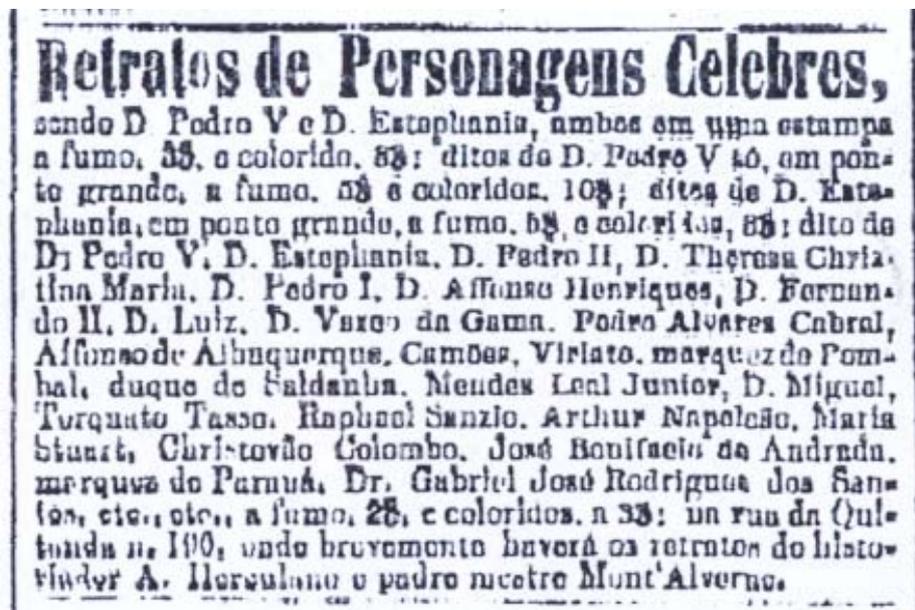


Fig.13 Anúncio publicado no Jornal do Comércio em 1º de fevereiro de 1859

Os anúncios sugeriam uma complementação do conhecimento histórico pela visualidade. A alusão às “personagens históricas” e “vistas de ambos hemisférios” mostravam a emergência de uma nova forma de apropriação cultural. O mundo histórico ganhou mais um elemento para sua representação a partir da introdução de imagens que

¹⁰³ Diário do Rio de Janeiro, 8 de Março de 1856

complementariam o escrito de forma a levá-los mais próximo da suposta verdade . Assim, o texto **Ihgebiano** passou a contar com novos e fortes aliados na elaboração da escrita histórica do oitocentos.

Quadro 1

Lista dos biografados pelo IHGB entre 1839 e 1860

Nome	Ano de nascimento	Local de nascimento	Ocupação principal	Local de formação acadêmica
José Basílio da Gama	1740	Minas Gerais	Letras	Colégio dos Jesuítas
José da Silva Lisboa (Visconde de Cairú)	1756	Bahia	Letras	Coimbra
D. José Joaquim da Cunha	1743	Rio de Janeiro	Religioso	Coimbra
Mons. José de Souza Azevedo Pizarro e Araújo	1753	Rio de Janeiro	Religioso	Coimbra
Salvador Corrêa de Sá e Benvides	1594	Rio de Janeiro	Armas	
D. Rosa Maria Siqueira	1690	São Paulo		
D. Maria Ursula de Abreu	Ultimos anos do séc.XVII		Armas	
Gregório de Mattos	1623	Bahia	Letras	Coimbra
Dr. Manoel Ignácio da Silva Alvarenga		Minas Gerais	Letras	Coimbra
D. Romualdo de Souza Coelho	1762	Pará	Religioso	Colégio dos Jesuítas
José Joaquim Carneiro (Marques de Caravellas)	1762	Bahia	Letras	Coimbra
Clemente Pereira de Azeredo Coutinho	1731	Rio de Janeiro	Armas	Coimbra
José Eloy Pessoa	1792	Bahia	Armas	Coimbra
Araribóia		São Vicente	Armas	
Domingos Caldas Barbosa		A caminho do Rio de Janeiro	Letras	Colégio dos Jesuítas
D. José Joaquim Justiniano Mascarenhas Castelo Branco	1731	Rio de Janeiro	Religioso	Coimbra
Bernardo Vieira Ravasco		Bahia	Armas	
Dr. Manoel Ferreira da Câmara Bittencourt de Sá	1762	Minas Gerais	Homem de Estado	Coimbra
Jorge de Albuquerque Coelho	1539	Pernambuco	Armas	
Frei Francisco Xavier de Santa Thereza	1686	Bahia	Religioso	
João Fernandes Vieira	1613	Portugal	Armas	

Nome	Ano de nascimento	Local de nascimento	Ocupação principal	Local de formação acadêmica
Salvador Corrêa de Sá e Benvides (complemento)	1594	Rio de Janeiro	Armas	
Brigadeiro Ignácio de Souto Maior Rendon	1733	Rio de Janeiro	Armas	
Martin Afonso de Souza		Portugal	Armas	
Dr. Francisco de Mello Franco	1757	Minas Gerais	Médico	Coimbra
Dr. Gaspar Gonçalves de Araújo	1661	São Paulo	Religioso	Coimbra
Pero Lopes de Sousa	Séc. XVI	Portugal	Armas	
Tenente General José Arouche de Toledo Rendon	1756	São Paulo	Armas	Coimbra
Cônego Gaspar Ribeiro Pereira		Rio de Janeiro	Religioso	
Pedro Alvares Cabral		Portugal	Armas	Escola de Marte
José de Sá Bitancourt Accioli	1752	Minas Gerais	Armas	Coimbra
Henrique Julio de Wallenstein	1790	Prussia	Letras	Congregação de Jesus
Padre Antonio Vieira	1608	Portugal	Religioso	Colégio dos Jesuítas
Manuel Ferreira de Araújo Guimarães	1777	Bahia	Armas	Academia Real de Marinha de Lisboa
Francisco de Brito Freire	1622	Portugal	Armas	
João Batista de Oliveira Godinho	1742	Minas Gerais	Armas	Academia Militar de Lisboa
José de Sousa Marmelo		Rio de Janeiro	Religioso	Companhia de Jesus
D. José Joaquim da Cunha Azevedo Coutinho	1742	Rio de Janeiro	Religioso	Coimbra
Diogo Arouche de Moraes Lara	Década de 1810	São Paulo	Armas	
Frei Francisco de Santa Thereza de Jesus Sampaio	1778	Rio de Janeiro	Religioso	Convento Franciscano de São Paulo
Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio	1741	Vila de Mirandela-Moncorvo	Homem de Estado	Coimbra
Jesuíta Manoel da Nóbrega	1517	Portugal	Religioso	Coimbra / Salamanca
Jesuíta José de Anchieta	1533	Ilha de Tenerife	Religioso	Coimbra
José Jorge Barros	1657	Bahia	Religioso	Coimbra

Nome	Ano de nascimento	Local de nascimento	Ocupação principal	Local de formação acadêmica
José Bonifácio de Andrada e Silva	1763	Santos	Político	Coimbra
Frei José de Santa Rita Durão		Minas Gerais	Religioso	Coimbra
Joaquim Francisco do Livramento	1761	Santa Catarina	Religioso	
Eusébio de Mattos	1629	Bahia	Religioso	Companhia de Jesus
Antonio José da Silva	1705	Rio de Janeiro	Letras	Coimbra
Manoel Botelho de Oliveira	1636	Bahia	Advogado	Coimbra
Vicente Coelho Seabra	Década de 1760	Minas Gerais	Químico	Coimbra
Francisco Vilela Barbosa (Marques de Paranaguá)	1769	Rio de Janeiro	Homem de Estado	Coimbra
Patrício José Correa da Camara (Visconde de Pelotas)	Princípio do séc. XVIII	Portugal	Armas	
João de Brito e Lima	1671	Bahia	Letras	
Frei Manoel de Santa Maria Itaparica	1704	Bahia	Religioso	
Padre Francisco de Souza	1632	Bahia	Religioso	
D. Clara Felippa Camarão			Armas	
Frei Francisco de São Carlos	1763	Rio de Janeiro	Religioso	Ordem da Imaculada Conceição
Manoel Dias, o Romano	Metade do sec.XVIII	Rio de Janeiro	Artes	
Thomaz Antonio Gonzaga	1747	Portugal	Letras	Coimbra
Sebastião da Rocha Pita	1660	Bahia	Letras	Coimbra
Ignacio José de Alvarenga Peixoto	1748	Rio de Janeiro	Letras	Coimbra
Claudio Manoel da Costa	1729	Minas Gerais	Advogado	Coimbra
Frei Christovão da Madre de Deus Luz		Rio de Janeiro	Religioso	
Frei Inácio Ramos		Bahia	Religioso	Convento de Nossa Senhora do Monte do Carmo
Bento Teixeira Pinto	Séc. XVI	Pernambuco	Letras	
Thomaz Antonio Gonzaga-aditamento				

Nome	Ano de nascimento	Local de nascimento	Ocupação principal	Local de formação acadêmica
Domingos Caldas Barbosa			Letras	Colégio dos Jesuítas
José Feliciano Fernandes Pinheiro (Visconde de São Leopoldo)	1774	São Paulo	Homem de Estado	Coimbra
Junqueira Freire	1832	Bahia	Religioso	
Eduardo Olympio Machado	1817	Bahia	Homem de Estado	Faculdade de Direito de São Paulo
José Feliciano Fernandes Pinheiro (Visconde de São Leopoldo)	1774	Santos	Homem de Estado	Coimbra
Aureliano de Souza e Oliveira Coutinho (Visconde de Sepetiba)	1800	Rio de Janeiro	Homem de Estado	Coimbra

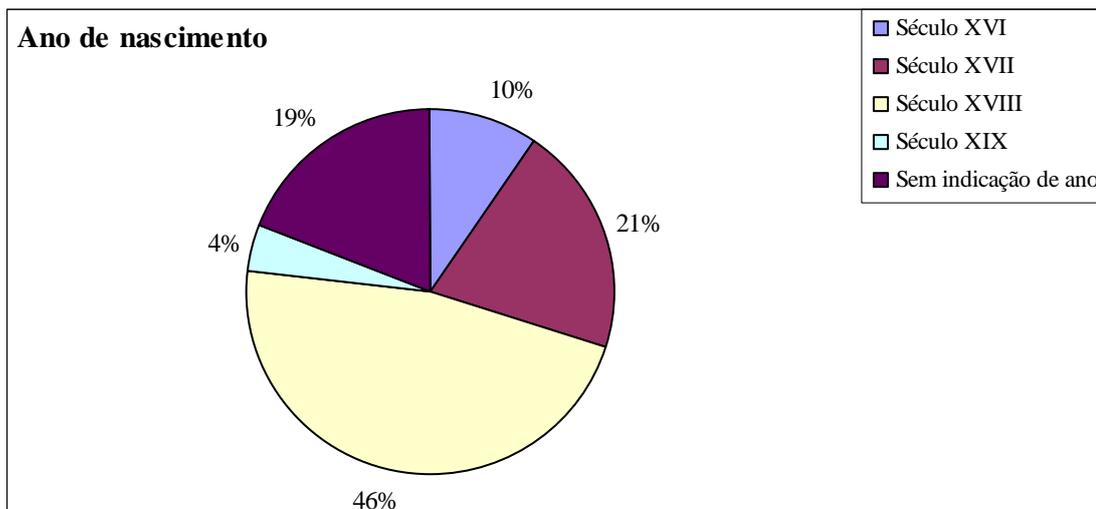


Fig 14 Gráfico para ano de nascimento dos biografados pelo IHGB

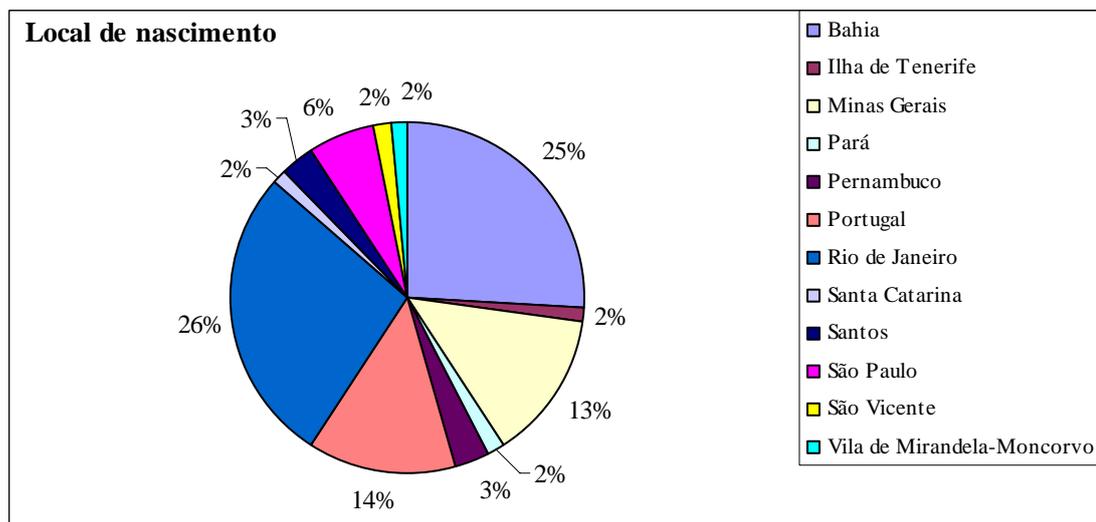


Fig 15 Gráfico para local de nascimento dos biografados pelo IHGB

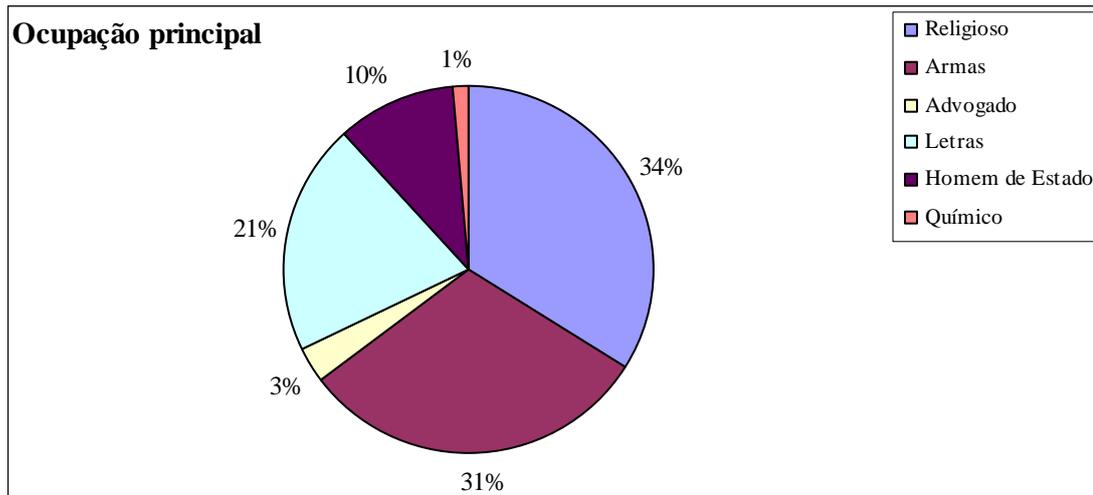


Fig 16 Gráfico ocupação principal dos biografados pelo IHGB

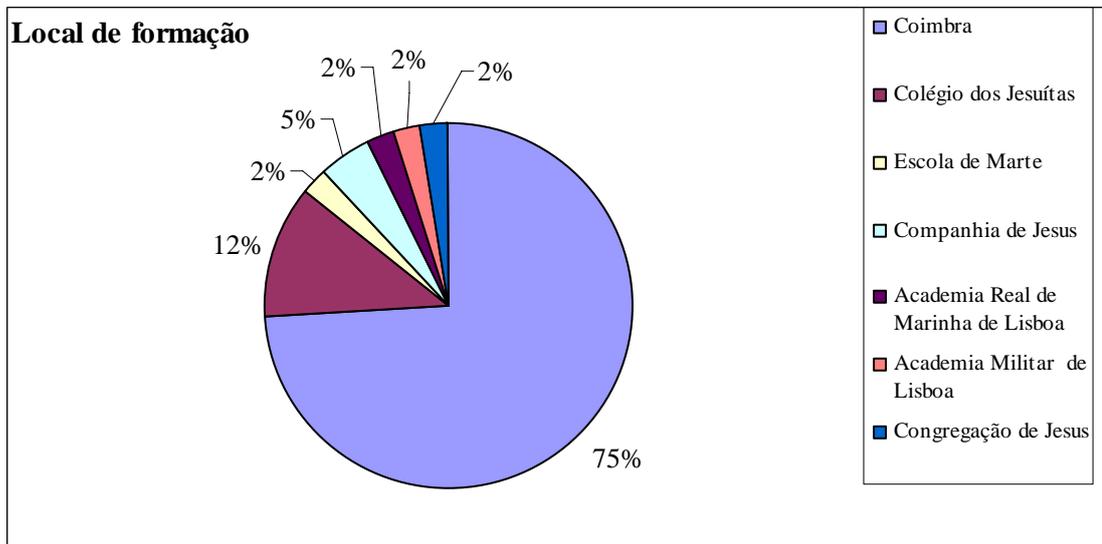


Fig 17 Gráfico para local de formação dos biografados pelo IHGB

2.3 Imagem e escrita biográfica

Visão como prova irrefutável dos fatos é, em nossos dias, algo que geralmente não questionamos. No entanto, sabemos que podemos ver aquilo que nos interessa, ou melhor, aquilo para o qual nossos olhos foram educados. Assim, percebemos que a imagem como um discurso construído passa não só pelo aprimoramento do olhar do espectador mas também pelo desenvolvimento de técnicas como misturas de cores, ângulos de tomadas, além das técnicas de editoriais. Uma montanha pode ser vista por diferentes olhares, certamente será sempre montanha, entretanto, será diversa a forma como o artista, o mineiro e o alpinista irão representá-la imaginária e imagetivamente.

Para o historiador, o debate sobre a veracidade do que se vê e o que se escreve é constante. Esta polêmica levou François Hartog a dizer que desde a Antiguidade e passando por médicos e historiadores, a visão é tida como instrumento do conhecimento. Esta observação não tem o objetivo de reduzir esses discursos a um denominador comum, mas apontar o que parece ser, certamente, uma constante epistemológica.¹⁰⁴ Expressões do tipo “para saber é preciso ter visto”, atribuída à “Xenófanes ou aquela escrita por Aristóteles nas primeiras linhas da Metafísica: “Preferimos a vista a todo resto” têm como pressuposto a idéia de que a vista é, de todos os sentidos, aquele que nos faz adquirir mais conhecimentos e o que nos revela mais diferenças.”¹⁰⁵

A questão do ver para conferir veracidade aos fatos foi posta em voga pelos historiadores do século XIX.¹⁰⁶ A autópsia como forma de credenciar um relato como

¹⁰⁴ HARTOG, François. O Espelho de Heródoto. Belo Horizonte: UFMG, 1999. p.274

¹⁰⁵ ibid

¹⁰⁶ A possibilidade de reprodução de imagens no oitocentos propiciadas pelas novas técnicas, influenciou, de certa forma, todo tipo de escrita, desde as revistas ilustradas, com aspectos de pura diversão, até mesmo aos trabalhos dos viajantes naturalistas que aqui desembarcaram para explorar aquela natureza “esplêndida”. Para maiores detalhes sobre a circulação de imagens destes viajantes, ver o trabalho de Lorelai Brilhante Kury, “Viajantes- naturalistas no Brasil oitocentista: experiência , relato e imagem” . In: História, Ciências, Saúde- Manguinhos. Vol.8 . Rio de Janeiro, 2001.

história foi a base de argumentação da escola positivista e que viria influenciar o discurso histórico até início do século XX, mais precisamente as duas primeiras décadas.

Elaborar uma imagem é obra que exige sofisticados arranjos mentais tanto por parte de quem cria quanto daquele que a interpreta. Dentre as técnicas de obtenção e reprodução de imagens, duas nos são de grande interesse: a fotografia e a litografia. Foi o desenvolvimento delas que propiciou, no século XIX, maior aproximação entre o dito e o visto. Ou seja, entre o que escutamos e vemos.

Com o anúncio da invenção da fotografia abriu-se o caminho para esta aproximação uma vez que defendeu-se a utilidade na nova invenção para as artes e para as ciências, a rapidez do processo e a revolução do olhar que a técnica oferecia ao aproximar “imagens fiéis de objetos e paisagens distantes, guardando do tempo monumentos históricos.”¹⁰⁷

Como visto anteriormente, escrever biografias onde fossem mostradas as virtudes morais, as ações heróicas e na quais estivesse contido um modelo a ser seguido consistiu a característica fundamental para a história desenvolvida pelo IHGB. Criar a imagem do biografado através do uso de palavras enaltecidas foi o recurso utilizado pelos biógrafos que se dispuseram a contar as diversas vidas na revista do Instituto. Com o advento da fotografia/litografia um outro tipo de obra biográfica despontou no Império: a Galeria dos Ilustres de Sebastião Augusto Sisson.¹⁰⁸ Ligada ao desenvolvimento de uma relação até então pouco explorada, a associação de imagens e texto ocorre no bojo daquilo que Stephen Bann denominou de “cultura visual do ocidente”¹⁰⁹. No caso da obra de Sisson, esta ligação do retrato da pessoa à sua biografia é imediata. Entretanto, a associação entre biografia e imagem só se daria na medida em que as técnicas de reprodução passassem da esfera do lazer pessoal

¹⁰⁷ SEGALA, op.cit., p.11.

¹⁰⁸ SISSON, S. A Galeria dos Brasileiros Ilustres- Os Contemporâneos. Brasília: Senado Federal, 1999.

¹⁰⁹ BANN, Stephen. Apud ZENHA, Celeste. “O Brasil de Rugendas nas Edições Populares Ilustradas”. In: Topoi, Revista de História/ Programa de Pós-Graduação em História Social da UFRJ, no. 5, Rio de Janeiro, Editora 7 letras, 2002.

a uma atividade rentável. Desta forma, Poses e trajes imponentes seriam complementados por palavras enaltecidas. Nesse “mercado de vaidades” a disputa pelo primor de suas artes e perfeição de suas técnicas se dá na representação figurada do monarca. Não por acaso, é em reproduções de retratos da Família Imperial que os profissionais buscam qualificar suas obras. Em 1º de fevereiro de 1859 era anunciado o segundo número da revista Universo Ilustrado:

PUBLICOU-SE

O 2º número do universo ilustrado, apresentando o retrato da jovem Princesa Imperial do Brasil, no 1º número publicou-se o retrato de Pedro Álvares Cabral; descobridor do Brasil, e no 3º número será publicado o retrato de Bocaje, etc, etc. Continua-se a receber assinaturas para esta obra em casa do editor A. J Ferreira Silva, Rua da Quitanda, No 190. Preço para a corte um ano 18\$, seis meses 9\$ e três meses 5\$ e para o exterior, remetido livre de porte, um ano 20\$, seis meses 10\$ e três meses 6\$. Também se acha na mesma casa a coleção completa de 1858, constando além dos jornais, de 36 estampas com muitos retratos de vários ilustres de Portugal e do Brasil, e muitas vistas de ambos os hemisférios; preço em folha 18\$ e encadernado 22\$¹¹⁰

A “boa sociedade” mantinha contato com o mundo da visualidade através das publicações ilustradas. Retratos e vistas formavam uma composição única ao serem adicionados aos mais variados textos. Em 1859, ao ser apresentada ao IHGB, a obra Brasil Pitoresco de Charles Ribeitolles e Victor Frond recebe o seguinte comentário:

Dignas são sempre da maior animação semelhantes empresas; revela que conhecido de torne o nosso país aos olhos do mundo civilizado, porque só dest’arte poderemos vitoriosamente responder as calúnias contra nós lançadas. Alguns desculpáveis enganos introduziram-se no trabalho do Sr. Rebeyrolles (sic), aliás mui recomendável pelo vivo colorido de seu estilo, e mais que tudo pela imparcialidade com que avalia nossas instituições.¹¹¹

Neste caso, o comentarista afirmava que aquele trabalho serviu não só para divulgar o Brasil no mundo civilizado, como também para responder as calúnias lançadas. Era uma maneira de criar a imagem positiva necessária para aquela sociedade ainda com diversos resquícios coloniais, especialmente a escravidão.

¹¹⁰ Jornal do Comercio, 1º de fevereiro de 1859

¹¹¹ Revista do IHGB, 1859

É neste clima de diferenciação e euforia proporcionado pela aquisição de novas técnicas de produção e reprodução de imagens que é editada a Galeria dos Brasileiros Ilustres de Sebastião Augusto Sisson.

Capítulo 3

A Galeria e seus ilustres

A *Galeria dos Brasileiros Ilustres* foi publicada em dois volumes, composta de 89 retratos litografados em tamanho 25 x 30cm e assinados por A. Sisson. O exemplar a que se tem acesso no IHGB está encadernado em capa dura numa edição com aspecto luxuoso. As litografias feitas em papel especial são seguidas de notas biográficas em sua maioria sem autoria. As biografias, ou notas biográficas, são precedidas pelo retrato do biografado como uma maneira de propiciar “ao nome como bem simbólico uma maior visibilidade, desdobrando da imagem a história vivida.”¹¹² Esta inclusão funcionava tanto como uma forma de mostrar modernidade quanto uma marca de status e de civilidade.¹¹³ Em tom de louvação e elegendo a biografia dos ilustrados como a alma de uma nação Sisson concluía que somente

nas relações dos feitos e dos trabalhos de estadistas, dos diplomatas, dos generais, dos sábios, dos poetas e dos artistas de uma nação está encerrado o segredo dos grandes acontecimentos políticos, do progresso moral e material, das provações, dos triunfos, da glória, e também às vezes da decadência dela.¹¹⁴

Bem ao gosto do oitocentos, a glória de uma nação aparece intimamente ligada aos feitos dos estadistas, dos sábios, dos homens das letras e das armas. Combinando honra e memória da nação em um texto com a pretensão de ser histórico, Sisson completa:

Além da importância imensa que debaixo deste ponto de vista apresentam as biografias, acresce que todos os povos naturalmente se ufanam de ver perpetuada a memória de seus heróis e varões beneméritos, ou enfim, e, principalmente, nos escritos de biógrafos e conscienciosos, que são ao mesmo tempo uma justa satisfação para os contemporâneos, e um tesouro precioso reservado para a posteridade; um tributo de gratidão devido aos

¹¹² SEGALA, op.cit., p.131

¹¹³ SCHWARCZ, op.cit., p.349

¹¹⁴ SISSON, op. cit. V.I p.13

beneméritos, e, o que não importa menos, um incentivo poderoso, que convida os filhos a seguir os exemplos dos pais, e que faz suceder por novos os antigos beneméritos.¹¹⁵

A Galeria tinha como objetivo perpetuar a memória dos “membros mais distintos” para que pudesse servir de exemplo aos filhos. O importante aqui, no entanto, é observar a orientação adotada por Sisson. O uso de palavras como progresso, futuro e posteridade complementavam o caráter exemplar e são indícios do caminho percorrido na formatação da galeria. A utilização da litografia na confecção dos retratos colaborava com a idéia de moderno do trabalho.

Sebastião Sisson já havia produzido trabalhos como os da revista *Brasil Ilustrado* quando a Galeria começou a ser divulgada nos jornais da corte e, certamente, isto o credenciava à execução de um trabalho de maior envergadura. No entanto, mesmo considerando ser ela uma forma de demonstrar reconhecimento à hospitalidade que recebera do Império do Brasil, a via como uma tarefa difícil e trabalhosa:

Foi levado por estas considerações e pelo suave empenho de demonstrar de algum modo o nosso reconhecimento à hospitalidade amiga, e generosa que viemos encontrar no seio do Império do Brasil, que empreendemos e tomamos sobre os ombros a difícil e trabalhosa tarefa a que damos o título de Galeria dos Brasileiros Ilustres.¹¹⁶

Justificada a razão da obra, outro problema a resolver era quem comporia a galeria, o que foi feito com um marco temporal bastante claro:

O título da nossa obra indica bem claramente que tomamos por ponto de partida a época gloriosa da independência do Brasil; mas por certo que não desconhecemos quanto se enriqueceria a nossa galeria com um grande número de varões ilustres, que se assinalaram nos séculos anteriores, e ainda nos primeiros anos do atual. [...] Começando porém da época da Independência do Brasil, nós partimos do berço do império, começamos a nossa marcha ao grito do Ipiranga, e contemplamos ainda vivos muitos dos

¹¹⁵ SISSON, op.cit. V.I p.13

¹¹⁶ *ibid*, p.14

ilustres cidadãos, que devem enriquecer a nossa galeria, ou sentimos ainda frescas e recentes as recordações daqueles que já desceram ao túmulo.¹¹⁷

Com isto, o período do qual retirou os homenageados estava delimitado e garantia ao editor um diferencial em relação a outras obras deste mesmo formato: a contemporaneidade dos biografados. Além do mais, é certo que personagens vivas representavam um elemento adicional de promoção e poderiam aumentar a aceitação pois estamos falando do “prestigioso mercado da aparência” no qual a vaidade é peça fundamental.

Outro fator que contribuiu para escolha dos personagens seguiu uma lógica bastante clara: eram as atividades políticas o principal motivo da notoriedade.

Foi e é nossa idéia bosquejar somente, sob o ponto de vista histórico, a vida e o caráter dos homens que se tem ilustrado no belo Império americano; desenhar as principais figuras, que têm deixado vestígios de sua passagem neste país e em sua cena política desde a Independência até os nossos dias; em uma palavra, apresentar os quadros e a história do Brasil neste período, expondo, a par dos retratos, os feitos dos seus varões que mais se têm distinguido. [...] Em nossos trabalhos biográficos, esmerilhando cuidadosamente a vida pública do homem, suspendemos nossos passos diante do lar doméstico e cerraremos os olhos ao proceder particular; não pertence ao escritor a vida íntima do cidadão, somente a tradição cabe revelar esses detalhes para completar o caráter dos homens célebres.¹¹⁸

Assim, suas personagens estavam ligados de uma forma ou de outra às tarefas de elaboração do Estado: o magistrado, o religioso e o oficial das armas eram as figuras exemplares para as novas gerações. Nas palavras do editor, sua obra tinha como missão exclusiva transmitir à posteridade os traços dos principais personagens do heróico drama da Independência do Brasil e dos herdeiros daquele legado. O passado de lutas desembocava mais uma vez na atualidade do progresso e da civilização.

Não por acaso o primeiro nome a aparecer é o de Honório Hermeto Carneiro Leão, o Marquês de Paraná, que havia morrido em 1856 e tinha conduzido habilmente o Gabinete da

¹¹⁷ *ibid.*, p.g 14

¹¹⁸ SISSON, *op.cit.*, V.I p.15

Conciliação desde 1853 até a sua morte. Nas palavras de Sisson, “ele realizou o grande pensamento da Conciliação proclamado do alto do trono e foi o iniciador de uma nova política”¹¹⁹ e isto o colocava no topo da lista dos biografáveis.



Fig. 18 Litografia de Honório Hermeto Carneiro Leão – o Marquês de Paraná

Como mostrei, a Galeria foi uma obra patrocinada também pelos cofres públicos. Ou, como sublinhou o editor, “debaixo da imediata proteção” do Sr. D. Pedro II. Ao agradecer o patrocínio ele sublinha:

Mas se é dado, Senhor, àquele que tanto recebeu, desejar mais, pedir ainda, digno-se Vossa Majestade conceder que o augusto nome do protetor seja nesta coleção de retratos e biografias de seus mais leais servidores o símbolo de seu valor, e ao mesmo tempo como a prova evidente do quanto, Senhor, amais os vossos e animastes o artista.¹²⁰

¹¹⁹ SISSON, op.cit., V.I p. 24

¹²⁰ SISSON, op.cit., V.I p. 18

Aparece aqui um aspecto que ambos lucravam. O Imperador com o patrocínio ligava seu nome a um dos atributos com o qual é conhecido até hoje: o “amante da arte das ciências e protetor dos artistas”. Por outro lado, o autor agregava valor à sua obra ao tê-la sob a imediata proteção do trono.

Como um ato de agradecimento e também no intuito de merecer “a continuação do favor público” é que dentre os biografados figuraram alguns membros da Família Real. O Imperador e a Imperatriz Teresa Cristina Maria apareceram no primeiro volume, já as “Princesas Imperiais” D. Isabel e D. Leopoldina, assim como o Imperador Pedro I no segundo.

Dois detalhes interessantes relativos às biografias das herdeiras imperiais precisam ser ressaltados: a litografia, onde aparecem ao ar livre e montadas a cavalo, foi composta a partir de fotografias individuais feitas por Victor Frond¹²¹ em um caso típico da “autonomia da cópia em relação ao original.”¹²² A parte textual não segue o modelo habitual de biografias sendo apresentado um poema de duas páginas publicado praticamente no meio do segundo volume da obra.

¹²¹ Deduzi esta informação a partir do trabalho de Lygia Segala *Ensaio das Luzes sobre um Brasil Pitoresco* no qual aquelas imagens são apresentadas como fotos que pertencem à coleção João Hermes do Rio de Janeiro.

¹²² Segundo Walter Benjamin, a reprodução técnica tem mais autonomia que a manual em relação ao original podendo assim, colocar a cópia em situações impossíveis para o próprio original. Parece ser este o caso desta imagem.



Fig.19 Litografia das princesas Isabel e Leopoldina

D. Pedro I, morto em 1834 em Portugal, portanto há mais de 25 anos antes da publicação, foi retratado trajando roupa de gala e visto como um exímio estrategista político pelo biógrafo. O primeiro imperador, teria deixado garantido o futuro do Brasil antes de partir:

Foi o gênio, desvendando o futuro, quem deu ao Imperador conselho de tanta sabedoria [...] Ainda nesse momento supremo de divórcio, o Imperador tanto amou o Brasil que lhe deixou a garantia de futuro [...]¹²³

¹²³ SISSON, op.cit., V.II, p. 48



Fig.20 Litografia do Imperador Pedro I

Com uma das várias imagens nas quais é retratado de forma serena e em traje civil representando um governante democrático e procurando demonstrar erudição, ao ser acompanhado de livros, a biografia do Imperador D Pedro II foi publicada quase no centro da obra.

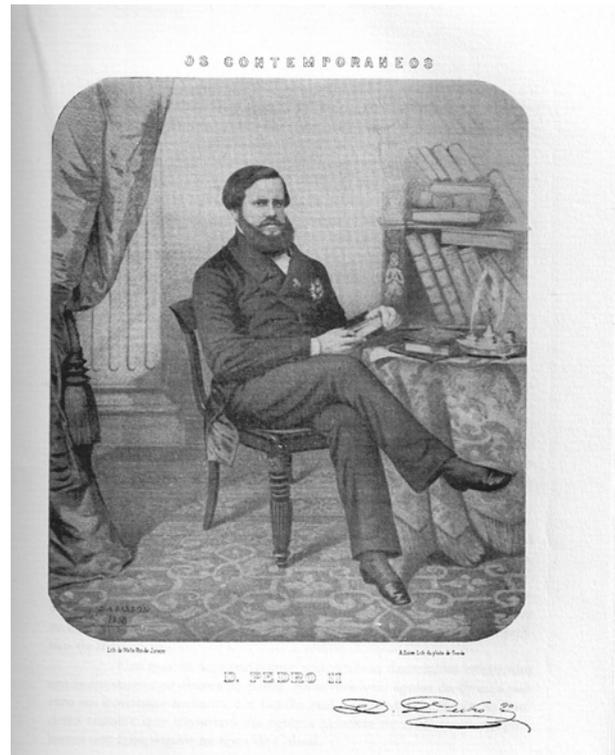


Fig. 21 Litografia do Imperador D. Pedro II

Complementando o sugerido pelo retrato a biografia assinala:

Os atos da vida pública do Sr. D. Pedro II atestam sua capacidade intelectual e uma erudição invejável. As nações estrangeiras consideram-no como um dos mais ilustrados monarcas.

É o primeiro a colocar-se à testa de todo o movimento literário e industrial no Império, e um protetor extremo das ciências, letras e artes. Não há dia em que o Sr. Pedro II não honre com sua presença alguma das faculdades da corte, alguma associação literária, e constantemente visita aqueles colégios que mais serviços têm prestado à educação e instrução dos brasileiros confiados à solicitude dos seus diretores.”¹²⁴

Um governante constitucional e bondoso não escapa à pena do biógrafo:

O povo saúda o triunfo da monarquia, e nas praças públicas apregoa como imperador aquele que pela Constituição devia suceder D. Pedro I. Os inimigos do princípio da hereditariedade vêm no movimento de 31 a imagem eloqüente de uma eleição popular, e consideram o governo do Sr. Pedro II antes filho do sufrágio universal do que do direito de sucessão. [...]

¹²⁴ SISSON, op.cit., V.1 p. 190

A bolsa do Imperador abre-se sempre ao pobre que lhe suplica esmola. Milhares de famílias de servidores do estado dirigem fervorosas suplicas ao Onipresente pela conservação da vida daquele que por meio de pensões lhes mitiga os sofrimentos que infelizmente ainda hoje cabem às mulheres e filhas dos homens encanecidos nos serviços da pátria.¹²⁵

Esta biografia foi “mais um dos inúmeros peças de exaltação da figura pública do Imperador que reforçava a imagem de um governante cioso de suas obrigações e de sua autoridade.”¹²⁶

As mulheres começavam a ser retratadas nas revistas ilustradas ou em publicações especializadas em retratos. Um anúncio no Jornal do Comércio já oferecia listas de fotografias com algumas personalidades femininas:

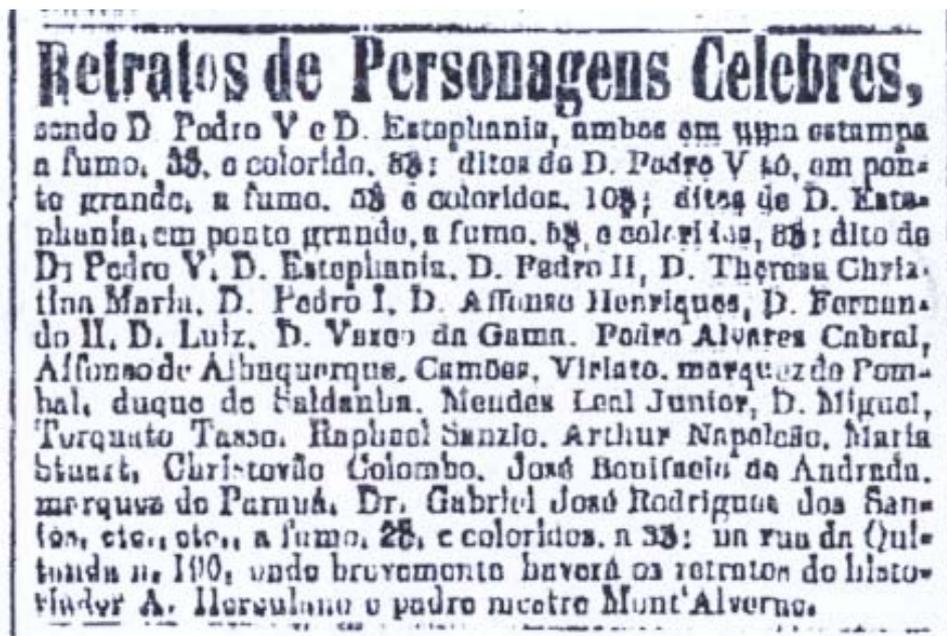


Fig. 22 Retratos de personagens celebres. Jornal do Comercio, 08 de janeiro de 1859

¹²⁵ SISSON, op.cit., V.I p. 189-190

¹²⁶ CARVALHO, José Murilo de. *D. Pedro II- Ser ou não ser*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p 80-81.

O retrato está também relacionado à vida íntima do casal Pedro II e Teresa Cristina. Na negociação do casamento ele foi peça importante. Se através dele a futura imperatriz foi tida como muito bela, no primeiro encontro D. Pedro “decepcionou-se com o que viu ao vivo, muito diferente do que vira no retrato”.¹²⁷ Um aspecto importante, se pensarmos que a fotografia teria vindo para resolver a questão da semelhança:

NOVA E ULTIMA DESCOBERTA
 CASA DO PROGRESSO
 Morin, Harper e Comp
 Rua de S Pedro 126
 Retratos a Panotypo e Esmaltotypo
 Desde 2U000 até 100U000
 Semelhança garantida e entregues logo
 Os srs Morin, Harper e Comp, recentemente chegados da Europa, são os únicos possuidores do processo que empregarão.
 Estando de passagem nesta corte, onde se demorarão pouco tempo, oferecem seus préstimos ao público: a barateza quase fabulosa de seus trabalhos e a sua perfeição devem merecer o favor geral.
 Os retratos não serão entregues sem que se reconheça a perfeita semelhança. Nesta casa fala-se inglês, francês e espanhol.¹²⁸

Como mostrei, na Revista do IHGB elas foram eternizadas por conta de características heróicas tomadas em uma ótica masculina, segundo um “repertório clássico da celebridade”¹²⁹, mas para Sisson elas seriam lembradas tanto pela condição de nobreza quanto pelas características do universo feminino. A mãe amorosa, a esposa terna, as filhas prendadas e inocentes revelavam uma preocupação não declarada de envolvê-las por uma atmosfera de civilidade.

As três mulheres que figuravam na galeria de ilustres compunham a família imperial. A terceira, D. Teresa Cristina, “Imperatriz do Brasil” - a mãe - fechou, diríamos com louvor o primeiro volume. O modelo augusto de mãe a ser seguido foi a chave com a qual o editor

¹²⁷ CARVALHO, op.cit., p.52

¹²⁸ Correio Mercantil, 18 de outubro de 1859

¹²⁹ ENDERS, Armelle. “O Plutarco Brasileiro: A Produção dos Vultos Nacionais no Segundo Reinado. In: Estudos Históricos. Rio de Janeiro, V.14, No. 25: 2000. P.52.

pensava em angariar adesões do público feminino. Era a imperatriz também quem poderia assegurar o futuro da nação através da maternidade, fincando aqui as raízes da monarquia.

O êxtase da pátria – a mãe mais extremosa – podia completar-se pois:

Ao esplendor do trono nada mais falta; o futuro da nação porém carecia de um novo penhor, de um laço que a ligasse em vínculos estreitos à imperial estirpe. [...] Deus ouviu as preces da nação, e no dia 23 de fevereiro de 1845, ela soube que a imperatriz era mãe; que mais uma raiz profunda segurava a monarquia ao solo brasileiro. [...] Nasceria o príncipe D. Afonso ¹³⁰

A imagem de mãe protetora, da mulher caridosa e da esposa realçavam o sentido de vida exemplar da imperatriz:

Atualmente, dedicada à educação das princesas Isabel e Leopoldina, S.M. ensina às mães como, entre as galas do poder, se desvela o coração no cultivo dos grandes momentos. [...] Mãe inteligente e amorosa, como é esposa terna e amante, a imperatriz é hoje o modelo augusto, em que os brasileiros estudam o desenvolvimento e a beleza dos maiores afetos. [...] Protetora de muitas associações, S.M. ampara-as a um mesmo tempo com o auspício da soberana e com o desvelo feminil; os pobres invocam-na como assídua esmoler; os órfãos como mãe; e o seu povo, como a mais eficaz das protetoras ¹³¹

As metáforas utilizadas permitem algumas especulações. Com o futuro “assegurado” pela maternidade da imperatriz, a pátria tem também agora a quem recorrer - a mulher e a mãe - para sarar muitos de seus problemas e suas dores. Os pobres podiam receber a caridade do trono imperial, afinal, tendo agora a “mãe” que lhe faltava e após um doloroso parto, a pátria pôde nascer por completo. O desvelo feminil também está presente na ornamentação do estúdio com jarros de flores, toalhas decoradas e outros apetrechos ligados ao mundo feminino.

A Imperatriz que casara-se com Pedro II por procuração, chegou ao Rio em 3 de setembro de 1843, causando certa decepção ao Imperador que a conheceu primeiramente a partir de retrato. De qualquer forma, o casamento foi mantido até o fim de sua vida. Por

¹³⁰ SISSON, op.cit., V.I, P . 469

¹³¹ ibid. p.470

ocasião de sua morte o Imperador utilizou a expressão “Minha santa” para denominá-la. Uma “expressão que correspondia bem à imagem pública de Teresa Cristina, a mulher modesta, humilde, caridosa, a mãe dos brasileiros”¹³²



Fig. 23 Litografia da Imperatriz Thereza Christina

Em sua maioria, as biografias seguiram estritamente o estabelecido pelo editor na apresentação da obra. Outras nem tanto. Este foi o caso de Domingos Borges Barros, Visconde de Pedra Branca, segundo a sua biografia, falecido em 21 de março de 1855. Nada de excepcional se não fosse ele pai da senhora Luisa Margarida Portugal de Barros, a

¹³² CARVALHO, op.cit., p. 73

condessa de Barral, eterna amante do Imperador Pedro II. Domingos, em uma biografia de 3 páginas, tem o político ofuscado pelas letras, as ciências e as belas-artes.

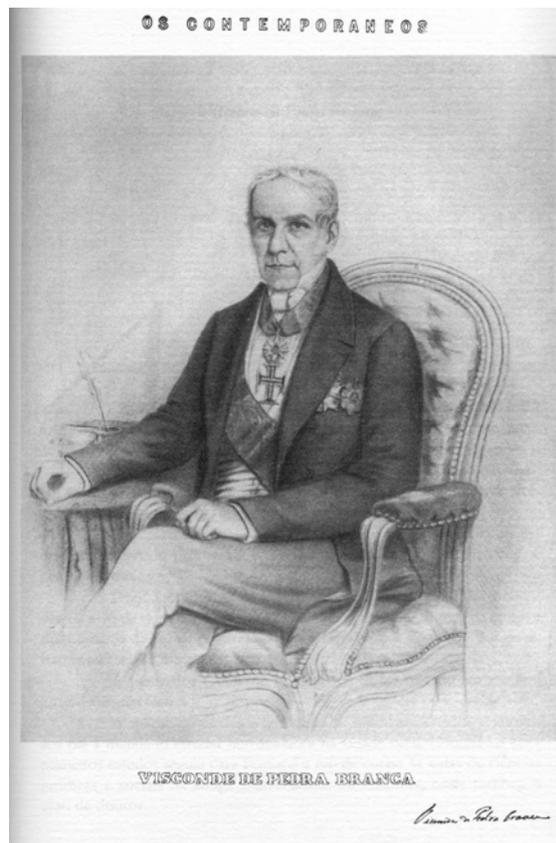


Fig. 24 Litografia de Domingos Borges Barros – Visconde de Pedra Branca

Falemos um pouco mais sobre estes ilustres brasileiros. Em imagens posadas, os biografados tinham sempre olhares sérios, roupas sóbrias e em muitos casos ostentavam o brasão imperial e as condecorações recebidas como forma de mostrar distinção.

Guardando uma estreita relação com as biografias publicadas pelo IHGB, as províncias que mais forneceram nomes para a galeria de Sisson foram Rio de Janeiro com vinte e dois nomes, Bahia com dezesseis, seguidas de Minas Gerais e São Paulo com treze.

Pernambuco com cinco nomes, Goiás com três, Pará, Curitiba, Santa Catarina, todos com um, completaram a lista. Portugal foi também o local de nascimento de treze homenageados. Isto mostra que a questão da nacionalidade, ainda que caminhando para a solução, tinha ainda vestígios da indefinição do começo do século.¹³³

Coimbra foi o grande “celeiro” de personalidades. Foram vinte e sete os formados naquela Universidade. A Academia de São Paulo, a Academia de Marinha e ainda Olinda formaram respectivamente dez, oito e sete dos “brasileiros ilustres”. A Escola Militar de Lisboa, a Escola Cirúrgica, o Colégio dos Nobres de Lisboa também colaboraram na formação dos grandes homens da galeria.

Na obra de Sisson a grande área de formação foi o direito. Nada menos que trinta e nove personalidades formaram-se em Direito e/ou Ciências Sociais e Jurídicas. A matemática com quatro, cânones com quatro, a formação militar com três, a teologia com dois, letras com um, medicina com um, e o comércio também com um foram os outros campos em que se formaram os brasileiros ilustres.

Tanto as letras quanto a religião deixaram de ter em Sisson a importância que tinham para o IHGB. Os poetas ou literatos somavam apenas seis nomes e os religiosos oito. O “homem de Estado” foi a grande novidade desta galeria. De todos os que passaram a figurar na galeria de ilustres, quarenta e nove exerceram ou exerciam na época algum cargo na estrutura do Estado imperial. Ministros, Conselheiros, entre outros, estavam entre os mais lembrados por Sisson para figurarem na posteridade. Somavam vinte aqueles que só exerceram cargos representativos, os políticos, e dezenove os biografados que por suas atuações puramente militares foram considerados aptos a preencher o panteão.

São estas as principais personagens que o editor se propôs a transmitir à posteridade. Outras ocupações como a de diplomata, jornalista, médico, comerciante e advogado também apareceram, entretanto, foram sobrepostas pelo grande número das demais.

¹³³ Ver anexo II, onde estão mostrados os dados de formação dos biografados na obra de Sisson

Desde o “heróico drama da Independência” até 1861, ano em que foi publicada a segunda edição da Galeria dos Brasileiros Ilustres, praticamente quarenta anos se passaram. Consolidar a identidade de uma elite passava pelo importante “mercado prestigioso das aparências”¹³⁴ Assim, é que podemos entender a repercussão de iniciativas como a de S. A. Sisson, do IHGB e tantas outras que atuavam no âmbito de uma nova cultura no Brasil.

No entanto, a idéia de nação que se propagava não estava pautada na oposição à metrópole, ao contrário, o que se perseguia era uma certa continuidade “civilizadora” advinda da corte instalada no Rio de Janeiro que através das mais variadas redes de relações pudesse se espalhar por todo território da antiga colônia. O mercado de imagens era outro meio a propiciar novos sentidos para uma sociedade em sua maioria analfabeta. Esta experiência visual possibilitava um novo tipo de conhecimento, mais imediato e mais generalizado. Uma outra noção de civilidade.

Ao compararmos as duas escritas – lista de biografados do IHGB e lista dos biografados na Galeria dos Brasileiros Ilustres – *percebe-se que as biografias guardam mais semelhanças do que diferenças*. Para o IHGB sobressai a preocupação em narrar a vida de religiosos, letrados e homens das armas. Daqueles que apresentavam uma formação acadêmica, a grande maioria formou-se na Universidade de Coimbra. Os séculos XVII e XVIII forneceram o maior número de vidas exemplares para serem lembradas e as províncias da Bahia e do Rio de Janeiro foram o grande celeiro de filhos ilustres. As mulheres distinguiram-se por características próprias do universo masculino, neste caso o de guerreiras.

O enfoque de S. A. Sisson para organizar a sua galeria foi o homem de Estado e/ou político. Ali vemos surgir como exemplo Ministros, Conselheiros e outras formas de atuação na estrutura do Estado monárquico. As letras e a religião não apareceram com tanto destaque quanto nas biografias do IHGB. O direito é a área na qual se formaram a maior quantidade de

¹³⁴ SEGALA, op. cit., p. 124.

brasileiros ilustres em Sisson. Aqui também a Universidade de Coimbra formou expressivo número das vidas exemplares. Como mostrei, as mulheres estavam em pequeno número – três – e pertenciam à família imperial. Diferindo das biografias publicadas pelo IHGB, elas foram enaltecidas pela característica de filhas, mãe e esposa. Bahia e Rio de Janeiro continuaram a fornecer grande parte dos brasileiros ilustres.

Em 1859 e 1861 Sisson publica a *Galeria dos Brasileiros Ilustres - Os Contemporâneos*, que além das biografias trazia o retrato litografado do biografado. O que teria mudado na sociedade imperial desde a instalação da Coroa portuguesa no Brasil em 1808 até aquele momento? Podemos afirmar que a publicação das biografias aqui levantadas seriam formas de superação de um passado e indicativo de uma sociedade que se modernizava e tornava-se mais complexa? O que estava em jogo no momento de editoração e publicação das obras do IHGB e de Sisson? O que efetivamente estas figuras representavam naquela sociedade para serem focos de homenagem? Essas são questões que precisam de trabalho mais aprofundado para serem respondidas.

Quadro 2

Lista dos biografados na Galeria dos Brasileiros Ilustres

Nome	Ano de nascimento	Local de nascimento	Ocupação principal	Local de formação acadêmica
Honório Hermeto Carneiro Leão (Marquês do Paraná)	1801	Minas Gerais	Homem de Estado	Coimbra
Eusébio de Querós Coutinho Matoso	1812	São Paulo	Homem de Estado	Coimbra
Irineu Evangelista de Sousa (Barão de Mauá)	1813	Rio Grande do Sul	Comerciante	
José Clemente Pereira	1767	Portugal	Armas	Coimbra
José Soares de Sousa (Visconde de Uruguai)	1807	Paris	Diplomata	Coimbra/Academia de Direito de São Paulo
Antonio Paulino Limpo de Abreu (Visconde de Abaeté)	1798	Portugal	Homem de Estado	Coimbra
Pedro de Araújo Lima (Marquês de Olinda)	1787	Pernambuco	Homem de Estado	Coimbra
Joaquim José Rodrigues Torres (Visconde de Itaboraí)	1802	Rio de Janeiro	Homem de Estado	
José da Costa Carvalho (Marquês de Monte Alegre)	1796	Bahia	Homem de Estado	Coimbra
Luis Alves de Lima e Silva (Tenente-General Marquês de Caxias)	1803	Rio de Janeiro	Armas	
Miguel Calmon Du Pin e Almeida (Marquês de Abrantes)	1796	Bahia	Homem de Estado	Coimbra
Manuel do Monte R de Araújo (Bispo Conde de Irajá)	1798	Pernambuco	Religioso	Olinda
Bernardo de Sousa Franco	1805	Pará	Homem de Estado	Olinda
Cândido Batista de Oliveira	1801	Rio Grande do Sul	Homem de Estado	Coimbra
Estevão Ribeiro de Resende (Marquês de Valença)	1777	Minas Gerais	Homem de Estado	Olinda
Caetano Maria Lopes Gama (Visconde de Maranguape)		Pernambuco	Homem de Estado	Olinda
Cândido José de Araújo Viana (Visconde de Sapucaí)	1793	Minas Gerais	Homem de Estado	Olinda
José da Silva Lisboa (Visconde de Cairu)	1756	Bahia	Homem de Estado	Olinda
José Bonifácio de Andrada e Silva	1763	Santos	Homem de Estado	Coimbra

Nome	Ano de nascimento	Local de nascimento	Ocupação principal	Local de formação acadêmica
Manuel Alves Branco (Visconde de Caravelas)	1797	Bahia	Homem de Estado	Coimbra
D. Pedro II				
Luis Pedreira do Couto Ferraz	1818	Rio de Janeiro	Homem de Estado	
José Maria da Silva Paranhos	1819	Bahia	Homem de Estado	Academia de Marinha do RJ
Gabriel José Rodrigues dos Santos	1816	São Paulo	Homem de Estado	Academia de São Paulo
Domingos R dos Guimarães Peixoto (Barão de Iguaraçu)	1790	Pernambuco	Médico	Escola Cirúrgica do Rio de Janeiro
Manuel Jacinto Nogueira da Gama (Marquês de Baependi)	1765	Minas Gerais	Homem de Estado	Coimbra
José Martiniano de Alencar			Político	
Evaristo Ferreira da Veiga	1799	Rio de Janeiro	Jornalista	
Antonio Carlos Ribeiro de Andrada	1773	Santos	Político	Coimbra
João da Silva Carrão	1814	Curitiba	Jornalista	Coimbra
D. Romualdo Antonio de Seixas (Conde de Santa Cruz)	1787	Pará	Religioso	Congregação de São Felipe Néri
Fr. Francisco do Monte Alverne	1784	Rio de Janeiro	Religioso	Colégio São Paulo
Jerônimo Francisco Coelho	1806	Santa Catarina	Armas	Academia Militar
Francisco de Lima e Silva	1785	Rio de Janeiro	Armas	
João Pereira Darrigue Faro (Visconde do Rio Bonito)	1803	Rio de Janeiro	Armas	Comércio
Nicolau P de Campos Vergueiro	1778	Portugal	Político	Coimbra
Bernardo Pereira de Vasconcelos	1795	Minas Gerais	Homem de Estado	Coimbra
Francisco Diogo P de Vasconcelos	1812	Minas Gerais	Homem de Estado	Academia Jurídica –SP
Sergio Teixeira de Macedo	1809	Rio de Janeiro	Diplomata	Olinda
Manuel Felizardo de Sousa e Melo	1805	Rio de Janeiro	Armas	
José Tomas Nabuco de Araújo	1813	Bahia	Homem de Estado	Olinda
Januário da Cunha Barbosa	1780	Rio de Janeiro	Religioso	
Francisco Vilela Barbosa (Marquês de Paranaguá)	1772	Rio de Janeiro	Homem de Estado	Coimbra
Frei Antonio de Arrábida (Bispo de Anemúria)	1771	Portugal	Religioso	

Nome	Ano de nascimento	Local de nascimento	Ocupação principal	Local de formação acadêmica
D. Teresa Cristina Maria (Imperatriz do Brasil)	1822	Espanha		
Pedro de Alcântara Bellegarde	1807		Homem de Estado	Escola Militar
Martin Francisco R de Andrada	1776	Santos	Letras	Coimbra
Inácio Marcondes de Oliveira Cabral	1783	Religioso		
D. Pedro I (Imperador do Brasil)	1798	Londres		
João Crisóstomo Calado	1780	Portugal	Armas	
Antonio Luis Pereira da Cunha (Marquês de Inhambupe)	1760	Bahia	Homem de Estado	
José Antonio Saraiva	1823	Bahia	Homem de Estado	Academia de São Paulo
Felisberto Caldeira Brant (Marquês de Barbacena)	1772	Minas Gerais	Homem de Estado	Academia de Marinha de Lisboa
Francisco José de S. S. Andréia (Barão de Caçapava)	1771	Portugal	Armas	
Joaquim J. Pinheiro de Vasconcelos	1788	Bahia	Homem de Estado	
Sebastião do Rego Barros	1803	Pernambuco	Armas	Gottigem – Alemanha
Miguel de Frias e Vasconcelos	1805		Armas	Escola Militar
Francisco Jê Acaiaba de Montezuma (Visconde de Jequitinhonha)	1794	Bahia	Político	Coimbra
João Paulo dos Santos Barreto	1788	Rio de Janeiro	Armas	
José Joaquim Carneiro de Campos (Marquês de Caravelas)	1768	Bahia	Homem de Estado	Coimbra
João Vieira de Carvalho (Marquês de Lajes)	1781	Portugal	Armas	Colégio dos Nobres
Mariano José Pereira da Fonseca (Marquês de Maricá)	1773	Rio de Janeiro	Homem de Estado	
D. Isabel e D. Leopoldina (As Princesas Imperiais)				
José Feliciano F.Pinheiro (Visconde de S. Leopoldo)	1774	Santos	Homem de Estado	Coimbra
Rafael Tobias de Aguiar	1795	São Paulo	Político	
Manoel Vieira Tosta (Barão de Muritiba)	1807	Bahia	Homem de Estado	São Paulo
Pedro Ferreira de Oliveira	1801	Rio de Janeiro	Armas	Academia de Marinha
João Manuel Pereira da Silva	1818	Rio de Janeiro	Letras	Paris

Nome	Ano de nascimento	Local de nascimento	Ocupação principal	Local de formação acadêmica
Francisco de Assis Mascarenhas (Marquês de S. João de Palma)	1779	Portugal	Político	Coimbra
José Joaquim da Rocha	1777	Minas Gerais	Político	
José Inácio Silveira da Mota	1811	Goiás	Advogado	São Paulo
Alexandre Joaquim da Silveira	1814	Rio de Janeiro	Homem de Estado	São Paulo
José Maria da Silva Bitancourt	1795		Armas	Escola Militar
Francisco Gomes de Campos	1788	Rio de Janeiro	Homem de Estado	Coimbra
Joaquim Marcelino de Brito	1799	Bahia	Político	Coimbra
Diogo Antonio Feijó	1784	São Paulo	Religioso	
José Antonio Marinho	1803	Minas Gerais	Político	
Ângelo Moniz da Silva Ferraz	1812	Bahia	Político	Coimbra
Francisco de Paula Sousa e Melo	1791	São Paulo	Político	
José Joaquim Coelho (Barão de Vitória)	1797	Portugal	Armas	
Joaquim José Inácio	1808	Portugal	Armas	Academia da Marinha
Manuel da Fonseca Lima e Silva (Barão de Suruí)	1793	Rio de Janeiro	Armas	Academia Real Militar
Domingos Borges de Barros (Visconde de Pedra Branca)	1780	Bahia	Letras	Coimbra
D. Manuel de Assis Mascarenhas	1806	Goiás	Diplomata	Coimbra
José Bento Leite Ferreira de Melo	1785	Minas Gerais	Religioso	
Teófilo Benedito Otoni	1807	Minas Gerais	Jornalista	Academia de Marinha
D. Manuel Joaquim da Silveira	1807	Rio de Janeiro	Religioso	
Aureliano de S. e Oliveira Coutinho (Visconde de Sepetiba)	1800	Rio de Janeiro	Político	Coimbra
Francisco de Paula Negreiros Saião Lobato	1815	Rio de Janeiro	Político	Olinda e São Paulo

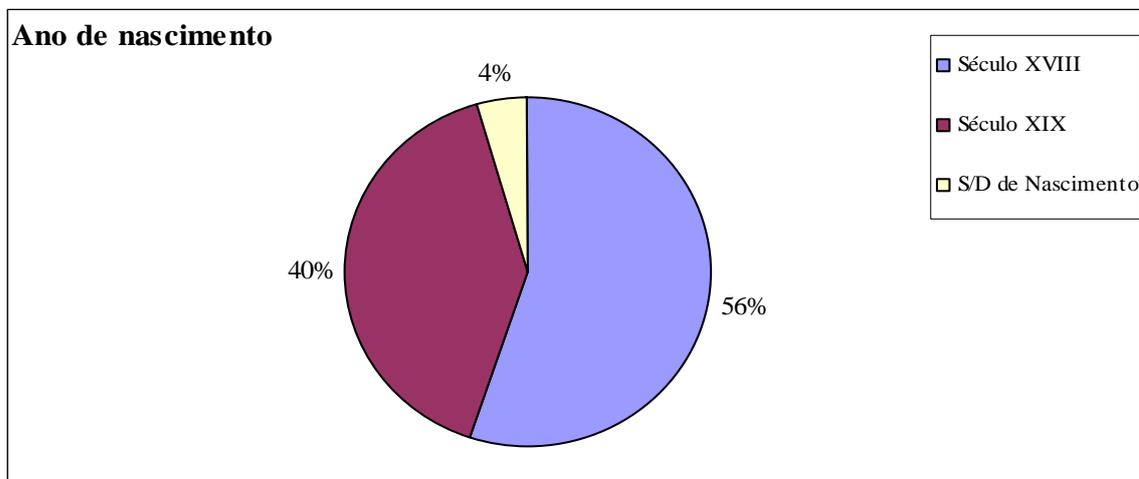


Fig. 25 Gráfico para ano de nascimento dos biografados na Galeria de Sisson

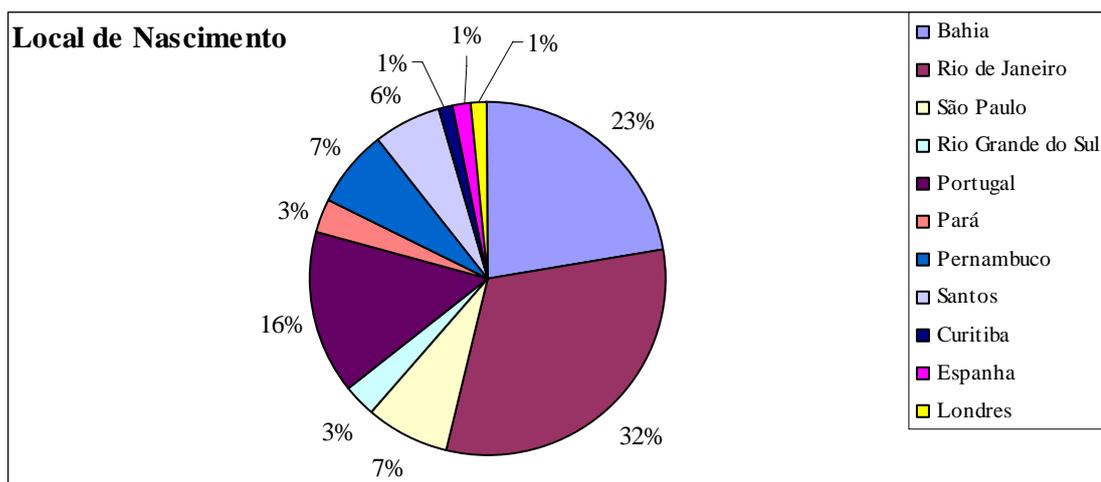


Fig. 26 Gráfico para local de nascimento dos biografados na Galeria de Sisson

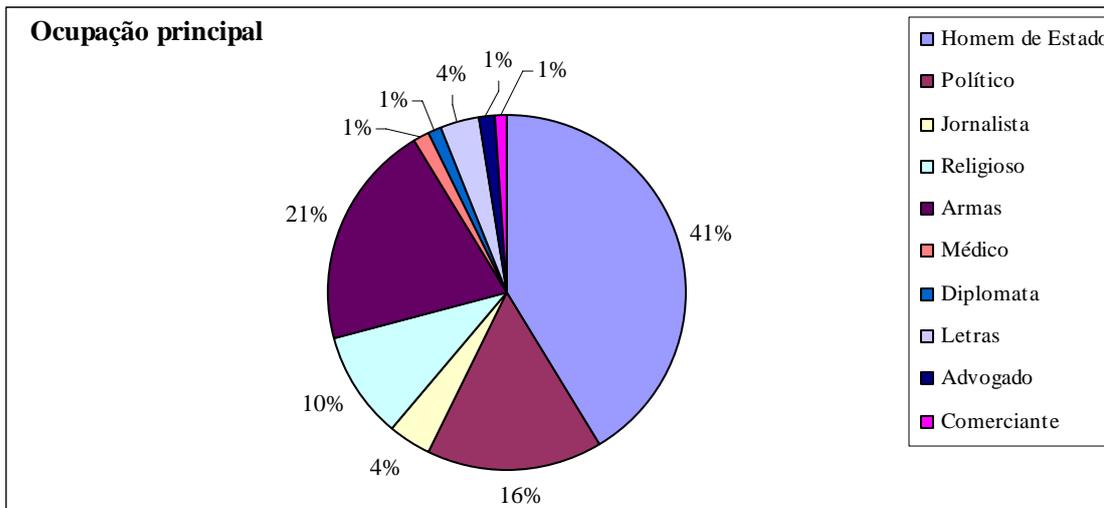


Fig. 27 Gráfico para ocupação principal dos biografados na Galeria de Sisson

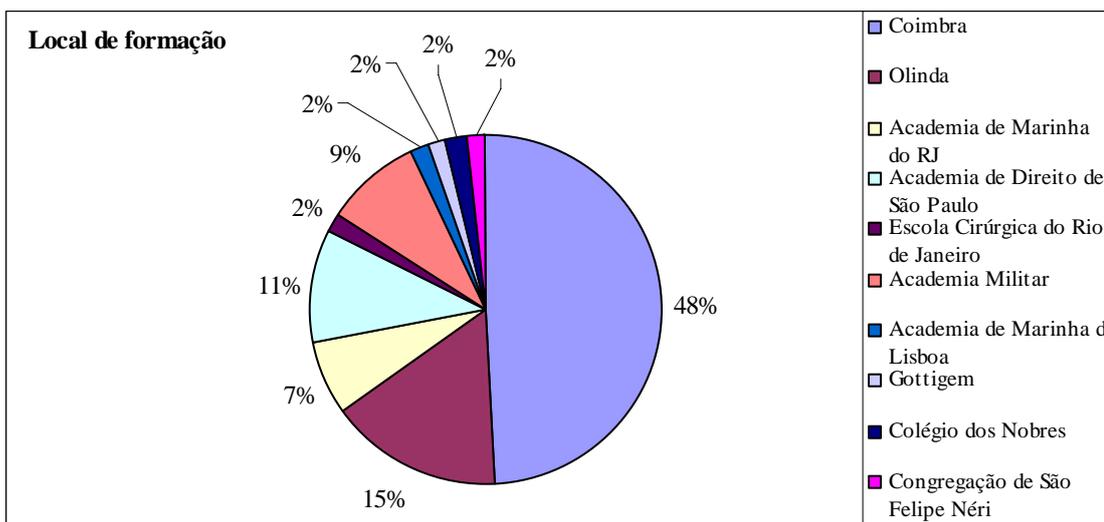


Fig. 28 Gráfico para local de formação dos biografados na Galeria de Sisson

Capítulo 4

A Galeria dos Brasileiros Ilustres

Um bom retrato sempre me parece uma biografia dramatizada, ou melhor, como o drama natural inerente a qualquer homem”

Charles Baudelaire

Hoje a afirmação de que “nada é indiferente num retrato”, e “o gesto, a expressão, a indumentária, o próprio cenário” devem contribuir na representação de um caráter,¹³⁵ pode soar como lugar comum ao mais inexperiente profissional que trata com retratos.

Para Sebastião Sisson, em 1859, as poses e os trajes já funcionavam como importantes complementos visuais ao rosto do biografado.¹³⁶ O editor na introdução da obra já salientava que:

A simples relação dos feitos dos grandes homens ainda não é tudo: a nação, como a família, se apraz de conservar indelével a imagem e a figura de seus membros mais distintos.

A Pátria, como a mais extremosa das mães, se extasia ante os retratos de seus filhos: os contemporâneos, que nem todos conhecem de perto os seus concidadãos mais assinalados, e a posteridade, que é apenas herdeira de sua fama, folgam de procurar na fronte do sábio os cálculos profundos de sua inteligência nos olhos do guerreiro o fogo marcial que brilhava nos campos de batalha. Encontra-se finalmente um encanto indizível em ter junto da história do herói, ou do homem eminente, a imagem de seu rosto: então parece que se renova o passado, ou que se testemunha cenas brilhantes, de que se esteve longe: então como que se vê o estadista meditando no seu gabinete, como se admira o orador na tribuna, e o poeta exaltando-se em suas da mais feliz e ardente inspiração.¹³⁷

¹³⁵ BAUDELAIRE, op.cit.p.121

¹³⁶ Segundo Nancy Ridel Kaplan, esta aproximação entre escrita biográfica e retrato já havia sido explorada pelo pintor e arquiteto italiano Giorgio Vasari na obra “*As vidas dos mais excelentes pintores, escultores e arquitetos*” na qual registrou a biografia dos principais artistas do renascimento italiano. O obra foi publicada pela primeira vez em 1550 e teve uma revisão em 1568 acrescida dos retratos dos biografados. KAPLAN, Nancy Ridel. In: Caminhos da Historiografia Brasileira. Disponível em: <<http://www.ichs.ufop.seminariodehistoria>>. Lygia Segala lista pelos menos seis títulos com a mesma denominação de Galeria que compõem o acervo da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

¹³⁷ SISSON, op.cit., p.13-14

Ao lado de sua história devia agora aparecer o rosto e a indumentária como forma de marcar aquela personalidade tanto por palavras quanto pela imagem. Mas não qualquer imagem e sim a do homem público como ele bem salienta. Já não era possível apenas relatar os feitos das pessoas, o retrato devia complementar as palavras ou vice-versa. A imagem do rosto deveria produzir no leitor um “encanto indizível” para que se renovasse o passado.

A primeira edição da Galeria dos Brasileiros Ilustres, os Contemporâneos, data de 1859. Entretanto, através de um anúncio publicado no Diário do Rio de Janeiro percebe-se que ela já circulava, na forma de livrações (o equivalente aos atuais fascículos), em 1857 e tinha o título *Os Contemporâneos do Brasil*.

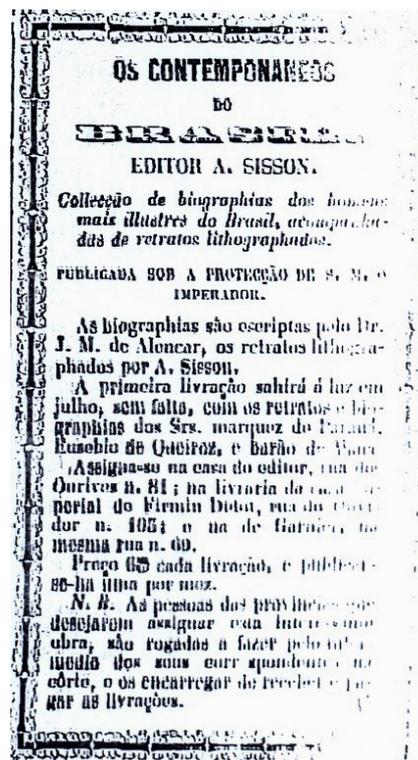


Fig. 29 Anúncio do Diário do Rio de Janeiro de 14 de junho de 1857 indicando José de Alencar como autor das biografias da galeria e ainda com o título *Os Contemporâneos do Brasil*.

Com o título “*Galeria dos brasileiros ilustres (Os contemporâneos): retratos dos homens mais ilustres, desde a guerra da Independência até os nossos dias. Copiados do*

natural e litografados por S. A. SISSON, acompanhados de suas respectivas biografias publicadas sob a proteção de Sua Magestade o Imperador”, a obra foi publicada em dois volumes, composta de 89 retratos litografados em tamanho 25 x 30cm e assinados por A. Sisson. Em sua maioria as biografias não são assinadas mas tudo leva a crer que pelo menos as primeiras biografias foram escritas por José de Alencar. Esta informação, obtida a partir da publicação do anuncio no Diário do Rio de Janeiro¹³⁸ mostrado acima, confirma aquela dada na “*Advertência do Editor*” publicada como uma espécie de justificativa ao trabalho. Outro aspecto importante é que a parceria de Sisson com o fotógrafo Victor Frond assinalada por Lygia Segala não aparecia nos créditos da obra. Apenas quatro das oitenta e nove biografias foram assinadas. Duas por um certo Dr. Melo Moraes, outra pelo Dr. Ch. J.F de Carron du Villards e a última por um autor cuja abreviação do nome era F.O. Outras quatro foram retiradas total ou parcialmente da revista do IHGB.

Advertência do Editor

Voltamos hoje à primeira idéia que tínhamos de publicar uma Galeria dos Homens ilustres do Brasil, acompanhados de notícias biográficas. Deu lugar a isto uma razão mui séria: a impossibilidade em que se acha de fazer as três biografias para cada mês e pessoa encarregada de escrever a obra. Poderiam, é verdade, ser feitas por pessoas diferentes; mas neste caso, tornar-se-á impossível a unidade de pensamento e de vistas que deve haver em uma obra semelhante; o que seria um grande inconveniente.

Não renunciamos todavia à publicação da obra, com o título: Os Contemporâneos do Brasil, *pelo Sr. Dr. J.M. de Alencar*: (Grifo nosso) pelo contrario, esperamos dar brevemente `a luz em formato de oitavo e em mais de um volume, a historia dos brasileiros que tem ilustrado a sua terra. Estas biografias, severamente escritas, farão conhecer o seu autor por uma nova face: a de historiador, titulo que eclipsara aqueles que já tem como jornalista e romancista [...]¹³⁹

A revista *Perfis Acadêmicos da Academia Brasileira de Letras* indica José de Alencar como autor de algumas biografias, entre as quais a de José Martiniano de Alencar, seu pai:

¹³⁸ É importante salientar que o escritor Jose de Alencar era o editor deste periódico na ocasião da publicação deste anuncio. Segundo Lygia Segala, esta parceria com o escritor pode ter sido a causa das desavenças entre Sisson e Victor Frond culminando na dissolução da sociedade entre eles na empresa da Galeria.

¹³⁹ SISSON, op.cit.

Perfis Acadêmicos - Cadeira No. 23

Bibliografia de José de Alencar

1854 – 1858 - (...) A biografia do Marques do Paraná (1856); (...) A biografia de Eusébio de Queiroz (1858)

Encontram-se ainda trabalhos seus nos seguintes livros e revistas:

Galeria dos Brasileiros Ilustres de Sisson. A biografia do pai de Alencar (Padre José Martiniano de Alencar) é de sua autoria.

Obras publicadas em livros e folhetos:

2 – O Marques do Paraná – traços biográficos – Rio, 1856, in 16º, 35 pags – saíram antes no Diário do Rio de Janeiro.

8 – Eusébio de Queiroz – biografia

9 – José Martiniano de Alencar – biografia do pai do autor, na “Galeria dos Brasileiros Ilustres” de Sisson.

Alencar redigiu o Correio Mercantil a partir de agosto de 1853

As biografias do Marques do Paraná e Eusébio de Queiroz foram publicadas no Diário do Rio de Janeiro. (provavelmente no ano de 1856)¹⁴⁰

De fato, os manuscritos das biografias do Marques do Paraná e Eusébio de Queirós encontram-se do Arquivo José de Alencar do Museu Histórico Nacional.¹⁴¹ Já a de José Martiniano de Alencar pertence ao acervo do IHGB.

¹⁴⁰ Revista da Academia Brasileira de Letras S/data. Doc 10-0-29, pág 131 -135

¹⁴¹ Museu Histórico Nacional – Arquivo José de Alencar, produção intelectual.

Primeira página do manuscrito de O Marquês de Paraná.

Primeira página do manuscrito de Eusébio de Queirós.

Fig. 30 Primeiras páginas dos manuscritos das biografias do Marquês do Paraná e de Eusébio de Queirós – Museu Histórico Nacional – Arquivo José de Alencar.

Mesmo que não se possa atribuir à José de Alencar a escrita de todas as outras biografias, é possível perceber a marca de seu pensamento em toda a obra através de um documento intitulado Carta ao Imperador:

[...] Restaurados os partidos, o feudalismo das posições oficiais desaparecerá para dar lugar à verdadeira aristocracia do mérito, corrigida pela opinião e renovada pela seiva popular. Ao ciúme e egoísmo que aleijam o talento, há de suceder a emulação de desenvolver as valentes inteligências.

Os ministros notáveis não ofuscam o brilho do trono, antes o realçam. A história não mostra um só grande rei isolado dessas vigorosas individualidades, que são na frase do evangelho “o sal da terra” e o creme dos povos.

Criai, Senhor, estadistas eminentes; suas obras, como seus nomes, serão raio de vossa glória.

Quando os ilustres representantes da geração que vai sumir-se, possam encher seus dias com uma velhice de Chatam e Palmerston; quanto aos nossos estadistas, que se estão gastando em um doloroso atributo de paixões acerbas, se ofereça a longa carreira de Caning, Russel e Gladstone; E à mocidade brasileira não se antolhe um sonho impossível a rápida ascensão de um Willian Pitt ou Robert Peel; A coroa que vos cinge a augusta fronte estará na altura de vosso nome.

O Brasil era menor há vinte anos; porém estava então mais alto, porque na sumidade que domina o trono brilhavam os grandes nomes de nossa história, de que bem raros e eclipsados restam. A pátria valia mais aos próprios olhos e à consideração das nações estrangeiras. Homens de grande mérito e alta posição eram enviados nas missões diplomáticas, hoje quase abandonadas.

Desbastem-se as clientelas para se formarem os nomes gloriosos, que atestam a existência de um grande rei e de um grande povo. Eles são como as árvores gigantes que medram nas encostas das altas montanhas, onde exuberam o húmus da terra, e manam do alto ricos mananciais.¹⁴²

Na medida em que Sebastião Sisson e José de Alencar compartilhavam de um mesmo universo mental, em algumas passagens a escrita estava bem próxima da idéia divulgada pela obra do primeiro. É também a partir desta aproximação que a Galeria de Ilustres, tomou as páginas de outro importante meio de expressão do Oitocentos: o romance.

José de Alencar incluiu na trama de *Senhora*, um de seus mais conhecidos romances publicado em 1875, a questão das celebridades no século XIX. Em uma passagem as personagens Seixas e Aurélia travam o seguinte diálogo:

¹⁴² Academia Brasileira de Letras, Arquivo José de Alencar, Doc: 10.13.183 – José de Alencar, Político – Carta ao Imperador.

Abandonando o piano, disfarçou em percorrer os livros de música, arrumados sobre o móvel apropriado, uma espécie de estante baixa de prateleiras verticais. Aí esteve a folhear apenas, solfejando à meia voz os trechos favoritos e quiçá buscando um que respondesse aos recônditos pensamentos, ou antes que traduzisse o indefinível sentimento de sua alma naquele instante.

Parece que achou afinal essa nota simpática, pois sua voz desprendia-se num alegre de bravura, quando lembrou-se que não estava só. Volveu um olhar para o sofá, onde havia deixado o marido, que por ventura, a estaria observando, surpreso de sua mímica.

Seixas, ao apartar-se da moça, tomara de cima da mesa um álbum de fotografias e entretinha-se em ver as figuras.

- Está vendo celebridades? – perguntou a moça, que viera de novo sentar-se ao sofá. Fernando compreendeu que a pergunta não era senão malha para travar a conversa e dispôs-se a satisfazer o desejo da mulher.

- É verdade, celebridades européias, pois ainda não as temos brasileiras; isto é, em fotografia, que no mais sobram. Admira que nesta terra, tão propensa à especulação e ao charlatanismo, ainda ninguém se lembrasse de arranjar uns álbuns de celebridades nacionais. Pois havia de ganhar muito dinheiro; não só na venda de álbuns, mas sobretudo na admissão dos pretendentes à lista das celebridades. (Grifo nosso)

- Diga antes ao rol.

- É com efeito mais expressivo.

- O que isso prova – observou Aurélia – é que a literatura tem feito maiores progressos em nosso país do que a arte; pois se não me engano já há por aí, dentro e fora do país, empresas montadas para a exploração da biografia.

- Tem razão.

- Escapou de casar-se com uma contemporânea ilustre – acrescentou Aurélia grifando as últimas palavras com o mais fino sorriso.

- Ah! Não sabia! Lamento profundamente não ter de acumular essa e tantas honras que recebi.

- Pois estive ameaçada de andar por aí em não sei que revista ou gazeta, na qualidade de brasileira notável. Creio eu que o meu título à celebridade era herança de meu avô. Foi-me preciso tomar umas dez assinaturas para defender-me da conspiração armada contra minha obscuridade e livrar-me da glória que esses senhores pretendiam infligir-me.¹⁴³

Nesta mesma obra, José de Alencar, através de suas personagens, levantou outros aspectos daquela época. No entanto, visto a sua sociedade com Sisson na Galeria dos Brasileiros Ilustres, três aspectos dentro da passagem destacada devem ser ressaltados.

O primeiro é a maneira sutil com a qual a obra Sisson foi, digamos, propagandeada. Imagens negociadas? Outro, é o seu sarcasmo ao relacionar a compra de notoriedades que

¹⁴³ ALENCAR, José de. Senhora; Orientação pedagógica Douglas Tufano; notas de leitura Márcia Kupstas. São Paulo: Moderna, 2004 (Coleção Travessias). Devo esta indicação ao trabalho já citado de Lygia Segala, *Ensaio das luzes sobre um Brasil Pitoresco: o projeto fotográfico de Victor Frond*.

pode ser lido como uma fina ironia de Alencar àquela sociedade. O terceiro aspecto está relacionado ao negócio da biografia e liga-se prontamente ao projeto da Galeria de Sisson. Os três encontram-se, de certa forma, no centro da proposta deste trabalho, ou seja, a relação entre sociedade, imagem e biografia.

Outro a se referir ao trabalho de Sisson foi Machado de Assis, utilizando-o como fonte de informação em sua escrita. Ele, que pertencia ao círculo de amigos de José de Alencar, publicou no livro *Páginas Recolhidas*, uma crônica intitulada O Velho Senado, na qual fez explicitamente referência à *Galeria*:

A propósito de algumas litografias de Sisson, tive há alguns dias uma visão do Senado de 1860. Visões valem o mesmo que a retina em que se operam. Um político, tornando a ver aquele corpo, acharia nele a mesma alma dos seus correligionários extintos, e um historiador colheria elementos para a história. Um simples curioso não descobre mais que o pinturesco do tempo e a expressão das linhas com aquele tom geral que dão as coisas mortas e enterradas. [...] Um dia vi ali aparecer um homem alto, suíças e bigodes brancos e compridos. Era um dos remanescentes da Constituinte, nada menos que Montezuma, que voltava da Europa. Foi-me impossível reconhecer naquela cara barbada a cara rapada que eu conhecia da litografia de Sisson [...].¹⁴⁴

Nesta crônica, publicada em 1889, ano do advento republicano, Machado de Assis, tomando a obra de Sisson como ponto de partida, traça um perfil político daquela casa legislativa em 1860. Percebendo a crise política da monarquia, refaz o perfil de muitos dos que naquele momento integravam um passado ainda recente. Neste caso, é importante ressaltar que a Galeria circulou também no ambiente intelectual da corte e foi parte da cultura daquela sociedade. Daí ela não escapar à pena do escritor em suas considerações sobre o momento histórico:

Para avaliar bem a minha impressão diante daqueles homens que eu via ali juntos, todos os dias, é preciso não esquecer que não poucos eram contemporâneos da maioria, algum da Regência, do Primeiro Reinado e da Constituinte. Tinham feito ou visto fazer a história dos tempos iniciais do regime, e eu era um adolescente espantado e curioso. [...] Comecei a aprender a parte do presente que há no passado, e vice-versa. Trazia comigo

¹⁴⁴ ASSIS, Machado de. O Velho Senado. In: *Páginas Recolhidas*, 1889.

a oligarquia, o golpe de Estado de 1848, e outras notas da política em oposição ao domínio conservador, e ao ver os cabos deste partido, risonhos, familiares, gracejando entre si e com os outros, tomando junto café e rapé, perguntava a mim mesmo se eram eles que podiam fazer, desfazer e refazer os elementos e governar com mão de ferro este país [...].¹⁴⁵

A despeito da autoria das biografias, a Galeria foi intensamente divulgada a cada livração. Os anúncios davam destaque a proposta de ser ela uma obra nacional:

OBRA NACIONAL
GALERIA DOS
BRAZILEIROS ILLUSTRES,
 Publicada sob a proteção de
S. M. O IMPERADOR.
 S. A. SISON, EDITOR, RUA DOS OURIVES N. 83.
 Sahio a 112 e 17ª livração desta obra, com os retratos e
 biographias de
 Sr. D. Pedro I.
 Marquez de Inhambupe.
 Marechal J. C. Callado.
 Preço de cada livração por assignatura. 82000
 Dito á venda avulsa 82500
 Continua-se a aceitar assignaturas em casa do editor
 A. Sison, rua dos Ourives n. 83, bem como em casa de H. o
 H. Laemmert, rua da Quitanda n. 77 e D. L. Garnier, F. L.
 Pinto e C., e Waldemar, rua do Ouvidor n. 69. 87 e 112. 1.

Fig. 31 Jornal do Commercio, 04 de maio de 1859, já *Galeria dos Brasileiros Ilustres*. Destaque para o caráter de obra nacional.

GALERIA DOS BRASILEIROS ILLUSTRES
 PUBLICADA SOB A PROTEÇÃO DE
S. M. O IMPERADOR.
 A 1.ª livração desta obra sahio á luz no dia
 14 de setembro, com os retratos e notas biog-
 raphicas dos Exms. Srs. marquez de Paraná,
 Eusebio de Queiroz e batão de Mauá.
 Preço de cada livração por assignatura. 825
 Idem idem avulsa 825
 Publicar-se-ha uma livração de tres retratos
 por mez.
 Assigna-se na casa do editor A. Sison, rua
 dos Ourives n. 81, nas livrarias de Firmin Didot
 e Garnier, rua do Ouvidor n. 105 e 69, e na de
 Laemmert, rua da Quitanda n. 77.
 N. B. Rogá-se aos Srs. assignantes que devem
 sahir pelos vapores dos dias 14 e 15, tenham a
 bondade de mandar receber esta 1.ª livração
 em casa do editor, na rua dos Ourives n. 81,
 das 10 horas da manhã até as 5 horas da tar-
 de; assim tambem mandar participar os nomes
 dos seus correspondentes há cáfia.

Fig. 32 Diário do Rio de Janeiro, 14 de setembro de 1857, já *Galeria dos Brasileiros Ilustres*

¹⁴⁵ ibid

Ser uma obra nacional a diferenciava de outra que também circulava na corte com o nome de *Galeria Lusitana*. Assim o Correio Mercantil a anunciava na edição de 04 de janeiro de 1859:

SABIU A LUZ O 1º NÚMERO
da
GALERIA LUSITANA.

Jornal litterario de 8 paginas em folio grande, com 24 columnas, acompanhado cada jornal com uma finissima estampa primorosamente lithographada que se publica nos dias 1 e 15 de cada mez. O fim immediato deste jornal, para o qual seu editor não tem poupado esforços e despesas, é mostrar os quadros historicos mais importantes e os retratos dos varões mais illustres que seus feitos d'armas, letras e descobertas, etc., se tem tornado immortaes. O 1º numero publicou os retratos do Sr. D. Pedro V a sua esposa; o segundo numero publicará o retrato exacto do historiador A. Herculano; o terceiro a batalha de Aljubarrota; o quarto o retrato do visconde Almeida Garret, e daqui por diante tudo quanto for de maior vulto. Tudo que por ventura se ler na *Galeria Lusitana* será a maior parte original, e nella se darão a conhecer definindo-os conscienciosamente todos os talentos que em Portugal se forem manifestando.

Continúa-se a receber assignaturas no Rio de Janeiro unicamente em casa do editor A. J. Ferreira da Silva, rua da Quitanda n. 190. Preço, tanto para a côrte como para o exterior, remetido livre de ports, a 12\$ por anno; a 7\$ por seis mezes, e a 4\$ por tres mezes.

Fig. 33 Galeria Lusitana, Correio Mercantil, 04 de janeiro de 1859

Ao compararmos os dois anúncios publicados em diferentes jornais da corte percebe-se uma ligeira mas significativa diferenciação entre os dois projetos. Enquanto a obra de Sisson tinha como objetivo “apresentar o retrato dos homens que mais contribuíram para a glória e ilustração do país que os viu nascer”, a outra tinha como finalidade mostrar os “quadros históricos mais importantes e os retratos dos varões mais illustres que seus feitos d’armas, letras e descobertas, etc., se tem tornado imortais”. Isto não é uma questão menor pois ser brasileiro ou português na corte foi um importante diferencial social daquele momento histórico.

A questão do nacional está implícita nas duas publicações e não deve ser negligenciada, afinal estamos falando do oitocentos, época que tem no nacionalismo uma de suas principais características. No entanto, o que os anúncios sugerem é a elaboração de uma rede de sociabilidade que tinha neste tipo de obra um forte apelo pois circulavam nos mais variados grupos sociais.

Galerie des femmes célèbres
Par Saint-Beuve.

Parmi les ouvrages du jour qu'on peut proposer en lecture aux jeunes personnes, rien n'est plus rare que d'en trouver qui réunissent au caractère de convenance et de moralité la véritable distinction et les qualités littéraires. On s'est attaché jusqu'à ce jour à faire de jolies portraits sans s'occuper du cadre. La *Galerie des femmes célèbres*, tirée des *Cahiers du samedi*, de M. de Saint-Beuve (de l'Académie Française) réunit les conditions si justement désirées au mérite littéraire, à la moralité des types, à la richesse de la typographie, à l'utilité du livre, à la magnificence de la reliure, viennent se joindre à ces splendides portraits gravés au burin par les premiers artistes. Les femmes qui figurent dans cette délicate galerie sont toutes connues par leurs vertus, leurs talents, ou leur esprit. Ce livre, qui l'on peut à juste titre considérer comme un chef d'œuvre, prendra sa place au sein de toutes les familles. Un magnifique vol. in-40 riche reliure dorée sur plat et sur tranche. 10^{fr.} Librairie Cassin, Quai de la Seine.

Fig. 34 Jornal do Commercio, 20 de janeiro de 1859. Anuncio destinado ao publico francês.

A comercialização em forma de livrações e a venda por assinaturas pode ser entendida como uma estratégia que tinha o objetivo dividir os custos da publicação além de alcançar o maior número possível de pessoas. Isto está assinalado claramente pelo editor em um prospecto lançado por ocasião da publicação da galeria.

102,6,49

OBRA NACIONAL.



GALERIA
DOS BRAZILEIROS ILLUSTRES.

(OS CONTEMPORANEOS)

EDITOR S. A. SISSON, RUA DOS OURIVES N. 53,

PUBLICADA SOB A PROTECÇÃO DE

S. M. O IMPERADOR

S. A. SISSON, editor da Galeria dos Brasileiros Illustres, offerece ao respeitavel publico o 1º volume ora concluido de sua obra. A' vista delle todos poderão julgar a respeito da natureza desta publicação como do modo por que o editor deu execução ao seu programma.

Na introdução se acha mais largamente desenvolvido o pensamento de que nasceu esta obra monumental que reúne em si os fieis retratos e as biographias dos principaes personagens que apparecerão na scena politica do Brazil.

Julgariamos offender o bom senso de um publico illustrado, se quizessemos demonstrar longamente a importancia de uma publicação tendente a pagar um justo tributo de reconhecimento a varões de que se ufana o paiz que lhes deu o ser, e a passar a sua memoria á posteridade.

A nação honrando-os se honra a si mesma, e não poderá deixar de concorrer para uma obra que, encerrando materias preciosas para a historia patria contemporanea na chronica pessoal dos vultos mais salientes da nossa época, os transmittie aos vindouros, ao passo que excita na mocidade sentimentos da mais nobre emulação.

Quanto á parte litteraria, as biographias sahirão da penna dos escriptores mais illustres e predilectos do publico.

A parte artistica (os retratos) forão todos desenhados e lithographados com o maior esmero por S. A. Sisson, que teve a satisfação de os ver perfeitamente acolhidos.

O editor, no intuito de facilitar a aquisição, lançou mão de um meio que a torna mais suave até para modestas posses, recorrendo á publicação em livrações (cadernos), cada um com tres retratos e suas competentes biographias. Este modo se torna pouco pesado aos subscriptores, que, pagando uma limitada quantia por cada livração publicada em tempo determinado, concluida que seja, se acharão

de posse de uma verdadeira obra de luxo relativamente á impressão e gravuras, de tal distincção que mesmo na Europa poucas existem no mesmo genero que a poderão exceder.

A obra completa formará tres grandes volumes in-folio, contendo cada um 45 retratos e biographias.

Cada volume constará de 15 livrações a 3 retratos com biographias.

O preço de cada livração para os subscriptores, tanto antigos como recentes, continúa a ser de 6,5000 cada livração; avulso 8,5000.

Os assignantes que novamente entrarem e desejarem o 1º volume já publicado, o poderão ter completo, ou se preferirem o poderão receber em livrações, tomando uma ou duas livrações antigas juntamente com as que novamente se publicarem, desorte que de cada vez só apenas teráo que desembolsar uma modica quantia.

N. B. A ultima livração do 3º volume apresentará, além de um indice geral da obra, a lista dos Srs. subscriptores que tiverem recebido os tres volumes, e assim prestado sua protecção a esta publicação nacional, prova irrecusavel do progresso das artes no Brazil.

Conteúdo do 1º volume em 15 livrações, com 45 retratos e biographias.

SUAS Magestades O Imperador D. Pedro II

E a Imperatriz D. Thereza Christina Maria,

e os Exms. Srs. Marquez de Abrantes, de Monte-Alegre, de Olinda, de Caxias, de Baependy, de Valença, de Paraná e de Paranaguá, condes de Santa-Cruz, o arcebispo da Bahia, e de Irájá, bispo do Rio de Janeiro, bispo de Anemúria, Mont'Alverne, conego Januario, viscondes de Abaeté, de Sapucahy, de Uruguay, de Itaborahy, de Maranguape, de Cayrú, de Caravellas e do Rio-Bonito, barões de Mauá e de Iguarassú, marechal Lima e Silva, senadores Vergueiro e Alencar, conselheiros Eusebio de Queiroz, Souza Franco, Luiz Pedreira do Couto Ferraz, José Maria da Silva Paranhos, Manoel Felizardo de Souza e Mello, Jeronymo Francisco Coelho, Candido Baptista de Oliveira, José Thomaz Nabuco de Araujo, José Clemente Pereira, José Bonifacio de Andrade, Antonio Carlos de Andrade, Evaristo Pereira da Veiga, F. Diogo Pereira de Vasconcellos, Bernardo Pereira de Vasconcellos, Sergio Teixeira de Macedo, Drs. Gabriel José Rodrigues dos Santos e João da Silva Carrão.

Assigna-se esta obra e vendem-se avulsos na casa do editor S. A. Sisson, rua dos Ourives n. 55.

Fig. 35 Prospecto de publicação da Galeria. Biblioteca Nacional, setor de Obras Raras. Localização 102,6,49

A leitura atenta do prospecto encerra questões importantes para a discussão tratada até aqui. A primeira delas diz respeito ao público alvo da obra, claramente identificado como o *ilustrado*, inclusive aquele de *modestas posses*. Outro aspecto relevante é a preocupação do editor em sublinhar que o exemplo devia partir *da crônica pessoal dos vultos mais salientes da época*, ou seja, é o indivíduo, a principal fonte de exemplaridade. Um

terceiro ponto levantado é a divisão entre a arte, neste caso os retratos, e a parte literária, as biografias. Esta interpretação, que diferenciava as duas formas de expressão, tem reflexo até nossos dias, haja visto o próprio saber histórico que até bem pouco tempo diferenciava o documento escrito e o iconográfico tratando o último como de menor importância.

O destaque dado por Sisson ao patrocínio imperial era também uma importante marca de diferenciação:

Foi e é nossa idéia bosquear somente, sob o ponto de vista histórico, a vida e o caráter dos homens que se tem ilustrado no belo Império americano; desenhar as principais figuras, que tem deixado vestígios de sua passagem neste país e em sua cena política desde a independência até os nossos dias; em uma palavra, apresentar os quadros e a historia do Brasil neste período, expondo, a par dos retratos, os feitos dos seus varões que mais se tem distinguido.

Podemos ufanar-nos de que o nosso empenho fosse bem recebido e acoçoado pelos brasileiros, e muito nos honra a distinção com que S.M. o Imperador o Sr. D. Pedro II se dignou a tomar *debaixo de sua imediata proteção especial* (grifo nosso) a Galeria dos Brasileiros Ilustres.[...]

Animados por *este majestoso incentivo, e certos da continuação do favor publico* (grifo nosso), a nossa obra progredirá esperançosa e constantemente dirigida pelo mesmo pensamento.¹⁴⁶

Sebastião Sisson obteve o patrocínio imperial e esperava mantê-lo para que sua obra pudesse continuar. Se esta foi ou não a direção de seus negócios não é possível afirmar. No entanto, a contar pela grande quantidade de retratos da Família Imperial litografados por ele, posso sugerir que sua arte tinha aí uma importante forma de divulgação.

Todavia, o anuncio em jornais e os retratos da Família Imperial não foram as únicas formas de divulgação da Galeria. Em outra estratégia ela foi apresentada ao IHGB no mesmo ano em que Victor Frond e Charles Ribeirrolles entregaram a obra *Brazil Pittoresco* àquele instituto:

¹⁴⁶ SISSON, op.cit., p. 15

Atas das sessões de 1859 (tomo XXII)

Expediente da 1ª sessão em 20 de maio de 1859

O Sr 1º Secretário da conta do seguinte:

8º Ofício do Sr Rebeyrolles mandando dois exemplares do Brasil Pittoresco

Expediente da 9ª sessão em 23 de setembro de 1859

4º - Um exemplar das 10ª a 17ª série da obra: Galeria dos Brasileiros Ilustres

Relatório do 1º Secretário Interino Cônego Dr. J. C Fernandes Pinheiro

Avultados donativos feitos por particulares enriquecem este ano a nossa biblioteca, dos quais mencionarei alguns, **preferindo os que mais intima relação tem com o objeto dos nossos trabalhos [...]**. (grifo nosso)

Recebemos por parte do Sr Charles Rebeyrolles (sic) o primeiro fascículo de seu Brasil Pittoresco cuja obra deve ser acompanhada de estampas devidas ao talento do Sr. Victor Frond, distinto fotógrafo aqui estabelecido. Dignas são sempre da maior animação semelhantes empresas; revela que conhecido de torne o nosso país aos olhos do mundo civilizado, porque só dest'arte (sic) poderemos vitoriosamente responder as calúnias contra nós lançadas. Alguns desculpáveis enganos introduziram-se no trabalho do Sr. Rebeyrolles (sic), aliás mui recomendável pelo vivo colorido de seu estilo, e mais que tudo pela imparcialidade com que avalia nossas instituições.

Com igual prazer acolheu o Instituto a remessa que lhe fez o Sr. Sisson da importantíssima obra de que é editor. Se a Galeria dos Brasileiros Ilustres não pode ser ainda a biografia severa e desapaixonada que deve um dia julgar os protagonistas do nosso grande drama político, nem por isso é menos curiosa, nem exíguo serviço presta à história, arrancando do esquecimento muitos fatos que de balde um dia com afan (sic) se buscariam, refletindo em suas páginas as várias cores da atualidade.

Apêndice ao relatório de 1859

Obras, impressos, manuscritos oferecidas ao Instituto Histórico no ano de 1859

1859, maio 20, Brasil Pittoresco, história, descrições, viagens instituições, colonização por Charles Ribeyrolles, acompanhado de um álbum de vistas: por Victor Frond (1º. Vol in-folio pequeno) Rio de Janeiro, 1859.

A Sisson

1859, setembro 23, Galeria dos Brasileiros Ilustres, Retratos dos homens mais ilustres do Brasil na política, ciências e letras, desde a Guerra da Independência até aos nossos dias, copiados do natural e litografados por S A Sisson. (Diversos NS em continuação do 10º.) Rio de Janeiro, 1858.¹⁴⁷

Sebastião Sisson e Victor Frond apresentaram quase simultaneamente suas obras ao IHGB. Eles tinham sido sócios no projeto inicial da Galeria e este fato é no mínimo curioso

¹⁴⁷ Revista do IHGB, tomo XXII, 1859. p.635

pois sugere mais uma vez outra rede de sociabilidade só que agora voltada para o mundo acadêmico.

Mas, ainda que os avaliadores do IHGB reconhecessem o serviço prestado pela *Galeria dos Brasileiros Ilustres* à história, a consideraram apenas curiosa em uma recepção um tanto quanto fria: “Se a Galeria dos Brasileiros Ilustres não pode ser ainda a biografia severa e desapaixonada que deve um dia julgar os protagonistas do nosso grande drama político, nem por isso é menos curiosa”.

No entanto, o Instituto reconhecia que preferia aquelas obras por elas manterem uma relação íntima com o objeto dos seus trabalhos. Ora, tratando-se da “casa da memória nacional”, certamente passar pelo crivo de seus membros poderia abrir as portas para outras avaliações positivas, principalmente levando-se em conta que muitos deles transitavam também pela imprensa da corte.

Se por um lado, ao submeter seu trabalho à análise do Instituto, Sisson procurava receber a aprovação necessária para sua divulgação, por outro, a obra estava sujeita à força dos cânones difundidos pelo IHGB. Assim, não é estranho que algumas biografias tenham sido obtidas diretamente das páginas da revista do Instituto. Mas, a partir de sutis modificações em sua composição é possível supor que uma outra maneira de conceber a escrita biográfica estava delineando-se naquele momento. Ao utilizar a imagem do biografado, a galeria surgia como um produto diferente com maior possibilidade mercadológica, tendo em vista que tornava-se uma prática na corte o uso de fotos para serem presenteadas e mesmo trocadas, ou seja, a imagem como meio de sociabilidade.

A sociedade transformava-se e outra visão de si mesma seria elaborada a partir da inserção em seu cotidiano das modernas técnicas de reprodução iconográficas. Jornais, álbuns ilustrados e outras formas de divulgação pela imagem teriam crescimento vertiginoso a partir

da segunda metade do oitocentos e “as estampas povoaram as ruas, os lugares, os assuntos comentados, o comércio, as residências.”¹⁴⁸

Um aparente processo de distinção social estava em marcha. A biografia associada à imagem foi mais um elemento a colaborar nesta diferenciação. Homens ilustres, famílias distintas, individualidades burguesas são as marcas que separariam os retratados do restante da população. Em 14 de julho de 1857 o Diário do Rio de Janeiro trouxe o seguinte anúncio

COMMUNICAÇÕES.

Retratos a óleo.

Em todos estes dias tem prendido a atenção dos apreciadores e dos curiosos quatro excelentes retratos dos Srs. conselheiro Eusebio, senador Simião, desembargador Godoy e commendador Ferreira Junior, que têm estado expostos na galeria do Sr. Bernasconi, na rua do Chavador n. 145.

O que especialmente tem atraído essa atenção é a perfeita semelhança dos retratos com os seus originaes, porque esse dom de *daguerreotypar* as feições com o pincel é uma qualidade eminentemente de artista, que possuo com distincção o Sr. Candido Ribeiro.

As pessoas curiosas, que ainda não tenham admirado estes quatro milagres da semelhança, convidamos a que os vão admirar; bem como a visitar o gabinete do talentoso artista na rua do Rosario n. 129.

Alli se verão trabalhos do mesmo genero de summo merecimento.

Fig.36 Retratos a óleo. Diário do Rio de Janeiro, 14 de julho de 1857

O milagre da semelhança dos notáveis estava exposto ao crivo dos curiosos e apreciadores. Além do apelo pedagógico e exemplar, estas imagens serviam também como propaganda para trabalhos dirigidos a outros potenciais consumidores interessados em retratos executados por artistas com o dom de “daguerreotypar com pincel”.

¹⁴⁸ IPANEMA, op.cit., p. 547

Em 1861, ano em que foi publicada a segunda edição da Galeria dos Brasileiros Ilustres, a corte já contava com inúmeras publicações ilustradas. Este mercado das aparências passava também pela publicação de biografias em jornais e outros periódicos, além das Galerias aqui mostradas. Ele era mais um dos meios a propiciar novos sentidos para uma sociedade em sua maioria analfabeta. Esta experiência visual possibilitaria um novo tipo de conhecimento, mais imediato e mais generalizado. Uma outra noção de civilidade.

A sociedade brasileira modernizou-se, politicamente transformou-se em uma República, mas a *Galeria dos Brasileiros Ilustres*, uma obra do período imperial, continuou a circular. Em junho de 1942, Wanderley Pinho, membro do IHGB, trocava correspondência com Wolfgang Apfel sobre uma operação de compra e venda em consignação da obra de “Sisson.” Pela correspondência nota-se que a transação não foi consumada.

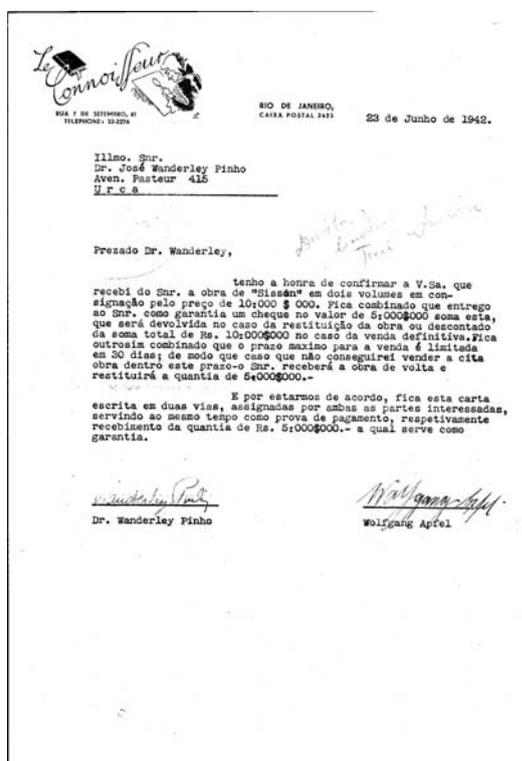


Fig. 37 Correspondência para venda da Galeria em 1942

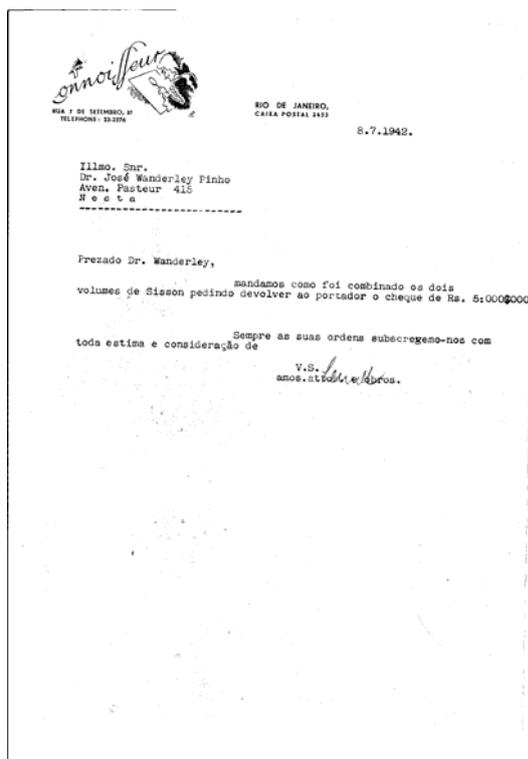


Fig. 38 Correspondência para venda da Galeria em 1942

Anos depois, em 1948, a Revista do IHGB publicou uma resenha sobre a nova edição da Galeria:

Sisson, S. A – Galeria dos Brasileiros Ilustres – Crítica e interpretação Helio Viana.

Livraria Martins Editora S.A – São Paulo, 1948.

1 - Ficha catalográfica: Ata
Dois tomos. 336, 354 ILS (Biblioteca Histórica Brasileira, vol. XVIII)

Feliz iniciativa teve a Livraria Martins, de São Paulo, incluindo em sua biblioteca histórica brasileira a reedição, em formato menor, porém sem prejuízo para as ilustrações, da *Galeria dos Brasileiros Ilustres (os Contemporâneos), em 1859-1861* aqui publicada pelo litógrafo francês S. A Sisson.

Trata-se da maior e melhor coleção de “retratos dos homens mais ilustres do Brasil, na política, ciências e letras, desde a guerra da Independência” até meados do reinado de Dom Pedro II. Acompanhados, esses quase sempre insubstituíveis documentos iconográficos, pelas respectivas biografias, foi pena que não aparecessem indicados os respectivos autores, de acordo com a

relação levantada pelo bibliógrafo Sr. Tancredo de Barros Paiva, em suas preciosas achegas a um dicionários de pseudônimos. Embora geralmente encomiásticos, úteis são esses dados, por conterem, muitas vezes, minúcias pouco conhecidas. Dão idéia do valioso material humano com que contou o império do Brasil para atingir a fase de fastígio que geralmente colocam os historiadores entre 1850 e 1865.

A Galeria dos Brasileiros Ilustres é, portanto, obra indispensável às Bibliotecas Históricas do Brasil, merecendo louvores a Livraria Martins por torná-la acessível a todos os estudiosos.

Helio Viana.¹⁴⁹

Segundo o autor, tratava-se de uma obra indispensável às Bibliotecas Históricas do Brasil por conta de mostrar o “valioso material humano com que contou o império do Brasil.” Há de se notar a referência aos retratos como “insubstituíveis documentos iconográficos” e a galeria agora tratada como obra histórica.

Mas é na nota à edição de 1948 que vemos algumas questões apontadas nesta dissertação. Ainda que longa vale a pena transcrevê-la na íntegra:

Nota do editor em 1948

Ao estabelecermos, em 1940, o programa das obras que seriam incluídas na “Biblioteca Histórica Brasileira”, que projetávamos editar, concluímos pela necessidade da publicação das quatro obras, senão as mais importantes pelo menos as fundamentais, da iconografia brasileira do século passado: “Viagem Pitoresca Através do Brasil, de Rugendas; “Viagem Pitoresca e Histórica do Brasil”, de Debret; “Brasil Pitoresco”, de Ribeyrolles e “Galeria dos Brasileiros Ilustres” de Sisson. As três primeiras já foram lançadas e sucessivas edições comprovam o seu êxito; quanto a última, entregamo-la agora ao favor público, lembrando, para justificar a sua demora, as dificuldades materiais de toda sorte que tivemos de enfrentar com a falta de material adequado, custo de impressão, etc.

A “Galeria dos Brasileiros Ilustres”, publicada no Rio de Janeiro em 1859 /1861 sob os auspícios de S A Sisson e impressa na tipografia de Quirino e Irmão, é uma obra que difere essencialmente das de Debret, Rugendas e Ribeyrolles; ao passo que estas cuidam dos usos, costumes e paisagens do Brasil, aquela se limita a estudar somente os homens, fornecendo-nos através de suas biografias e retratos, um espelho fiel de suas personalidades e da época em que viveram. É pois uma obra caracteristicamente documental e de História. Seu editor, o francês Sebastião Augusto Sisson, foi artista notável e profissional radicado por longos anos no Rio de Janeiro, onde, em 1860, conforme se lê no Almanaque Laermmet desse mesmo ano, se achava instalado como “desenhista e retratista” à Rua do Carmo N. 45, atual Sete de Setembro.

¹⁴⁹ RIHGB – outubro/dezembro 1948 [152-153]

Os retratos foram magnífica e artisticamente copiados do natural e o processo empregado para reproduzi-los – a litografia – estava em voga na época e a ele se devem muitas das obras primas das edições românticas.

Quanto ao texto, vazado e quase todo ele no tom economista, louvaminheiro, por vezes precioso, tão ao sabor do tempo, não traz assinatura, pois, em sua edição original, a “Galeria dos Brasileiros Ilustres” não revela os nomes dos biógrafos. Assevera, no entanto, Tancredo de Barros Paiva, em seu dicionário de pseudônimos (J Leite e Cia, Rio, 1929) que as biografias foram escritas por várias pessoas e relacionava os nomes da maioria delas.

Apesar de não ser citada inexplicavelmente pelas principais bibliografias nacionais, várias ocorreram que tornaram muito escassa e de alto valor mercantil a obra de Sisson. O seu tamanho alentado – 2 volumes in-folio -, a tiragem reduzida, o desmazelo dos possuidores inconscientes, sua mutilação pelos encadernadores ou antiquários gananciosos, que desmanchavam os volumes para emoldurarem os retratos e vende-los separadamente, fizeram com que se torne muito difícil encontrar-se hoje em dia um exemplar perfeito e em boas condições. Para os livreiros atentos, para bibliófilos apaixonados e para os colecionadores zelosos, que acompanham de perto os catálogos dos livreiros e os leilões de livros da Europa e dos Estados Unidos, não é novidade contar-se que só muito raramente aparece um exemplar à venda. E, entre nós, os poucos exemplares negociados nestes últimos dez anos atingiram preços que regulam cinquenta vezes mais o da edição que presentemente oferecemos aos estudiosos de nossa história.¹⁵⁰

Incluída entre uma das quatro obras fundamentais da iconografia brasileira do século XIX, ao lado de “*Viagem Pitoresca Através do Brasil*”, de Rugendas; “*Viagem Pitoresca e Histórica do Brasil*”, de Debret e “*Brasil Pitoresco*”, de Ribeyrolles, a *Galeria dos Brasileiros Ilustres* de Sisson era vista pelo editor em 1948 como “um estudo dos homens através de suas biografias e retratos sendo um espelho fiel de suas personalidades e da época em que viveram”. Para ele, um trabalho tanto documental quanto Histórico. Mais uma vez a galeria é lida como uma obra essencialmente histórica por *espelhar* a sociedade do Brasil oitocentista.

A mais recente edição da *Galeria dos Brasileiros Ilustres* é de 1999 e foi lançada em comemoração aos 500 anos do Brasil pela editora do Senado Federal e da qual retirei as informações para este trabalho.

¹⁵⁰ Sisson, S.A. *Galeria dos Brasileiros Ilustres*. São Paulo: Livraria Martins Editora S.A, 1948

Por sua peculiaridade ela é uma obra que merece estudos mais aprofundados principalmente por juntar em um mesmo trabalho duas formas de expressão que naquele momento pareciam linguagens excludentes: o texto e a imagem. Outra direção para seu estudo é o fato dela ter se transformado desde suas primeiras edições em “obra histórica”. O que por si só é uma grande questão para os historiadores.

CONCLUSÃO

O retorno da biografia como forma de escrita histórica trouxe ao centro do debate historiográfico a sua relação com a micro-história. O indivíduo depois de ter sido posto à margem tornou a ocupar espaço privilegiado nesse estudo.¹⁵¹ Se por um lado, o limite entre história e biografia é tênue, pois é praticamente impossível retirar a vida contada de seu mundo, por outro, ainda que ocorram algumas imprecisões, aquela personagem existiu no mundo real e assim sua trajetória possa ser relacionada com um passado coletivo.¹⁵²

Neste sentido, a *galeria dos Brasileiros Ilustres* reúne duas importantes formas de expressão cujo foco principal é o indivíduo: o gênero biográfico e o retrato. Nela, texto e imagem misturam-se para formar um conjunto homogêneo de complementaridade recíproca. Aparentemente ligada à questão nacional, a obra de Sisson ligava-se ao crescente processo de individualização e diferenciação pelo qual passava a sociedade tornando-se um objeto de consumo para uma elite abastada ciosa por reconhecimento, admiração e distinção.

Se no campo político tais fatores equivaliam à elaboração simbólica de uma nacionalidade, no campo estritamente social eles desaguavam nas vidas das pessoas célebres. Para além das palavras, a imagem, cada dia mais acessível devido ao desenvolvimento das técnicas, colaborava com este aspecto possibilitando uma diferenciação tanto interna quanto externamente.

De cunho claramente pedagógico as biografias traziam em seu bojo toda uma rede de simbolismo ligada entre si por obras como a de Sebastião Sisson. Divulgadas em diferentes

¹⁵¹ REVEL, Jacques. Microanálise e Construção Social. In: *Jogos de Escala: A Experiência da Microanálise*. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

¹⁵² LORIGA, Sabina. *A Biografia como Problema*. In: REVEL, Jacques (org.). *Jogos de Escala: A Experiência da Microanálise*. Rio de Janeiro: FGV, 1998. p. 225-249.

meios como jornais e revistas ilustradas, eram o elo de ligação de pessoas dos mais diferentes lugares contribuindo desta forma para a “homogeneidade ideológica da elite imperial”.¹⁵³

Sendo assim, a escrita biográfica como fator para elaboração de uma memória estava perfeitamente inserida na lógica dos homenageados. A narrativa seguia algumas diretrizes que não estavam em nenhum manual, mas sim na idéia de homem ideal corroborada por todos os membros da “boa sociedade.” Desta forma, foi também a partir desta escrita que os “brasileiros ilustres” puderam ser salvos de “um injusto esquecimento”. É ela que ao ser elaborada fazia a ligação entre a história e a memória, funcionando como um dos amálgamas da coesão social.

Editada em um momento histórico singular, a obra de Sisson nos mostra parte da considerada “boa sociedade” imperial. Nela, tal qual em uma galeria de arte, indivíduos com suas biografias e imagens estavam expostos à apreciação pública não só em um nítido exemplo da história como mestra da vida mas também para deleite dos próprios retratados.

¹⁵³ CARVALHO, José Murilo de. *A Construção da ordem: a elite política imperial. Teatro de Sombras: a política imperial*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

Refazendo um trajeto

Quando entrei no curso de mestrado do PPGHIS achava que minha pesquisa estava praticamente pronta faltando, então, apenas alguns ajustes teóricos e outros poucos experimentais. Puro engano.

Ela começou no arquivo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro onde, por indicação do professor Manoel Salgado, tive contato com minhas primeiras fontes: a Revista do IHGB e a Galeria dos Brasileiros Ilustres. Ingenuamente achei que toda pesquisa pudesse começar e encerrar naquele salão de leitura.

Assim que a professora Norma Côrtes me apresentou suas críticas ao projeto de pesquisa com o qual fui selecionado percebi que o caminho a percorrer não seria aquele que imaginei. Disse-me ela: tens uma pérola nas mãos, no entanto é preciso lapidá-la.

Para responder as questões levantadas pela professora Norma e daí lapidar meu objeto percorri um caminho pouco conhecido e, como tal, bastante confuso, mas que após algum tempo de travessia me proporcionou um grande prazer.

Uma primeira pergunta foi: quem era o autor da Galeria dos Brasileiros Ilustres, obra da qual me ocupava? Passei um bom tempo atrás desta resposta, encontrando-a parcialmente em uma breve biografia, publicada na Revista da Semana e que compõe o Fundo Luis Gastão d' Escragnolle Doria depositado no Arquivo Nacional do Rio de Janeiro. Em busca de mais dados biográficos sobre Sebastião Sisson pesquisei ainda no Arquivo do Itamaraty e o Arquivo da Cidade do Rio de Janeiro, não obtendo informações nesses acervos.

Voltei ao arquivo do IHGB e lá tive acesso ao documento sobre o alvará recebido pelo litógrafo para a utilização do nome da Casa Imperial. Infelizmente, a biografia do Senador José Martiniano de Alencar escrita por seu filho e ali depositada não estava disponível à pesquisa e não pude compará-la àquela publicada na obra de Sisson.

Grande parte das informações sobre a Galeria dos Brasileiros Ilustres foi obtida em diversos jornais do Setor de Periódicos e no de Obras Raras da Biblioteca Nacional. Os anúncios veiculados sobre ela deram a pista necessária para o entendimento do momento de sua circulação. Foi no Setor de Obras Raras que encontrei um documento intitulado “Prospecto de publicação da Galeria” e que nos mostra mais detalhes sobre as idéias do editor em relação ao seu trabalho.

Com a intenção de levantar possíveis fontes sobre a sociedade de Sisson com José de Alencar cheguei ao arquivo da Academia Brasileira de Letras. Algumas poucas pistas naquele arquivo mas uma indicação de grande valor: havia sido transferido para o acervo do Museu Histórico Nacional no Rio de Janeiro parte do arquivo de José de Alencar. Qual não foi minha surpresa quando encontrei ali, na parte nomeada como “produção intelectual” do autor, os manuscritos das biografias do Marques do Paraná e a de Eusébio de Queirós, os dois primeiros biografados na galeria de Sisson. Já sem muito tempo para a defesa da dissertação fiquei por voltar àquele acervo pois nele estão depositadas diversas litografias das personagens retratadas na Galeria dos Brasileiros Ilustres.

Estou certo de que posso obter mais dados sobre Sisson e seu trabalho nos diversos arquivos espalhados na Cidade. Esta dissertação é apenas o início desta busca.

Bibliografia

ALENCAR, José de. *Senhora*. São Paulo: Moderna, 2004. (Coleção Travessias)

BANN, Stephen. *As invenções da história: ensaios sobre a representação do passado*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1994.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras escolhidas; v.1).

BARBOSA, Januário da Cunha. *Discurso de Fundação do IHGB*. In: Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Rio de Janeiro, vol.1, 1839.

BARTHES, Roland. *A câmara clara: nota sobre a fotografia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BAUDELAIRE, Charles. *A modernidade de Baudelaire/ apresentação de Teixeira Coelho*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

_____. *Sobre a modernidade: o pintor da vida moderna* (organizador Teixeira Coelho). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996 (Coleção Leitura)

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

BORGES, Vavy Pacheco. *O Que é História – Coleção Primeiros Passos*. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1998.

BORDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2005. (Coleção Estudos).

_____. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BRASSAI. *Proust e a fotografia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BURKE, Peter (Org). *A Escrita da História: Novas Perspectivas*. São Paulo: UNESP, 1992.

CARR, E. H. *Que é a História?*, Lisboa, Gradiva, s.d.

CARVALHO, José Murilo de. *Teatro de Sombras: A Política Imperial*. Rio de Janeiro: IUPERJ, 1988.

_____. *A construção da ordem: A Elite Política Imperial*. Rio de Janeiro: Campus, 1980.

_____. *História Intelectual no Brasil: a Retórica como Chave de Leitura*. In: TOPOI – Revista de História. Rio de Janeiro: Viveiro de Castro, 2000.

_____. *D. Pedro II*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

_____ (org). *Nação e cidadania no Império: novos horizontes*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

CASSIRER, Ernst. *O Mito do Estado*. São Paulo, Códex, 2003

_____. *Indivíduo e Cosmos na Filosofia do Renascimento*. São Paulo: Martins Fontes, 2001. (Coleção Tópicos).

CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense, 2000.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural entre práticas e representações*. Lisboa, Difel, 1988.

_____. *À beira da falésia: a história entre certezas e inquietudes*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2002.

CHÂTELET, François. *História das Idéias Políticas*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2000

ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

_____. *O processo civilizador*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994. 2v

_____. *A sociedade de corte: investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia da corte*. Rio de Janeiro: 2001.

ENDERS, Armelle. “*O Plutarco Brasileiro*”: *A Produção dos Vultos Nacionais no Segundo Reinado*. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, V.14, No. 25: 2000. P.41-62.

FEIJÓ, Martin Cezar. *O Que é Herói* – Coleção primeiros passos. São Paulo: Brasiliense, 1986.

FELDMAN-BIANCO, Bela; LEITE, Miriam L. Moreira. *Desafios da Imagem: Fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais*. Campinas, SP: Papyrus, 1998.

FÉLIX, Loiva Otelo; ELMIR, Cláudio P. (orgs). *Mitos e heróis: construção de imaginários*. Porto Alegre: Editora/ UFRGS, 1998.

FRANCASTEL, Pierre. *Arte e técnica nos séculos XIX e XX*. Lisboa: s/d

_____. *A realidade figurativa*. São Paulo: Perspectiva, 1993. (Coleção Estudos).

FURET, François. *A Oficina da História*. Lisboa: Gradiva, 1988.

GINZBOURG, Carlo, et. al, *A micro-história e outros ensaios*, Lisboa, Difel, 1991.

GUIMARÃES, Manoel Luís Salgado. *Nação e civilização nos trópicos: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o projeto de uma história nacional*. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, CPDOC/Vértice, 1 : 5-27, 1988.

_____. *De Paris ao Rio de Janeiro: a institucionalização da escrita da História*. *Acervo - Revista do Arquivo Nacional*, Rio de Janeiro, 4 (1): 135-144, 1989.

_____. *A cultura histórica oitocentista: a constituição de uma memória disciplinar*. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy (org.). *História Cultural: experiências de pesquisa*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003, pp. 9-24.

_____. *Entre amadorismo e profissionalismo: as tensões da prática histórica no século XIX*. In: TOPOI, Rio de Janeiro, 2002, pp. 184-200.

_____. (org). *Estudos sobre a escrita da história*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2006.

HARDMAN, Francisco Foot, KURY, Lorelai. *Nos confins da civilização: algumas histórias brasileiras de Hercule Florence*. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v.11 n. 2, p. 109-129, maio/ agosto 2004. Disponível em: < <http://www.scielo.br/scielo.php>>

HARTOG, François. *O Espelho de Heródoto: Ensaio Sobre Representação do outro*. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

_____. *O Século XIX e a História: o caso Fustel de Colanges*. Rio de Janeiro: editora da UFRJ, 2003.

_____. *Regime de Historicidade*. Texto da Conferência proferida em outubro de 2005 no IFCH/UFRGS, cedido pelo autor.

HELLER, Agnes. *O homem do renascimento*. Lisboa: Editorial Presença, S/D.

HOBBSAWM, Eric. *Nações e Nacionalismos: desde 1780*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

_____ e RANGER Terence. *A Invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

IPANEMA, Rogéria Moreira de. *A Idade da Pedra Ilustrada. Litografia: um monolito na gráfica, e no humor do jornalismo do século XIX no Rio de Janeiro*. Dissertação de Mestrado em História e Crítica de Arte. Rio de Janeiro, UFRJ, Escola de Belas Artes.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.

_____. *Crítica e crise: uma contribuição a patogênese do mundo burguês*. Rio de Janeiro: EDUERJ: Contraponto, 1999.

KOSSOY, Boris. *Fotografia e história*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

_____. *Hercule Florence: a descoberta isolada da fotografia no Brasil*. São Paulo: Editora da USP, 2006.

KURY, Lorelai. *Homens de ciência no Brasil: impérios coloniais e circulação de informações (1780 – 1810)*. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v.11 (suplemento 1), p. 109-129, 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/hcs/v11s1/05>>

_____. *Ciência e nação: romantismo e história natural na obra de E.J da Silva Maia*. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v.5, n.2, Jul/out1998. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.php>>

_____. *Viajantes-naturalistas no Brasil oitocentista: experiência, relato e imagem*. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v.8 (suplemento), 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/hcs/v11s1/05>>

LAVELLE, Patrícia. *O espelho distorcida: imagens do indivíduo no Brasil*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2003.

LE GOFF, Jacques (org.) *A História Nova*. São Paulo, Martins Fontes, 1995.

_____. *História e memória*. Campinas: Ed. Unicamp, 1996.

LEVI, Giovani. *Usos da biografia*. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína.(org) *Usos e Abusos da História Oral*. RJ, FGV.1996. pp 167-182

LORIGA, Sabina. *A Biografia como Problema*. In: REVEL, Jacques (org.). *Jogos de Escala: A Experiência da Microanálise*. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

LUSTOSA, Isabel. *D. Pedro I: um herói sem nenhum caráter*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

MANNHEIM, Karl. *Sociologia da cultura*. São Paulo: Perspectiva, 2004. (Coleção Estudos)

MATTOS, Ilmar Rohloff de. *O Tempo Saquarema: A Formação do Estado Imperial*. Rio de Janeiro: Access, 1994.

MICELI, Sérgio. *História das ciências sociais no Brasil*. São Paulo: IDESP/Vértice, 1989. v.1; 1995, v. 2.

_____. *Imagens negociadas*. São Paulo: Companhia das letras, 1996.

Moles, Abraham A. *As ciências do impreciso*. trad. Glória de C.Lins. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1995.

MAUAD, Ana Maria. *Imagem e auto-imagem do Segundo Reinado*. In: NOVAIS, Fernando A. (Org). *A história da vida privada no Brasil: Império*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MOTA, Carlos Guilherme. *Idéias de Brasil: Formação e Problemas(1817-1850)*. In: MOTA, Carlos Guilherme (org.). *Viagem Incompleta: A Experiência Brasileira (1500-2000)*. São Paulo: SENAC, 2000.

NAVES, Rodrigo. *A forma difícil: ensaios sobre a arte brasileira*. São Paulo: Ática, 1996.

NEVES, Lúcia Maria Bastos P.; MACHADO, Humberto Fernandes. *O império do Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

NOVAES, Adauto (org). *A Crise do Estado-nação*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2003.

PAIVA, Eduardo França. *História e imagens*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. (Coleção História &... Reflexões, 1)

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. (Coleção História &... Reflexões, 5)

PLUTARCO. *Vidas*. Apresentação, seleção e tradução direta do grego por Jaime Bruna. São Paulo: Cultrix, s/d. (Clássicos Cultrix).

PLUTARCO. *Alexandre e César: Prefácio de Mário da Gama Kury*. São Paulo: Ediouro, 2001.

POLLAK, Michael. *Memória e Identidade Social*. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro: 1992.

REIS, Elisa P. *O estado Nacional Como Ideologia: o caso brasileiro*. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol 1: 1988. p. 185-328.

REIS, José Carlos. *As Identidades do Brasil: de Varnhagem a FHC*. Rio de Janeiro: FGV, 2001.

_____. *História e teoria: historicismo, modernidade, temporalidade e verdade*. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

REVEL, Jacques. *Microanálise e construção social*. In: REVEL, Jacques (org.). *Jogos de Escala: A Experiência da Microanálise*. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

SANTOS, Afonso Carlos Marques dos. *A invenção do Brasil: Ensaio de história e cultura*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2007.

SANTOS, Renata. *A Imagem negociada: A Casa Leuzinger e a edição de Imagens no Século XIX*. Rio de Janeiro, Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da UFRJ.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *"Os guardiões da nossa história oficial". Os institutos históricos e geográficos brasileiros*. São Paulo: IDESP, 1989

_____. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

_____. *As barbas do imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SEGALA, Lygia. *Ensaio das Luzes sobre um Brasil Pitoresco: o projeto fotográfico de Victor Frond, 1857-1861*. Rio de Janeiro, Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional da UFRJ, 1998.

SILVA, Maria Beatriz Nizza da (org.). *Teoria da História*. São Paulo, Cultrix, 1978.

_____. *Ser nobre na colônia*. São Paulo: Ed. UNESP, 2005.

SIMMEL, Georg. *Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006. (Nova biblioteca de ciências sociais)

SONTAG, Susan. *Sobre fotografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

SOUZA, Iara Lis Franco S . Carvalho. *Pátria Coroada: O Brasil como Corpo Político Autônomo-1780-1831*. São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 1999.

STRAYER, Joseph R. *As Origens Medievais do Estado Moderno*. Lisboa: Gradiva, (S/D)

TOMÁS, Facundo. *Escrito, pintado*. Madrid: A. Machado Libros, 2005.

TURAZZI, Maria Inez. *Poses e trejeitos: A fotografia e as exposições na era do espetáculo – 1839/1889*. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

WARNKE, Martin. *O artista da corte: os antecedentes dos artistas modernos*. São Paulo: Editora da USP, 2001.

WEHLING, Arno. *A invenção da história: estudos sobre historicismo*. Rio de Janeiro: Ed. Central da U. Gama Filho/Niterói: Ed. UFF, 1994.

WEHLING, Arno. *Estado, História, Memória: Varnhagem e a Construção da Identidade Nacional*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

ZENHA, Celeste. *O Brasil de Rugendas nas Edições Populares Ilustradas*. In: Topoi, Revista de História/ Programa de Pós-Graduação em História Social da UFRJ, no. 5, Rio de Janeiro, Editora 7 letras, 2002.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)